

Jornalismo Especializado: Jornalismo Infanto-juvenil

Fernando Miguel Beça Cardoso Jorge de Carvalho

Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo

Abril, 2014

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção de grau de Mestre em Jornalismo, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Carla Batista (Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

À Alexandra, António, Carla, Cláudia e Rita

Agradecimentos

O presente trabalho resulta do meu esforço pessoal e da colaboração prestada por inúmeras pessoas que assumiram aqui um papel determinante, por isso, gostaria de expressar o meu reconhecimento e sincero agradecimento a todos os que me apoiaram direta ou indiretamente, a cumprir os meus objetivos e a realizar mais esta etapa da minha formação académica. Desta forma, deixo algumas palavras que pretendem expressar um sentido e profundo sentimento de gratidão.

Desde o início do mestrado que contei com a confiança e o apoio incondicional de inúmeras pessoas e instituições. Sem esses contributos, este trabalho não teria sido possível.

À Professora Doutora Carla Baptista, a minha orientadora de relatório, expresso o meu profundo agradecimento por me ter orientado numa forma extremamente direta e organizada, que elevou a minha curiosidade pelo campo de investigação deste trabalho e estimulou o meu sentido crítico face aos conteúdos estudados.

Ao Professor Doutor António Granado, coordenador do Mestrado em Jornalismo, agradeço a oportunidade e o privilégio que tive em frequentar este Mestrado que muito contribuiu para o enriquecimento da minha formação académica e científica.

À Doutora Cláudia Lobo, Diretora Adjunta da revista *VISÃO* e orientadora de estágio, pelo seu apoio, amizade e disponibilidade para melhorar e elevar o meu trabalho jornalístico numa revista com uma índole tão característica, de que é exemplo a *VISÃO Júnior*.

À Doutora Rita Xarepe, Editora da revista *VISÃO Júnior*, pela forma como me recebeu para um estágio, e pelo apoio e amizade incondicional que demonstrou durante todo este processo.

A todos os professores que integraram o corpo docente do Mestrado em Jornalismo, por terem sido excecionais nas diferentes vertentes que me apresentaram, num constante desafio académico, numa área científica que originalmente não era a minha.

A todos os editores e jornalistas com quem tive o prazer de trabalhar durante o meu estágio na revista *VISÃO* e *VISÃO Júnior*, pela amizade e companheirismo, e sobretudo pelo enorme profissionalismo e total disponibilidade que revelaram para comigo.

À Doutora Maria da Conceição Mendes, documentalista da GESCO, que me apoiou em todas as pesquisas documentais no arquivo do Grupo Impresa.

Ao Francisco Bastos, colega de mestrado, colega de estágio no Grupo Impresa e grande amigo. O seu apoio e otimismo foram determinantes para a conclusão deste relatório de mestrado.

Ao Luís Figueiredo e Marta Miranda, colegas e amigos muito especiais, que foram extraordinários durante este mestrado, pelo seu apoio e motivação durante todo este percurso.

A todos, um sincero e enorme muito obrigado.

Jornalismo Especializado: Jornalismo Infanto-juvenil

Fernando Miguel Beça Cardoso Jorge de Carvalho

Resumo

O presente relatório de estágio tem por objetivo refletir sobre o jornalismo infanto-juvenil como uma nova tipologia de jornalismo especializado, enquadrado num estágio realizado na revista *VISÃO Júnior*, do Grupo Impresa.

Enraizado nos suplementos infantis e juvenis do princípio do século passado, o jornalismo infanto-juvenil tem vindo a estabelecer-se como uma vertente jornalística que pretende, não só possuir uma índole pedagógica, como também formar os futuros leitores de jornais e revistas. Tratando-se de um tema ainda pouco estudado em Portugal, procurou-se contextualizar historicamente o jornalismo para crianças e jovens, a nível nacional e internacional, incidindo sobre publicações paradigmáticas nos diferentes países considerados.

Tendo como pano de fundo a Convenção dos Direitos da Criança, as publicações infanto-juvenis têm vindo a proliferar, em parte devido às comunidades escolares que as utilizam como ferramenta de incremento pedagógico nos sistemas de ensino, com o objetivo principal de promover a literacia. Ao nível escolar, o fator funcional da leitura jornalística visa promover a leitura literária, ao mesmo tempo que forma as crianças e os jovens para virem a ser adultos informados, conscientes, interventivos e com sentido crítico desenvolvido.

Com o estágio realizado na revista *VISÃO Júnior* procurou fazer-se um estudo do caso português no que respeita ao jornalismo especializado, infanto-juvenil. Os trabalhos produzidos para esta publicação foram transversais a todas as áreas, tendo sempre como perspetiva orientadora uma interrogação crítica acerca da qualidade jornalística do jornalismo que aí se pratica; dito de outro modo, pretendeu-se verificar se se trata, efetivamente, de um jornalismo em sentido pleno, ou se o que aí se publica responde preferencialmente às exigências de um para-jornalismo, vocacionado para a incrementação de uma sociedade de consumo.

Palavras-chave: jornalismo, infanto-juvenil, literacia, leitura, escrita, literatura.

Specialized Journalism: Journalism for Children and Youth

Fernando Miguel Beça Cardoso Jorge de Carvalho

Abstract

This internship report aims to present journalism for children and youth as a new type of specialized journalism, in the context of an internship at *Visão Júnior* magazine, from Grupo Impresa.

Rooted in infant and juvenile newspaper supplements from the beginning of the last century, the journalism for children and youth has been coming to establish itself as one strand of journalism that wants to not only have a pedagogical content as well as prepare future readers of newspapers and magazines. Being a topic not yet well discussed in Portugal, sought to contextualize historically journalism for children and youth, as well as internationally, with publications that are considered models in the different countries presented.

Against the backdrop of the Convention on the Rights of the Child, the publications for children and youth proliferate with the help of school communities who use them as teaching tool in education systems, with the primary goal of promoting literacy. At the school level, the functional factor of journalistic reading intended to promote literary reading at the same time it prepares children and young people in order to become informed adults, conscious, interventional and with a well-developed critical sense.

This internship at *Visão Júnior* magazine tried to make a case study of portuguese specialized journalism for children and youth. The work carried out in this publication was absolutely cutting across all areas, to study the perspective on what constitutes journalism, or if it was a parallel type of journalism aimed to increase societies consumerism.

Keywords: journalism, children, youth, literacy, reading, writing, literature.

Introdução.....	10
1. Crianças e jovens no jornalismo.....	14
1.1. As crianças e os jovens nas notícias	14
2. Jornalismo especializado: infanto-juvenil.....	19
2.1. Os suplementos infantis no século XX.....	21
2.2. Jornalistas infanto-juvenis.....	32
2.3. Jornalismo infanto-juvenil ou para-jornalismo.....	33
2.4. Literacia mediática	34
2.5. Estudo de caso: VISÃO Júnior.....	41
2.6. Jornalismo infanto-juvenil internacional.....	43
2.6.1. First News (Reino Unido).....	44
2.6.2. TIME For Kids (Estados Unidos da América).....	44
2.6.3. Astrapi (França).....	45
2.6.4. Okapi (França).....	46
2.6.5. Reportero DOC.....	47
2.6.6. El Gancho (Espanha).....	47
3. Relatório de estágio.....	49
3.1. VISÃO Júnior.....	53
3.1.1. Estágio VISÃO Júnior.....	54
3.1.1.1. Notícias VISÃO Júnior.....	56
3.1.1.2. Calendário VISÃO Júnior.....	57
3.1.1.3. Passatempos VISÃO Júnior.....	58
3.1.1.4. Reportagens VISÃO Júnior.....	59

3.1.1.5. Animais VISÃO Júnior.....	61
3.1.1.6. Música VISÃO Júnior.....	62
3.1.1.7. Cinema VISÃO Júnior.....	63
3.1.1.8. Antes e depois.....	64
3.1.1.9. Livros preferidos.....	65
3.1.1.10. Ler é divertido.....	66
3.1.1.11. Iniciativa escolar: «Agora o escritor és tu!»....	66
3.1.1.12. Outros artigos VISÃO Júnior.....	70
3.1.1.13. VISÃO Júnior Online.....	71
3.2. VISÃO.....	72
3.2.1. Estágio VISÃO.....	73
3.2.1.1. Secção Sociedade VISÃO.....	74
3.2.1.2. Secção Cultura VISÃO.....	77
3.2.1.3. Secção VISÃO Sete.....	78
3.2.1.4. VISÃO Online.....	78
Conclusão.....	79
Bibliografia.....	83
Anexos	86

Introdução

Num dado momento das nossas vidas, já todos fomos crianças, jovens, e só isso conseguirá torna-nos, automaticamente, potenciais escritores infanto-juvenis? Leitores talvez, mas no que toca à escrita especializada para estas faixas etárias, os critérios não passam apenas por um eixo de comparação entre aquilo que fomos e aquilo que as crianças e jovens são aos nossos olhos. Nem todos nos lembramos da voz que tivemos durante esse período das nossas vidas. A maneira de pensar e os interesses transformam-se, diluem-se na memória dando lugar a conceitos que consideramos mais relevantes.

A literatura infanto-juvenil com as suas particularidades textuais permanece entre o mundo dos adultos com ecos que chegam ao mundo das crianças e dos jovens. De uma forma ou de outra, toda a literatura infanto-juvenil tem de negociar esse espaço, seja a pensar no modo como o texto de um livro será recebido pelos jovens leitores, ou como estes se veem a si mesmos num mundo gerido pelos adultos. E ainda antes de chegar às mãos, aos olhos e aos ouvidos dos mais novos, esta literatura ainda terá de lidar com muitos outros adultos, como editores, ilustradores, revisores, publicitários e, até os adultos envolvidos no ato da compra.

Assim, a escrita especializada para crianças e jovens assume uma importância determinante pois funciona como um elemento de mediação entre dois mundos que, sendo contíguos, não se tocam necessariamente, e como instrumento de formação: porque se somos capazes de ler estas linhas, já fomos crianças um dia, tendo sido nesse tempo que aprendemos os primeiros fonemas, que associámos a grafemas, que deram origem a sílabas que formaram palavras, que formaram frases e que nos transmitiram a competência leitora que agora pomos em prática.

Ainda no plano da literatura infantil e juvenil, importa considerar um outro tipo de escrita que, historicamente, quis demarcar-se como um estilo entre o jornalismo e a literatura; um tipo de escrita que procurou especializar-se em vista de um público mais jovem, que abrange os novos leitores. Na vanguarda deste jornalismo experimental surgem inúmeros suplementos que pretendiam estabelecer-se como apêndices pedagógicos, dotados de uma vertente lúdica e de uma vertente informativa. Num

contexto em que a informação era exclusiva às camadas mais abastadas dos grandes centros urbanos portugueses, o surgimento, em finais do século XIX, de publicações divulgadas a nível nacional, modificou substancialmente o panorama na medida em proporcionou, a uma comunidade mais alargada, o acesso a conteúdos informativos e, como tal, a construção de pontos de vista mais elaborados sobre o país e o mundo, a formação de uma consciência política e o desenvolvimento de um sentido crítico: ao cimentar comunidades de leitores, a imprensa foi igualmente a responsável pela criação do espaço público. Se atendermos a que, neste período da história nacional, a taxa de analfabetismo¹ rondava os 73% e que o ensino básico obrigatório não ia além do 1.º Ciclo do Ensino Básico, a criação de publicações que proporcionassem às crianças e jovens suportes para a promoção da literacia seria determinante.

É neste contexto que surge o enquadramento para este trabalho: a relação dos públicos infanto-juvenis com os meios de comunicação social, e o efeito de reciprocidade sobre eles, constitui o objeto de estudo que se pretende desenvolver, abordando simultaneamente a importância da imprensa para a promoção da leitura e, numa dimensão mais abrangente, da literacia mediática. Ao mesmo tempo, pretende-se investigar um novo género de jornalismo especializado: o jornalismo infanto-juvenil; campo que tem adquirido cada vez mais relevo a nível internacional, com revistas e jornais semanais, dedicados em exclusivo aos interesses dum público mais jovem, procurando abrir caminho para a literatura através da alfabetização funcional.

Com vista a um entendimento fundamentado destes conceitos, nomeadamente no que respeita à relação das crianças e dos jovens com a imprensa, tornou-se necessário enquadrar historicamente o fenómeno, tentando compreender o modo como estes indivíduos passaram a ser um público relevante para os meios de comunicação social. Neste prisma, importou igualmente investigar o modo como os artigos especificamente dirigidos às classes etárias em questão são, muitas vezes, redigidos com o objetivo principal de formar os mais novos, condicionando-os àquilo que os adultos esperam deles, ou simplesmente pensados a partir de lógicas de consumo e de entretenimento. Neste âmbito, o jornalismo especializado para os públicos

1 António Candeias, et al. (2007): *Alfabetização e Escola em Portugal nos Séculos XIX e XX*. Os Censos e as Estatísticas, Fundação Calouste Gulbenkian, p.40

infanto-juvenis oferece-se como um importante objeto de estudo. Considerando a especificidade desta faixa etária, este trabalho procurará contextualizar e compreender as circunstâncias em que o jornalismo passou a ser leitura para crianças, tentando igualmente apontar as suas características originais e as principais reorientações programáticas e instrumentais que foi, historicamente, conhecendo.

A pesquisa pretendeu, por isso, abarcar a componente histórica, tendo igualmente em conta a dimensão gráfica (que engloba a ilustração e a banda desenhada), bem como a paginação, repertoriando os momentos mais determinantes de uma possível fusão – ou permeabilidade de campos e de premissas – entre o jornalismo e a literatura infantil. Uma das hipóteses a verificar será, por isso, a de tentar perceber até que ponto as primeiras publicações de suplementos infantis e juvenis podem ou não ser consideradas o alvorecer dum jornalismo especializado.

A primeira parte deste trabalho pretende dar a conhecer a história dos suplementos infanto-juvenis que, imbuídos dum teor literário, fundado na literatura infantil do final do século XIX, viriam a difundir-se nos jornais da época; ao mesmo tempo que se pretende entender a emergência da criação de publicações deste género para a construção de um leitor mais jovem, interrogando para isso a noção de infância no âmbito da história social. Na sequência deste enquadramento, procurar-se-á entender o aparecimento de um número crescente de escritores especializados em literatura infanto-juvenil, o que irá possibilitar, mais tarde, o aparecimento de um jornalismo especializado que se fez rodear de nomes incontornáveis da nossa literatura infantil e juvenil. É com base na consolidação da literatura infantil que será possível apontar o momento em que o jornalismo, independentemente do seu formato, passa a apresentar-se como leitura para crianças e jovens, e definir as características que marcam, na sua génese, o jornalismo infanto-juvenil.

Do ponto de vista da investigação académica, estas questões não foram ainda tratadas com a desenvoltura necessária, existindo apenas estudos que destacam a importância dos suplementos no panorama histórico do jornalismo para a formação de futuros leitores de jornais e revistas. Para um entendimento mais aprofundado do jornalismo infanto-juvenil, como formador e emancipador, mostra-se, por isso, necessário relacionar este campo de investigação com os diferentes momentos históricos

que marcam o surgimento da noção de infância. Para tal, convocaram-se autores como Cristina Ponte, Maria José Brites e António Nóvoa, que têm vindo a desenvolver estudos no âmbito da história e da atualidade do público infanto-juvenil no contexto do jornalismo. O encontro de autores, que aqui se apresenta, pretende fundamentar a investigação a que este trabalho se propõe, num pressuposto que se quer unificador de diferentes perspetivas teóricas que confluem para a temática do jornalismo especializado em crianças e jovens. Áreas como a representação da juventude nos média, a cobertura jornalística da infância e a representação da literacia mediática, convergem no âmbito deste trabalho.

A metodologia de estudo empregue neste relatório pretende dar uma visão panorâmica, num quadro nacional e internacional, daquilo que se tem vindo a fazer no âmbito do jornalismo especializado no público infanto-juvenil. Definido o sentido geral do trabalho, tornou-se necessário realizar uma investigação em duas direções complementares. Por um lado, proceder a uma revisão bibliográfica e documental de modo a fixar temas pertinentes para este estudo. E por outro lado fundamentar a abordagem teórica numa análise prática decorrente de um estágio na revista *VISÃO Júnior*.

Com estas noções, e com a tardia Convenção dos Direitos da Crianças, aparecem em Portugal novos suplementos que pretendem apostar em nichos de mercado direcionados à infância e à juventude, de que são exemplos as revistas de índole religiosa *O Nosso Amiguinho* e *Audácia*; e o suplemento da revista *Notícias Magazine*, chamado *Terra do Nunca*. Com a entrada no século XXI, o grupo Impresa aposta numa nova revista, a *VISÃO Júnior*, publicação que se pauta pelos mesmos critérios editoriais da revista *VISÃO*, apostando, mais do que as suas predecessoras, na informação.

Para completar este estudo, o estágio na revista *VISÃO Júnior* – a única do segmento, atualmente em circulação mensal – constitui uma peça determinante para a fundamentação do trajeto delineado no âmbito do jornalismo especializado, concretamente o jornalismo infanto-juvenil. Com este estágio pretende-se ampliar o campo de estudo desta especialidade de jornalismo, a fim de o categorizar e individualizar das restantes variedades jornalísticas.

1. Crianças e jovens no jornalismo

O âmbito de estudo deste relatório de mestrado tem por objetivo mostrar o universo emergente do jornalismo infanto-juvenil como um novo tipo de jornalismo que se pretende especializado nestas faixas etárias, dotado de uma linguagem própria e com características que o tornam, em última instância, num instrumento vocacionado para a promoção da leitura. Esta tipologia jornalística, em tudo apelativa e desafiadora, não quer só chamar a si o público de leitores iniciados; quer também expandir o seu campo de influência a todos aqueles cuja curiosidade se manifesta a partir de temas isolados: quando falamos em faixas etárias como a dos 6 aos 10 anos (ou seja, as crianças que frequentam o 1.º ciclo do ensino básico), os artigos sobre a vida animal e sobre o corpo humano conseguem atrair mais atenções; enquanto no grupo dos 11 aos 13 anos (alunos do 2.º ciclo do ensino básico), o interesse recai sobre conteúdos relacionados com a música, a tecnologia e o cinema, numa perspetiva diretamente ligada com a transferência de interesses e a construção da personalidade.

Contudo, o foco de interesse estreita-se quando uma reportagem ou artigo indiferenciado tem como personagens crianças ou jovens. Nota-se, porém, um interesse que é transversal a todas as idades, da infância à idade adulta. Histórias de incidência humana ou social, onde são retratadas as vidas de crianças e jovens, acabam por absorver a atenção de um público vastíssimo, muitas vezes numa posição de apropriação do lugar das personagens retratadas, porque são crianças ou porque foram crianças.

1.1. As crianças e os jovens nas notícias

Nas últimas décadas, o interesse pelo público infanto-juvenil nas notícias tem vindo a incrementar-se muito por causa da exposição que crianças e jovens têm vindo a adquirir na esfera pública e através das redes sociais. Nas grelhas de programação dos diferentes canais, a nível nacional e internacional, multiplicam-se os programas dedicados a este público, em horário nobre, com competições artísticas e *reality shows*, em que os atores são os mais novos, assumindo papéis de adultos em miniatura.

Com a Convenção dos Direitos da Criança², de 20 de novembro de 1989 (ratificada a 21 de setembro de 1990), elaborada com o auxílio da UNICEF e articulada com a Federação Internacional de Jornalistas (FIJ), nasceu um guião para o tratamento noticioso dos direitos da criança. Uma convenção que assenta em quatro linhas orientadoras que, a nível mundial, se pretendem canónicas para o tratamento racional de todas as pessoas até aos 18 anos de idade, independentemente de raça, sexo ou estrato social:

- *a não discriminação, que significa que todas as crianças têm o direito de desenvolver todo o seu potencial – todas as crianças, em todas as circunstâncias, em qualquer momento, em qualquer parte do mundo.*
- *o interesse superior da criança deve ser uma consideração prioritária em todas as ações e decisões que lhe digam respeito.*
- *a sobrevivência e desenvolvimento sublinha a importância vital da garantia de acesso a serviços básicos e à igualdade de oportunidades para que as crianças possam desenvolver-se plenamente.*
- *a opinião da criança que significa que a voz das crianças deve ser ouvida e tida em conta em todos os assuntos que se relacionem com os seus direitos (UNICEF, 1989).*

A ética jornalística, quando se trata de jornalismo que envolva crianças e jovens, tem vindo a evoluir, muito pelo aumento de publicações especialmente direcionadas para esta faixa etária.

² UNICEF, *Convenção dos Direitos da Criança*, 1989

O relatório da FIJ, que acompanhou a Convenção dos Direitos da Criança, destacou a ausência de estudos sobre criança e jovens na formação académica de repórteres, apontando-se uma falta de sensibilidade jornalística em relação à cobertura jornalística de crianças em situação de risco. Vários esforços foram levados a cabo para resolver esta lacuna, incluindo a criação de cursos de formação de curta duração promovidos pela própria UNICEF e outras organizações não-governamentais e agências dos direitos da criança. A própria FIJ fomentou a sensibilização para o papel que os jornalistas podem desempenhar na promoção dos direitos humanos, chamando a atenção para a situação das crianças e jovens em todo o mundo e sublinhando a necessidade de formar correspondentes especializados na infância, que tenham em consideração as definições propostas pela convenção.

A Convenção dos Direitos da Criança foi, sem dúvida, a base para o impulso de uma maior conscientização da comunicação social no que respeita às crianças enquanto titulares de direitos. A convenção reflete uma nova perspetiva sobre criança e o adolescente. Eles são seres humanos detentores de direitos próprios. É neste contexto que o papel do jornalismo é visto como crucial. A própria convenção ratificada³ de 1990 presta especial atenção ao papel da comunicação social na vida das crianças, como previsto no Artigo 17.º do documento da UNICEF.

Artigo 17.º

Os Estados Partes reconhecem a importância da função exercida pelos órgãos de comunicação social e asseguram o acesso da criança à informação e a documentos provenientes de fontes nacionais e internacionais diversas, nomeadamente aqueles que visem promover o seu bem-estar social, espiritual e moral, assim como a sua saúde física e mental. Para esse efeito, os Estados Partes devem:

a) Encorajar os órgãos de comunicação social a difundir informação e documentos que revistam

³ UNICEF, *Convenção dos Direitos da Criança* (versão ratificada), 1990

utilidade social e cultural para a criança e se enquadrem no espírito do artigo 29.º;

b) Encorajar a cooperação internacional tendente a produzir, trocar e difundir informação e documentos dessa natureza, provenientes de diferentes fontes culturais, nacionais e internacionais;

c) Encorajar a produção e a difusão de livros para crianças;

d) Encorajar os órgãos de comunicação social a ter particularmente em conta as necessidades linguísticas das crianças indígenas ou que pertençam a um grupo minoritário;

e) Favorecer a elaboração de princípios orientadores adequados à proteção da criança contra a informação e documentos prejudiciais ao seu bem-estar, nos termos do disposto nos artigos 13.º e 18.º (UNICEF, 1990).

Contudo, o papel que os jornalistas podem desempenhar na implementação dos direitos das crianças, resguardando-as do interesse público, como profissionais dos média, não têm forçosamente que assentar na função de defensor. O seu papel continuará a ser o de relatar com precisão informações e acontecimentos, mas ao fazê-lo, terão de demonstrar uma consciência aguda dos direitos fundamentais da criança. É graças a estes tratados internacionais que, quando crianças ou adolescentes são protagonistas de episódios noticiosos de interesse público – seja como vítimas ou como agressores – tem de ser assegurada uma proteção especial, decorrente dos tratados internacionais

As crianças os e adolescentes são um dos maiores capitais para o desenvolvimento de qualquer sociedade. E a melhor maneira de assegurar o pleno desenvolvimento das capacidades e potencialidades das gerações mais jovens é, sem dúvida, garantir o seu bem-estar geral.

“Os meios de comunicação social, sendo agentes sociais básicos nas democracias ocidentais, não são estranhos a este novo paradigma e redefinição dos papéis das crianças e jovens⁴” (Ponte, 2000). O jornalismo constitui em si mesmo uma ferramenta importante para informar e sensibilizar a sociedade para a construção duma realidade mais justa. Os comunicadores, na sua prática, dão um enorme contributo para a promoção do respeito pelos direitos humanos das crianças e adolescentes, promovendo a discussão social e a execução de políticas públicas que garantam o seu pleno desenvolvimento. No jornalismo também se devem proteger as informações e todo o material que possa ser suscetível de prejudicar o desenvolvimento físico ou moral, considerando as crianças e os adolescentes como participantes ativos na sociedade.

Assim, as agências de comunicação e os jornalistas enfrentam o desafio e a responsabilidade de não só produzirem informações e conteúdo de qualidade, que estejam de acordo com o delineado pela convenção, como também a formação e especialização de profissionais que escrevam para crianças e adolescentes. “A pesquisa académica e a reflexão de profissionais sobre a cobertura jornalística de crianças é ainda escassa mas vêm registando um interesse crescente” (Ponte, 2000).

De forma recorrente, as notícias acabam por circunscrever as temáticas que abordam o universo da vida das crianças e dos jovens. Conteúdos que, muitas vezes, obedecem a uma agenda de temas que fazem notícia para servirem de exemplo ou para evidenciarem atitudes polarizantes que vão suscitar o interesse social. Cristina Ponte⁵, alude à criação, por contributos da história, da sociologia e da antropologia da infância, de categorias sociais e culturais que permitem a diferenciação de temas relacionados com crianças e jovens. Neste contexto aparece a *criança aluno*, *criança em risco*, a *criança da Europa* e a *do Terceiro Mundo*, a *criança olímpica* e a *criança da ciência*, que no estudo internacional de Ponte, são aquelas que evocam os valores socioculturais do ocidente: vulnerável, inocente e dependente. Fará sentido ainda apontar a criança prodígio e a criança delinquente. O ambiente escolar, palco de muitas notícias, acaba

⁴ Cristina Ponte, «*Quando as Crianças são Notícia: Atas do Congresso Internacional: volume III*», Universidade do Minho, 2000, p.338

⁵ Cristina Ponte, «Cobertura Jornalística da Infância: Definindo a Criança Internacional», *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 38, 2002, p.62

por funcionar como “uma instituição de sequestro, como os hospitais e as prisões”, segundo Foucault⁶, onde os acontecimentos se sucedem e onde se moldam os ideais e a conduta humana. É nesta espécie de “viveiro” que as diferentes *crianças* apontadas por Ponte proporcionam ao jornalismo a grande maioria das suas histórias. As crianças prodígio que são notícia pelos resultados escolares extraordinários ou por capacidades uma qualquer capacidade artística ou cognitiva notável. E as crianças delinquentes que assumem o seu meio social em diferentes contextos através de eventos de violência que vão perpetrar no seio da comunidade escolar.

2. Jornalismo especializado: infanto-juvenil

O papel da imprensa infantil esteve desde sempre ligado à promoção da leitura, sendo hoje a *Visão Júnior* o exemplo mais popularizado e com o cunho *Ler+*, do *Plano Nacional de Leitura*; a viabilidade deste tipo de proposta e a sua eficácia dependerá sempre do conteúdo que apresenta e da sua orientação editorial.

Sem dúvida que a leitura, em qualquer um dos seus suportes (livros, revistas, jornais e suplementos), utiliza um tipo de linguagem que define o seu género, e estimula a criança leitora criando laço e definindo hábitos leitores. Ler revistas, jornais, livros, é uma atividade positiva, e que conduz ao sucesso da leitura que se quer literária, que evoque a interpretação, e de raiz funcional, numa segunda fase.

Para conhecer o papel da imprensa infantil na promoção da leitura, é preciso, em primeiro lugar, conhecer as revistas que hoje estão disponíveis para o público infanto-juvenil, uma vez que não se trata, neste caso, de um jornalismo abstrato, mas antes de um jornalismo mais concreto, cujo interesse e eficácia variam notavelmente segundo os seus conteúdos e orientação.

A leitura, em qualquer um dos seus suportes, sempre que trata temas interessantes e que utiliza uma linguagem adequada, tende a estimular o processo de compreensão e curiosidade dos mais novos, desencadeando outras leituras, na medida em que cria, progressivamente, hábitos literários.

⁶ Michel Foucault, *Vigiar e Punir*, Edições 70, 2013, Lisboa

Embora a leitura de revistas possa ser considerada uma atividade positiva em si mesma, tal como a leitura de livros, é necessário analisar estas publicações para se perceber se realmente estimulam o processo leitor ou se, pelo contrário, constituem leituras fechadas sobre si mesmas que deixam pouca margem para o acesso à leitura literária no seu sentido mais lato: compreensão, síntese e sentido crítico, face àquilo que se lê.

Há que, primeiramente, definir critérios e encontrar um consenso face àquilo que se considera revista/suplemento infantil, já que existem inúmeras publicações que podem criar alguma confusão. Um dos primeiros aspetos a ter em conta é o da sua periodicidade – isto é, verificar se se trata de uma edição semanal, quinzenal, mensal ou trimestral – para se criar desde logo uma distinção face a outros suplementos com uma publicação irregular, sem compromisso de continuidade editorial.

Outro aspeto determinante é a faixa etária a que estas revistas e suplementos se dirigem. Assim, poderemos atribuir o nome de jornalismo infanto-juvenil às publicações que se dedicam a um público-alvo com menos de 15 anos e que, tanto pela sua linguagem como pelo conteúdo e apresentação, interessam a estas idades. Contudo, não é possível estabelecer esta classificação de um modo estanque, pois uma revista para crianças dos 6 aos 9 anos pode ser bem diferente de uma publicação para outras de 12 ou 13 anos.

No que respeita aos conteúdos, observam-se igualmente outras variáveis, podendo estes ser mais vincadamente ligados à literatura e à banda desenhada, ou alternar entre as notícias, o humor e a cultura, numa vertente mais próxima do estilo jornalístico.

A questão que não pode deixar de se colocar neste contexto é a de determinar se, de facto, a leitura jornalística promove a leitura literária? Não há muitos estudos sobre este tema, mas o que transparece é que a escrita jornalística infanto-juvenil se impõe como um novo meio de expressão, que utiliza técnicas diferentes das da literatura infanto-juvenil e do jornalismo, com uma linguagem cuidada, mais clara e sintética, mas com um ritmo apelativo e uma cadência que promove a continuidade e o interesse. Enquanto a leitura jornalística recorre a uma linguagem mais visual, ancorada na

fotografia e na ilustração, acabando, desse modo, por apelar a todos os leitores, a leitura literária perde ímpeto na medida em que requer um esforço imaginativo e de compreensão muito maior. O salto que um leitor do público infanto-juvenil de revistas ou suplementos tem que dar para a leitura de livros é substancial, principalmente se apontarmos para trabalhos literários onde a ilustração é parca ou inexistente. Ainda assim, o contributo do jornalismo infanto-juvenil não pode ser menorizado, já que a promoção da literatura através de mediadores fará com que essa evolução seja mais fácil.

Historicamente, os suplementos tendiam a construir uma imagética social conservadora e passadista: apresentavam pontos de vista fortemente maniqueístas, componentes de ridicularização dos mais fracos em oposição à supremacia dos mais fortes (até fisicamente), representações da mulher em papéis de subserviência, desacreditação do esforço no trabalho. À parte do conteúdo claramente humorístico desta componente gráfica dos suplementos, denotava-se um grande desinvestimento na vertente imagética, havendo maior esforço criativo nas palavras e textos.

Estas publicações, pejudicadas de bandas desenhadas que se tornariam de culto ao longo das décadas seguintes, também apresentavam reportagens, notícias e passatempos, que na sua génese pretendiam formar/formatar os leitores, dando conteúdos pedagógicos encapotados em artigos que pudessem interessar ao público infanto-juvenil.

2.1. Os suplementos infantis no século XX

Na sequência da criação e proliferação dos primeiros jornais portugueses, pouco tardou o aparecimento de artigos dedicados exclusivamente às crianças. Esta prática do jornalismo especializado para crianças e jovens, que se tornou usual, hoje esconde raízes antigas, cujas linhas orientadoras se pautavam por uma nova dimensão dada à primeira fase do desenvolvimento humano, sobretudo após o século XVIII: a infância.

Contudo, não se pode afirmar em absoluto que as primeiras publicações elaboradas para o público infantil constituíssem, de facto, jornalismo. O fio condutor entre estas publicações foi sempre o de ter uma finalidade pedagógica.

Quando os suplementos infanto-juvenis começaram a impor-se como formato específico, a visão destas publicações era muito paternalista e sobretudo didática, incentivando as crianças a aprender e a procurar o apoio dos pais para isso. No final do século XIX, com o aparecimento das ilustrações e de algumas bandas desenhadas, houve uma clara tentativa de tornar estas publicações periódicas mais lúdicas e divertidas. Foi um grande ponto de viragem pois deu-se início à cultura da imagem. O ato lúdico passa a ocupar um lugar de destaque, promovendo a relação entre o ensino e a aprendizagem. Assim, mais do que um trabalho para crianças, estas publicações passam a constituir momentos de partilha entre os adultos e os mais novos.

Historicamente, o público infantil e juvenil passou a constituir uma camada importante para a imprensa, sendo as mensagens que a elas se dirigem, trabalhadas no sentido de formar os mais novos para aquilo que os outros esperam deles, quando não são simplesmente pensadas a partir de lógicas de consumo e de entretenimento. Como tal, o jornalismo infanto-juvenil, a imprensa jornalística para crianças e jovens, aparece como produto especializado, dotado de uma importância particular, direcionado a este público com necessidades tão particulares.

Sendo um segmento tão importante para o panorama educativo atual, esta especialização do jornalismo passou a ser relevante para o incremento do interesse pela leitura por parte das crianças e jovens; um incremento que está enraizado numa tradição que remonta à literatura infantil e juvenil de séculos anteriores. Se procuramos analisar a questão no âmbito da historiografia da literatura, tentando compreender quando e como se processou a união do jornalismo e da literatura infantil e juvenil, verificamos que as primeiras publicações infantis traduzem o alvorecer de um trabalho jornalístico a especializar-se. A consciencialização tardia dada ao jornalismo infanto-juvenil deve-se a um processo histórico segmentado, ligado a uma reflexão pouco aprofundada sobre as necessidades específicas deste público e, conseqüentemente, à conceção da noção de criança em termos sociológicos. No que respeita a este ponto, o século XVIII afigura-se como um marco determinante para o início de uma nova concretização acerca da relevância da criança na sociedade. Jean-Jacques Rousseau⁷, na obra *Emílio* (1762), sublinhou a importância de combater ideais que prevaleciam desde a antiguidade. Entre

⁷ Jean-Jacques Rousseau, *Emílio: Volume I*, Europa-América, 1992

elas, a de que as teorias e as práticas educativas das crianças deviam focar-se principalmente nos interesses dos adultos e na vida adulta, chamando a atenção para as necessidades dos mais jovens e para as diferentes etapas que constituem o desenvolvimento infantil. Como tal, para Rousseau, a criança não podia ser percecionada como um adulto em miniatura. Logo, se a criança possui características próprias, não só as suas ideias e os seus interesses têm de ser diferentes das dos adultos, como também o tratamento rígido mantido pelos adultos em relação a elas precisaria de ser modificado e alicerçado noutras premissas.

A nível nacional e internacional, as primeiras publicações dedicadas a um público maioritariamente infantil, apresentavam conteúdos muito semelhantes, mesmo derivativos ou redundantes, refletindo a influência que os primeiros títulos teriam nos seguintes. Tanto os suplementos portugueses como as publicações francesas subordinavam a abordagem da temática da educação a assuntos relativos aos interesses sociais, políticos e económicos da época.

Essas primeiras incursões pelo jornalismo infantil secundarizavam informações noticiosas que retratassem acontecimentos (tipo de textos que escasseia nestas publicações), privilegiando, em contrapartida, as histórias e os contos. As bandas desenhadas⁸ eram marcadamente, pelo humor e pela imagética, a principal linha orientadora dum jornalismo que viria a nascer mais tarde, depois de se perceber a posição e importância ocupada pelas crianças na sociedade de finais de século XIX, princípio do século XX. As bandas desenhadas surgiram antes dos jornais semanários e dos suplementos, e foram sendo predominantes até a inclusão de secções mais atrativas, nomeadamente, os passatempos. A educação dos mais novos continuou a ocupar um lugar de destaque, em detrimento dos conteúdos mais marcadamente jornalísticos.

Secções como as de passatempos, contos e bandas desenhadas, eram comuns a todas as publicações impressas, foram alimentando a comunicação entre os leitores e os jornalistas, havendo ainda espaço para que os responsáveis pela publicação pudessem verificar o sucesso das diferentes secções e personagens, bem como o interesse dos leitores nos temas apresentados.

⁸ Ver anexos, página 87.

Observando de uma forma analítica os conteúdos com mais ocorrências nestes suplementos, verifica-se uma clara inobservância das características que definem o jornalismo moderno, exceção feita à periodicidade estabelecida e geralmente cumprida (fundamental ao jornalismo). Os primeiros jornais e suplementos mantinham-se, por isso, muito próximos da estrutura dos livros infantis e juvenis, sendo que se pretendiam estabelecer-se como publicações jornalísticas especializadas, precisariam de aperfeiçoar os padrões editoriais para se mostrarem em conformidade com o que então se fazia no âmbito do jornalismo. Os temas e materiais usados eram vazios de informação e podiam ser encontrados em livros, tudo numa tentativa de agradar aos leitores e de servir, muitas vezes, uma ideologia política, que saltava entre a sala de aula, a vida familiar e as páginas do jornal. Estes conteúdos escapavam aos princípios do jornalismo por não fornecerem informações de atualidade que pudessem despertar o interesse das crianças e dos jovens para o mundo em seu redor, no sentido de promover a aquisição de novos conceitos e sentido crítico. Com o tempo, muitas dessas publicações reorganizaram-se a nível editorial e passaram a apresentar textos de cariz jornalístico nas suas edições.

A inclusão de temas informativos atuais, do interesse dos leitores, a busca permanente de novos conteúdos, explicações com recurso a fontes e secções destinadas à participação dos leitores, contribuíram para conferir aos suplementos mais características próprias do jornalismo.

Estas mudanças distanciaram gradualmente estas publicações das características formais dos livros de literatura, permitindo uma lenta aparição e configuração dos elementos jornalísticos nos suplementos. Uma crescente curva evolutiva provocou novas preocupações. Depois do enquadramento dos novos temas e secções mais vincadamente jornalísticas, a principal preocupação transferiu-se para a apresentação dos suplementos ao nível gráfico: as cores, as fontes e os seus tamanhos, os desenhos e ilustrações: todos estes elementos podiam, como se compreende, determinar o sucesso ou o fracasso destas publicações junto de um público tão particular. O poder atrativo de um jornal ou revista aumenta quando utiliza recursos gráficos que tenham afinidades com as necessidades do leitor. O tamanho e o tipo da letra, as cores, a partição em secções, a apresentação de imagens e fotografias, tudo tem interferência no processo

leitor. Não há dúvida de que estas modificações contribuíram para o sucesso das inúmeras publicações que se estabeleceram no princípio do século XX.

É, pois, forçoso constatar que os antigos suplementos infantis são de suma importância para o estudo do processo evolutivo do jornalismo para crianças e jovens. À semelhança dos restantes âmbitos e especializações do jornalismo, o infanto-juvenil também possui uma história de construção, formação e desenvolvimento que possibilita a sua compreensão como objeto de análise sociocultural.

Como suplemento infantil entende-se toda uma secção dedicada às crianças, publicada periodicamente num jornal ou revista de carácter não infantil. Este tipo de publicações teve um papel muito importante no panorama editorial infanto-juvenil e de banda desenhada.

Os suplementos infantis, tal como eram publicados na sua origem, apresentam vantagens, mas também desvantagens. Dentre os aspetos positivos destaca-se o facto de serem publicações económicas para os leitores (na medida em que eram impressos e saíam com o próprio jornal diário), bem como o facto de ocuparem uma a duas folhas, de terem periodicidade semanal ou quinzenal, e de permitirem o aparecimento de novos artistas plásticos e literários, que, nestas páginas, aperfeiçoavam as suas técnicas.

A grande desvantagem destes suplementos estava no número reduzido de páginas, não abarcando tantas histórias e ilustrações como as revistas para crianças, na circunstância da impressão ser de má qualidade e bastante rudimentar, em papel de jornal, a preto e branco ou a uma cor, o que os desfavorecia perante as publicações infantis (Ferro⁹, 1987:151-152).

A situação política nacional, na década de 20, estimulou o aparecimento deste tipo de formatos e assim começa um período de grande esplendor, com publicações nascidas pela mão de figuras icónicas da literatura portuguesa infantil e para adultos.

A partir dos anos vinte tornou-se habitual que grande parte dos jornais, e quase todos os jornais importantes,

⁹ João Pedro Ferro, *História da banda desenhada infantil portuguesa: das origens até ao ABCzinho*, Editorial Presença, 1987

apresentassem um suplemento infantil. Assim, surgiram sucessivos suplementos, quase todos seguindo os moldes e o exemplo do «Pim-Pam-Pum», suplemento infantil do diário O Século, aparecido em 1925 e cujo último número foi publicado em Fevereiro de 1977. Deste suplemento saíram apenas 2554 números, durante 52 anos! Foi esta a mais longa publicação para crianças, superando em longevidade os mais populares periódicos infantis e juvenis. Pela sua direcção passaram nomes grandes do mundo dos pequeninos, como Augusto de Santa-Rita (pseud. Papim), Eduardo Malta (pseud. Papsuse) e Luís Ferreira (pseud. Tio Luís) (Ferro, 1987:150).

Nas décadas seguintes, com a consolidação da imprensa portuguesa, o desenvolvimento sociocultural também se reflete nos formatos para a infância, havendo agora um maior envolvimento das crianças nas publicações, promovendo-se concursos, publicação de textos e trocas epistolares. Neste período, os suplementos infantis procuravam deliberadamente educar o seu público de forma lúdica, ao mesmo tempo que incutiam, com a família, os valores salazaristas. A imprensa escrita passa a ser uma arma de propaganda ideológica tanto do Estado Novo - como dos seus opositores - numa tentativa de conter informação desfavorável ao regime.

Com a institucionalização da censura - que apareceu pouco tempo depois do pronunciamento de 28 de maio de 1926 que instaurou a Ditadura Militar -, e cada vez mais após a segunda Guerra Mundial, a vigilância e o exame feito às publicações pelos organismos competentes em colaboração com a própria autocensura dos jornalistas, simplificou-se. No entanto, a imprensa procurou cumprir com a sua missão de divulgação cultural e lúdica através de jornais diários, revistas e suplementos infantis.

Durante o Estado Novo, a imprensa nacional e regional, revestiu-se duma importância determinante. Era fundamentalmente o órgão de informação e formação primordial dos mais diversos estratos sociais e tipos de leitores, não só dos residentes nos centros urbanos, como Lisboa e Porto, como também dos das outras regiões,

denominadas então como província. Esse mesmo poder fundamental já era confirmado pelo próprio Marcello Caetano, em 1947, reconhecendo que “A missão da imprensa é orientar a opinião pública e não deixar-se conduzir por ela”¹⁰.

“Os jornais tinham a função de difusores de programas de ação governamentais, decisões oficiais provocadas por acontecimentos específicos, textos propagandísticos, e, ainda que de modo muito limitado, veiculavam ideias e representações relativas à Educação por meio de comentários, exposições e estudos. No entanto, devido à censura, havia determinados problemas que não podiam ser debatidos. Deles, ou se conservam apenas declarações oficiais que transmitem uma única versão, ou ficaram artigos de opinião não assinados. Num e noutro casos, uma leitura comparativa mais atenta revela que se trata somente de textos provenientes dos meios governamentais” (Adão, 2012:12).

Apesar de se manter este teor vincadamente propagandístico, a verdade é que para muitos os suplementos e os próprios jornais ocupavam um espaço determinante para o contacto com a cultura e com a esfera social e política do país de então. Nos finais da década de 60, quando já se alastrava e avolumava a contestação estudantil e da classe dos professores mais jovens, o ministro da Educação Nacional, José Hermano Saraiva, considerava a imprensa “um dos instrumentos basilares da formação da juventude”¹¹.

Outro exemplo do jornalismo para jovens foi o suplemento *Diário de Lisboa Juvenil*¹², que, desde 1957, passou a integrar as páginas de sábado do jornal *Diário de Lisboa*. Desenvolvido por Mário Castrim e Augusto da Costa Dias, serviu de palco de estreia nas incursões jornalísticas e literárias de inúmeros nomes que hoje pertencem a um cânone de escritores de referência. Alice Vieira, Daniel Sampaio, Luís Sttau Monteiro e José Jorge Letria, cooperaram quer na figura de colaboradores, quer na figura de coordenadores do suplemento, que, até ao 25 de abril, foi uma referência para a divulgação de textos literários, nas vertentes da prosa e da poesia.

¹⁰ Diário da Manhã, 8 de abril de 1947.

¹¹ Diário da Manhã, 30 de agosto de 1969.

¹² Ver anexos, páginas 88 e 89.

A profusa diversidade de escritores que aí viram os seus trabalhos publicados proporcionou à sociedade leitora de então, àquela geração juvenil, um encontro com a poesia, com o conto, a reportagem, a fotografia, e a ilustração. Acima de tudo, como defende Maria José Oliveira, foi um grupo de crianças e jovens que “aprendeu a pensar, ao mesmo tempo que sentiu que o *Juvenil* era um tiro contra o silêncio, contra a ordem imposta de desprezar e ignorar a juventude”. Durante a sua publicação semanal, e tendo como pano de fundo a situação política e social do país (inevitável ponto sincrónico entre a temática poética e a cronologia designada), o contributo deste suplemento para a história da imprensa periódica portuguesa e dos trabalhos dedicados aos públicos infanto-juvenis será para sempre um marco que, após o seu declínio, daria o mote para o surgimento de publicações do mesmo género. Mário Castrim considerou o *Diário de Lisboa Juvenil* como “a mais completa e duradoura experiência” da sua vida e foi mais longe: “talvez a minha única obra.” Sempre entendeu que estava ali mais para aprender do que para ensinar e, enquanto ia dizendo que o futuro é a adolescência do tempo, conseguiu desencadear toda uma energia que, ainda hoje, se repercute no trabalho de inúmeros escritores e jornalistas.

Com o declínio do Estado Novo e consequente transformação sociocultural, os jornais começam a reduzir o espaço dedicado aos mais pequenos em detrimento das notícias internacionais que agora ocupavam cada vez mais as suas páginas, restando muito pouco para os suplementos. A partir daqui, apesar duma enorme riqueza de conteúdos para as crianças, em última análise, o declínio é irrefutável. Nas últimas décadas do século XX e com o desaparecimento dos jornais impulsionadores dos suplementos para crianças, muitos periódicos eliminaram esta vertente da sua atividade levando a um abandono do investimento no jornalismo infantil.

Contudo, como este era um contexto de um certo desafogo económico, começaram a surgir suportes experimentais, que seguiam o estilo do já extinto *Diário de Lisboa Juvenil*, como o *DN Jovem*¹³, um suplemento do *Diário de Notícias* que pretendia ser a voz da juventude. Este trabalho, que contava com contributos dos seus leitores dos 12 aos 25 anos, foi idealizado por Mário Mesquita. Assim, este suplemento entrou em circulação em maio de 1983, passando por vários formatos e dias de

¹³ Ver anexos, página 90.

publicação, vindo a encontrar alguma estabilidade em novembro de 1992. Então contava com 8 páginas semanais, publicadas à terça-feira. Esta experiência culminou num período em que este jornal tinha uma baixa aceitação entre o público dos 18 aos 24 anos e numa altura em que os cursos de comunicação e jornalismo ainda mal tinham arrancado nas universidades e instituições educativas. Inicialmente, o objetivo delineado era o de seguir um rumo que tivesse mais a ver com o jornalismo e com a reportagem jornalística, mas como este suplemento dependia dos contributos de jovens, rapidamente passou a usar a totalidade do seu espaço para a publicação de poemas e textos literários. Todas as semanas, os jovens colaboradores eram desafiados para a escrita, e muitos deles, para além do incentivo e reconhecimento prestigiante obtido pela publicação, conseguiam uma retribuição na forma de um prémio que enaltecia a excelência dos trabalhos. Esses prémios eram sobretudo livros oferecidos pelas editoras, assinaturas do *DN Jovem* e convites para tertúlias literárias.

Em maio de 1996, o *DN Jovem*, numa estratégia burocrática, migra para a *internet*, espaço que, em Portugal ainda era um lugar exclusivo e pouco trilhado, apenas acessível a uma elite. As deficientes formas de acesso e um crescente desinteresse, também amplificado pela oferta televisiva, instaurou o desânimo entre os colaboradores. O seu público-alvo, que durante mais de uma década se manteve fiel, viu-se, de repente, cerceado um suporte cultural que granjeava e estimulava a leitura e a escrita entre pares: as crianças e os jovens dos finais do século XX. A desatualização gráfica, o espaço exíguo que lhe era dedicado e a publicidade, aliada a toda uma nova oferta digital, fez com que o *DN Jovem* acabasse por desaparecer dos separadores da página da *internet* do *Diário de Notícias online*.

Uma questão clara se levanta: o que acontecerá daqui a 10 ou 20 anos, quando os leitores forem as crianças de hoje?

A era digital, a difusão da televisão e a *internet* trouxeram consigo páginas do jornalismo de todo o mundo abrindo um novo espaço para a difusão de notícias e informação: o envolvimento é cada vez maior e inúmeros jornais e revistas possuem hoje páginas dedicadas especialmente às crianças e nelas trabalham jornalistas, escritores, ilustradores, cientistas, contribuindo todos para o enriquecimento dos conteúdos disponibilizados.

Tendo em conta o panorama nacional e internacional das fontes que se dedicam a um jornalismo especializado no público infanto-juvenil, pode-se constatar que existem revistas que têm em vista a promoção da leitura literária. As publicações disponíveis apostam, em geral, cada vez mais na criatividade, na imaginação e transmissão de conhecimentos enraizados não só no universo escolar, como no universo social em que as crianças e jovens que as leem se inserem.

No princípio do século XX, no alvorecer duma república recém-formada, surgem as primeiras tentativas de um jornalismo que se dizia para crianças e jovens em formato de suplemento, apenso a jornais e revistas da época. As primeiras publicações eram sobretudo construídas à volta de bandas desenhadas com reconhecimento internacional, de autores de renome. Aos poucos, esses suplementos ganharam uma maior visibilidade e começaram a servir de plataforma para o surgimento de inúmeros ilustradores e escritores que se viriam a dedicar ao universo literário da infância e da juventude.

Contudo, nunca foram publicações com uma regularidade estabelecida, pois tanto tinham números sucessivos, como eram esquecidos durante semanas, reaparecendo tão depressa como desapareciam. Por esta mesma razão nunca houve uma tradição nestes suportes, inexistente que era também uma difusão a nível nacional que promovesse uma maior tiragem, capaz de chegar a todo o país.

É, no entanto, importante enumerar algumas dessas publicações que em muito contribuíram para a literacia do princípio do século XX:

a) *Gafanhoto*¹⁴

Publicado durante o ano de 1910, em Lisboa, este suplemento foi dirigido por Henrique Lopes de Mendonça e por Tomás Bordalo Pinheiro. Divulgou muitas histórias de autores estrangeiros, nomeadamente as bandas desenhadas de Winsor McCay. Contou também com a colaboração de importantes personalidades da sua época como os ilustradores Manuel Bordalo Pinheiro, Alfredo Roque Gameiro e a escritora Virgínia Lopes de Mendonça.

¹⁴ Ver anexos, página 91.

b) *ABCzinho*¹⁵

Sob a direção de Manuel de Oliveira Ramos e José Cottinelli Telmo, foi publicado, em Lisboa, entre outubro de 1921 e dezembro de 1925, sendo considerado um dos mais importantes jornais infantis portugueses. Produzido totalmente por autores nacionais, contam-se entre os seus colaboradores o próprio José Cottinelli Telmo, António Cardoso Lopes, Amélia Cândida Pae da Vida, Rocha Vieira e Else Althausse.

c) *Página Infantil*¹⁶

Com uma periodicidade semanal, começou a ser publicada, como secção da revista *Ilustração Portuguesa*, em agosto de 1922, mantendo-se até outubro de 1924. Rocha Vieira foi o seu grande dinamizador.

d) *O Carlitos*¹⁷

Foi uma revista semanal, publicada de 1922 a 1926, e dirigida por Gaspar Severino de Almeida. Para além de banda desenhada apostou na edição de separatas, que continham, muitas vezes, brinquedos para montar ou pequenos mapas informativos, como o do corpo humano. Contou com a colaboração de Ana de Castro Osório e Alfredo Moraes.

e) *Notícias Miudinho*¹⁸

Suplemento do jornal *Diário de Notícias*, publicado entre 1924 e 1933, dirigido por Artur Urbano de Castro. Contou com a colaboração de importantes ilustradores, entre os quais se destaca Rocha Vieira, e de pedagogos eminentes como Álvaro Viana de Lemos e Maria Lamas. Foi uma das publicações infantis com maior impacto, por ser mais acessível a crianças dos diferentes estratos sociais. Com conteúdos muito diversificados, que iam desde peças teatrais a banda desenhada, divulgou heróis como Li-Li-Fam.

¹⁵ Ver anexos, página 92.

¹⁶ Ver anexos, página 93.

¹⁷ Ver anexos, página 94.

¹⁸ Ver anexos, página 95.

f) *Os Sportsinhos*¹⁹

Publicada durante o ano de 1925 sob a direção de A. de Campos Júnior e de José Cândido Godinho, pretendeu estimular o interesse das crianças pela prática do desporto, materializando uma das grandes linhas pedagógicas da Primeira República, segundo a qual se deveria promover o desenvolvimento físico e mental dos cidadãos.

g) *A Cigarra: jornal infantil*²⁰

Propriedade de Heitor Silva, foi dirigido por Amaral Frazão no curto período em que foi publicado, entre agosto e dezembro de 1925. Contou com ilustrações de Rocha Vieira e A. Morais e com textos de Irene Lisboa, Emília de Sousa e Costa e Henrique Marques Júnior.

h) *O Pintainho*²¹

Foi um suplemento impresso em Lisboa, entre Julho de 1925 e Outubro de 1926. A sua direção esteve a cargo de Maria Lamas. No que respeita aos colaboradores destacam-se Rocha Vieira, Ana Roque Gameiro Ottolini e Maria Emília Dias Ribeiro, entre muitos outros.

i) *Pim-Pam-Pum!*²²

Suplemento do jornal *O Século*, contou com a direção literária de Augusto de Santa-Rita e com a direção artística de Eduardo Malta, tendo sido publicado entre 1925 e 1978. Os primeiros anos deste suplemento foram marcados pelo contributo de Eduardo Malta, Cardoso Lopes e Maria Lamas.

2.2. Jornalistas infanto-juvenis

O imaginário infantil contemporâneo está povoado por contos e histórias cujos autores ficarão para sempre nos cânones daquilo que é hoje a literatura infantil

¹⁹ Ver anexos, página 96.

²⁰ Ver anexos, página 97.

²¹ Ver anexos, página 98.

²² Ver anexos, página 99.

portuguesa. A verdade é que muitos desses escritores foram os principais engenheiros de muitos dos suplementos para crianças que acompanhavam os jornais, na primeira metade do século e nas décadas seguintes.

Nomes como Maria Lamas, mentora da publicação *O Pintainho*, foram assim capazes de promover a literacia numa sociedade tão pouco alfabetizada, como era a sociedade portuguesa do princípio do século XX. Ana de Castro Osório, com uma obra vastíssima, também cooperou em diversos suplementos para a infância. Apesar de se notar uma tendência sobretudo feminina neste tipo de publicação, muitos são os autores que vão criar laços com estes suplementos e, a longo prazo, envolver os leitores numa qualidade literária até hoje sem paralelo.

Nas páginas destes suplementos surgem nomes como José Jorge Letria, Alice Vieira, Luís de Sttau Monteiro, Mário Castrim, José Fanha, Vera Lagoa, Maria Teresa Horta, Irene Lisboa e Diana Andringa.

2.3. Jornalismo infanto-juvenil ou para-jornalismo

Os jornais infantis e os suplementos para crianças poderão ajudar a salvar o jornalismo. O investimento nas leituras para leitores mais jovens pode, nessa medida, ser o caminho para o crescimento do público jornalístico e não só dos suportes literários. A esperança neste crescimento deve-se, em grande parte, ao interesse das crianças pela atualidade que povoa a vida dos adultos.

As crianças estão cada vez mais atentas ao mundo global em que vivem: estão atentas às notícias televisivas, leem os jornais numa tentativa de conseguirem espelhar os comportamentos dos adultos. Com o poder da investigação na ponta dos dedos, os mais novos têm os meios para se documentarem sobre todos os assuntos que fazem a realidade noticiosa à escala planetária. Apesar desse ser um mundo de estranheza e de factos interessantes, uma criança não possui ainda maturidade suficiente para conferir inteligibilidade a todos esses dados, pese embora a sua manifesta curiosidade.

Naturalmente que é difícil estabelecer, em rigor, uma bitola pela qual o jornalismo deva pautar-se no que se refere à transmissão de informação apropriada para as crianças. O que é apropriado para um adulto e que faz sentido para um adolescente, pode ser muito diferente daquilo que é adequado para uma criança. Todas as crianças

são diferentes, até mesmo aquelas que pertencem à mesma faixa etária e ao mesmo contexto social e cultural; elas responderão sempre de maneiras diferentes a uma mesma notícia, independentemente do seu teor. Um número significativo de crianças vê com regularidade as notícias pelos horários e pelas rotinas dos pais.

As crianças são cada vez mais influenciadas pelos órgãos de comunicação social; elas aprendem através da observação, da imitação e pelos seus próprios comportamentos. A influência da comunicação social sobre as crianças tem vindo a ser objeto de maior atenção entre os pais, educadores e pedopsiquiatras. A importância desta questão torna-se óbvia quando se observa a diversidade de pessoas que partilham esta preocupação, particularmente no que toca à exposição das crianças àquilo que, em circunstâncias históricas definidas, se considera certo ou errado.

Esta influência sobre as crianças tem vindo a aumentar, sobretudo devido à proliferação de novas formas, cada vez mais sofisticadas, de transmitir informação, desde o suporte em papel aos sítios da internet dedicados à difusão informativa especificamente orientadas para o universo infantil. A crescente disponibilidade informativa, bem como uma maior acessibilidade para as famílias, tem proporcionado o acesso mais fácil e rápido àquilo que pretende ser um novo jornalismo para crianças. Os efeitos benéficos incluem a clareza para a aprendizagem, o enriquecimento educacional, oportunidades de ver ou participar em discussões sobre questões sociais, a exposição às artes, nomeadamente, a música, a performance e o entretenimento em geral.

2.4. Literacia mediática

Nas últimas décadas tem-se vindo a observar uma atenção crescente à educação para os média, em particular na chamada literacia mediática. Os estudos realizados neste âmbito, inicialmente focados na imprensa, rádio e televisão, abrangem hoje, cada vez mais, os novos suportes de comunicação social. Assim, não surpreende o cuidado especial na promoção da literacia para os média desde os primeiros anos do percurso escolar das crianças, com o objetivo de fundar novos leitores dos média.

A literacia mediática permite que o sujeito leitor adquira as habilidades, os conhecimentos e a compreensão necessárias para fazer uso pleno das oportunidades apresentadas tanto pelos órgãos de comunicação tradicionais como pelos novos serviços

comunicativos. Esta literacia também pretende contribuir para a capacitação dos leitores em gerir os conteúdos e as comunicações, defendendo-se contra os potenciais riscos associados ao uso destes serviços. Dentro desta definição, a literacia para os média apresenta três prioridades estratégicas que visam a implementação de competências e conhecimentos que os cidadãos devem seguir para uma instrumentalização consciente e informada dos média: fornecer uma garantia padrão adequada para todos os públicos; ajudar os mercados de comunicações a trabalhar para os seus consumidores; contribuir e implementar políticas públicas.

Embora haja algum consenso acerca do impacto positivo da promoção da literacia para os média, não há um acordo universal quanto ao que essa noção designa e ao modo como se define. Na sua forma mais geral, a literacia mediática tem sido definida como a capacidade de aceder, compreender e criar conteúdos multiplataforma. No entanto, este conceito tem sido contestado de várias maneiras por não se adaptar às diferentes realidades socioculturais das diferentes nações do mundo. Enquadrando-se entre definições e abordagens alternativas para literacia mediática, há diferentes hipóteses de entendimento da natureza e do papel dos meios de comunicação, bem como da forma de os instrumentalizar. Por sua vez, estes pressupostos decorrem de diferentes quadros disciplinares e teóricos, que operam em diferentes contextos socioculturais, eles próprios sujeitos a uma permanente redefinição que permita acompanhar a evolução dos meios.

Considerando a diversidade de questões que gravitam em torno da ideia de educação mediática, importa referir que a literacia para os média tende a ser oferecida como uma solução para um problema, sendo que é a maneira de formular esse problema que determina o teor e a amplitude definicional da noção de literacia mediática.

A problematização deste tema tem vindo a ser objeto de discussão observando-se, segundo Robyn Penman, uma dupla segmentação de questões. O primeiro ângulo de enfoque descreve o problema colocando a hipótese de que os meios de comunicação social possam ter efeitos indesejáveis sobre o público: os média teria, neste prisma, uma forte influência sobre os públicos, manipulariam audiências e até ameaçariam a civilização como a conhecemos. Dada esta perspetiva, tem-se argumentado a necessidade de promoção da literacia mediática como meio para desenvolver

competências que permitam uma proteção contra os efeitos adversos que se podem propagar nos meios de comunicação. Segundo Penman²³, esta forma de promoção tem sido rotulada como *protecionista* (2000).

Dentro deste primeiro problema podem ser apontados dois modelos de educação para os média, desenvolvidos em vista das crianças em idade escolar. Segundo Sue Turnbull, existe, por um lado, o modelo de *inoculação*, que propõe que os alunos precisem de ser treinados na capacidade de discriminação e consciência crítica para que sejam *vacinados*, por assim dizer, contra os efeitos nocivos dos meios de comunicação de massas. Por outro lado, o modelo de *desmistificação* pretende definir um conjunto de ferramentas conceptuais que as crianças e os jovens poderiam usar para expor e revelar ideologias ocultas dos conteúdos e mensagens veiculados pela comunicação social.

O segundo problema apontado por Robyn Penman surgiu unicamente na última década, em resposta aos desenvolvimentos mais recentes nos meios de comunicação digital. Tendo em conta a novidade das questões que se colocam, no que respeita à literacia para os média, esta problemática não se encontra ainda devidamente resolvida e objetivamente solucionada.

Não há dúvida de que a ideia de educação para os média se alterou substancialmente ao longo das últimas décadas por razões que se prendem com a mediatização de acontecimentos históricos recentes, mas também com a própria natureza dos média, sujeitos que estão a uma constante mudança e a processos de evolução cada vez mais acelerados. Apesar disso – ou, talvez, por isso mesmo – as preocupações relacionadas com a literacia mediática são, hoje, mais actuais e urgentes do que nunca.

Em 1982, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) emitiu a Declaração de Grünwald sobre a educação para os média. Desde então, continuou a promover a literacia mediática com atividades voltadas para o fomento e preparação de crianças e jovens para a utilização dos média de forma crítica e analítica, o que constitui, para a UNESCO, um pré-requisito elementar para a cidadania. As atividades promocionais desta organização incluem grandes conferências, passando

²³ Penman, Robyn, *Reconstructing Communicating: Looking to a Future*, 2000, Taylor & Francis Oxford

pelo desenvolvimento de estratégias globais, promoção de parcerias de órgãos de comunicação social com as escolas e organizações não-governamentais (ONG), ou ainda pela formação de professores.

A proliferação dos meios de comunicação e as novas tecnologias trouxeram mudanças decisivas nos processos de comunicação humana e nos comportamentos. Conceptualizando, a literacia mediática visa capacitar os cidadãos, proporcionando-lhes as competências (conhecimento, habilidades e atitudes) necessárias para se envolverem com os média tradicionais e com as novas tecnologias. Trata-se de uma conceção de literacia mediática que, segundo o documento da UNESCO, inclui os seguintes elementos ou metas de aprendizagem transversais, que são em si um fim para formar cidadãos conscientes enquanto leitores mediáticos:

a) Compreender o papel e as funções dos meios de comunicação nas sociedades democráticas;

b) Compreender a condição sob a qual os média podem desempenhar as suas funções;

c) Avaliar criticamente os conteúdos dos média;

d) Envolver-se com os meios de autoexpressão e participação democrática;

e) Habilitar a revisão - incluindo competências de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) - necessária para produzir um conteúdo gerado pelo utilizador.

O acesso de qualidade aos média, conteúdos de informação e participação nos média, bem como o acesso a redes de comunicação fidedignas, são tópicos necessários para realizar e implementar o artigo 19.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos²⁴. Este artigo, a presidir a todos os outros direitos estipulados nesta declaração.

²⁴ Declaração Universal dos Direitos Humanos, Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948

Artigo 19.º

Todo o homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras.

Mais concretamente, a nível europeu, a Comissão Europeia promoveu a educação para os média, com oficinas e através do patrocínio financeiro de projetos de educação mediática. Também patrocinou um sítio da *internet* (EuroMeduc.eu) projetado para desenvolver uma atitude independente e responsável nas crianças e nos adolescentes ao utilizarem a internet.

A Carta Europeia para uma Literacia dos Média, desenvolvida a partir de uma ideia do UK Film Council e do British Film Institute, promove a literacia mediática entre grupos do governo e de organizações não-governamentais, bem como com indivíduos e grupos preocupados com a literacia mediática. Em Portugal, esta Carta é representada pelo Centro de Investigação em Ciências da Comunicação (CICCOM), da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve. Este centro foi criado em 2005 e desenvolve atividades na área da Pedagogia da Comunicação, da Literacia dos Média e dos Estudos Fílmicos. O CICCOM tem como objetivo formar investigadores, estimular a reflexão intelectual e a produção científica nas suas principais linhas de investigação, colaborando com núcleos e entidades europeias ligados à área das Ciências da Comunicação e da Educação, participando em diversos projetos europeus financiados pela Comissão Europeia.

Os objetivos da Carta Europeia para uma Literacia dos Média²⁵ são:

a) promover uma maior clareza e consenso mais amplo na Europa sobre a literacia mediática e educação para os média;

²⁵ www.euromedialiteracy.eu (consultado a 21/01/2014)

b) elevar o perfil público da educação para os média em cada nação europeia, e na Europa como um todo;

c) incentivar o desenvolvimento de uma rede permanente e voluntária dos educadores para os média da Europa, unidos por seus objetivos comuns e ativado pelo seu compromisso institucional.

Em Portugal, foi recentemente elaborado um estudo nacional pelo Centro de Estudos de Comunicação da Universidade do Minho²⁶, sobre a educação para os média, que corresponde ao cumprimento de um dos objetivos da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC). A sua enorme importância no panorama nacional é tida como uma componente inalienável da cidadania, chegando mesmo a ser objeto da Diretiva Comunitária 2007/65/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 11 de dezembro de 2007.

“as pessoas educadas para os média são capazes de fazer escolhas informadas, compreender a natureza dos conteúdos e serviços e tirar partido de toda a gama de oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias das comunicações, [estando] mais aptas a protegerem-se e a protegerem as suas famílias contra material nocivo ou atentatório”.

Encadeada vem a Recomendação de 20 de agosto da Comissão Europeia, sobre literacia mediática em ambiente digital.

“uma sociedade com um bom nível de literacia nas questões dos media será simultaneamente um estímulo e uma pré-condição para o pluralismo e a independência dos meios de comunicação social”, uma vez que “a expressão de opiniões e ideias diversas, em diferentes línguas, representando diferentes grupos,

²⁶ www.literaciamediatica.pt (consultado a 28/01/2014)

numa sociedade e entre sociedades diferentes contribui para o reforço de valores como a diversidade, a tolerância, a transparência, a equidade e o diálogo”.

No Reino Unido, a promoção da literacia mediática é um dever que recai sobre o jugo da Office of Communications (Ofcom). Desde que foi estabelecida que esta instituição encomendou revisões da literatura internacional sobre literacia mediática e realizou auditorias de literacia mediática a nível nacional. Também estabeleceu um portal no seu sítio da internet com ligações para organizações de comunicação social e para atividades de alfabetização mediática, investigando em simultâneo como os espectadores preferem ser informados sobre conteúdos média. A literacia para os média também é promovida por organizações sem fins lucrativos e empresas privadas tais como a MediaEd e a Media Smart, que oferece suporte de recursos para professores e alunos.

O Canadá participa ativamente na promoção da literacia mediática há mais de vinte anos, pela mão da Association for Media Literacy que produz recursos para as escolas. Neste país existe ainda uma organização sem fins lucrativos denominada Media Awareness Network, que se encarrega de produzir programação e investigação com diferentes organizações canadianas. Para além de todo este apoio existe o grupo Companies Committed to Kids (CCA) que promove a literacia mediática e o marketing responsável no que se refere às crianças.

Nos Estados Unidos da América, os dois principais organismos de promoção são a Alliance for a Media Literate America, que se envolve diretamente com os órgãos de comunicação social, e a Action Coalition for Media Education, que evita o envolvimento da indústria mas que promove o ativismo social. O Center for Media Literacy oferece recursos de ensino e o projeto New Media Literacies oferece recursos específicos para média multiplataformas.

A ideia de promoção da literacia mediática é multidisciplinar e tem diversas estruturas conceptuais. A ideia também muda consoante o suporte e o contexto histórico e político de cada país. Mas é notória a preocupação e investimento que o ocidente tem

demonstrado para com a literacia dos média. António Pinto²⁷, coordenador do estudo *Educação para os Média em Portugal*, considera que “as crianças podem desenvolver, em relação aos média, atitudes e práticas ativas e críticas, mas, para isso, precisam de apoio, de incentivo, de orientação, de mediação. Esta conceção considera que os sujeitos não são natural e espontaneamente críticos, precisam de desenvolver essa capacidade, sendo esse o objetivo da Educação para os Média. A preocupação inerente a esta orientação é também a de desenvolver e promover as capacidades de expressão e de participação dos sujeitos”.

2.5. Estudo de caso: *VISÃO Júnior*

Em agosto de 2004 o projeto *VISÃO Júnior* foi lançado, então com o cunho editorial da jornalista Isabel Nery e da diretora adjunta Cláudia Lobo, ambas da revista *VISÃO*, na perspetiva de criar uma publicação que estimulasse a leitura de suportes informativos junto do público infanto-juvenil. Inicialmente semanal, numa estratégia promocional e de divulgação, a *VISÃO Júnior* passou, no mês seguinte, a ser uma revista de circulação mensal.

Com um pendor pedagógico e educativo, envolvido numa matriz lúdica e didática, esta publicação – em Portugal, a única disponível neste segmento de mercado – pretende abranger um público que vai dos 6 aos 14 anos de idade. Mais concretamente, as crianças e jovens que frequentam os três ciclos do ensino básico obrigatório nacional. Atualmente, e segundo a Direção-Geral de Estatística da Educação e Ciência²⁸ (DGEEC), do Ministério de Educação e Ciência (MEC), com dados de 2012, atualizados em janeiro de 2014, estão matriculados no ensino básico regular 1.157.811 alunos, distribuídos pelo primeiro, segundo e terceiro ciclos.

Inserida em 2009 no Plano Nacional de Leitura, a *VISÃO Júnior* encontra-se diretamente envolvida na promoção da literacia no contexto escolar. Reconhecimento

²⁷ Pinto, Manuel, et al., *Educação para os Média em Portugal: experiências, atores e contextos*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. Lisboa: Entidade Reguladora para a Comunicação Social, 2011, p.7

²⁸ Dados atualizados no sítio da *internet* PORDATA, a 21 de janeiro de 2014.

conferido a esta revista pela dedicação e atenção de cariz educacional que tem vindo a desenvolver desde 2004.

A verdade é que cumpre o seu objetivo como uma publicação jornalística generalista direcionada para a faixa infante-juvenil. Para além disso, é ainda um suporte que se instrumentaliza em contexto de sala de aula, uma vez que os professores dos diferentes níveis de ensino usam as várias secções da revista para a aprendizagem de conteúdos curriculares e extracurriculares. Artigos sobre animais, reportagens desportivas e sobre países do mundo, acabam por ultrapassar o propósito jornalístico de informar, alcançando o objetivo ainda mais subjetivo de ensinar.

No entanto, existe um senão: sabendo que as crianças e jovens em idade escolar, os primeiros leitores, rondam o milhão, seria de esperar que houvesse, da parte do grupo Impresa, detentor da revista *VISÃO Júnior*, um maior investimento na promoção de uma revista com um enorme potencial escolar e valor literário, evidenciado não só pelo interesse dos leitores, como também pela comissão e conselho científico do Plano Nacional de Leitura. A revista tem uma tiragem que oscila entre os 23 e 27 mil exemplares mensais, o que não impede que a publicidade institucional seja praticamente irrelevante. A divulgação da publicação é, por isso, muito reduzida, excetuando as eventuais menções que se fazem à *VISÃO Júnior* na própria revista *VISÃO*. Esta é uma fraqueza que se prende com inúmeros fatores, entre os quais o baixo nível de literacia nacional e a ineficácia das estratégias de marketing implementadas para popularizar e dignificar um trabalho que pretende, continuamente, ser de qualidade e construído à medida das necessidades do seu público-alvo.

Graças às redes sociais e ao trabalho de muitos professores da rede de bibliotecas escolares, a *VISÃO Júnior* tem-se mantido pertinente no panorama editorial nacional, não sendo, contudo, uma publicação reconhecida enquanto revista com uma tiragem mensal própria, mas antes com um suplemento da *VISÃO* (à semelhança da *VISÃO Sete*). Para muitos, a revista nem sequer chega a distinguir-se da *VISÃO*, como publicação autónoma, dotada de uma periodicidade estabelecida e de um público-alvo muito específico.

Não está aqui em causa a popularidade de uma publicação *versus* a sua qualidade jornalística, que é assegurada pelos jornalistas da redação da revista *VISÃO* e por alguns colaboradores externos; a *VISÃO Júnior* é uma publicação onde o trabalho de escrita e revisão é minuciosamente calculado e formulado, sempre no propósito de procurar uma cada vez maior adequação aos leitores a quem se destina. Em simultâneo, existe um empenho particular na paginação e na edição gráfica dos artigos, bem como da revista na sua globalidade. O que falta é antes uma estratégia de divulgação que consiga chegar a todos os níveis de ensino, às escolas e a casa das crianças e jovens, por forma a que possa haver um maior investimento na literacia.

Deste modo, não pode deixar de se verificar uma segregação no que respeita à população leitora da revista. A idade média do leitor da *VISÃO Júnior* encontra-se entre os 9 e os 12 anos, frequenta o Primeiro Ciclo ou o Segundo Ciclo do Ensino Básico regular português, pertence a uma classe alta ou média-alta, tem um acesso mais facilitado à literatura, sendo, em suma um elemento integrante dos públicos da cultura. Logo, a principal via de implementação da revista junto do universo das restantes crianças e jovens, será através das escolas, pela atividade dos professores ou, ainda, através das bibliotecas escolares.

A *VISÃO Júnior* promove anualmente atividades que envolvem diretamente a participação das escolas. A última atividade, deste género, levada a cabo intitula-se «Agora o escritor és tu!» e conseguiu, até à data, mobilizar mais de 250 turmas a nível nacional, o que corresponde a aproximadamente 6500 alunos do 1.º ano do primeiro ciclo ao 9.º ano do terceiro ciclo do ensino básico. O objetivo desta atividade foi o de estimular a leitura das obras literárias estabelecidas pelas Metas Curriculares do Ensino Básico para cada grau de ensino.

2.6. Jornalismo infanto-juvenil internacional

A nível internacional existem diversos jornais, revistas e suplementos que merecem um olhar atento pois constituem alguns dos melhores exemplos daquilo que se faz atualmente ao nível do jornalismo infanto-juvenil. Os exemplos que a seguir se apresentam correspondem a algumas publicações que se encontram em circulação, muitas delas com uma tradição implantada há já mais de 20 anos.

2.6.1. First News (Reino Unido)

*First News*²⁹ é um jornal britânico semanal que está direcionado para crianças dos 7 aos 14 anos. Foi fundado em 2006 pelos investidores Sarah Thompson e Steve Thompson e apresentado ao público pelo jornalista Piers Morgan e pelo chanceler Gordon Brown, que cunhou a publicação como “*um grande contributo para a educação*”. Atualmente é a publicação mais lida por crianças e jovens em todo o Reino Unido, agregando mais de 1 milhão de leitores para uma tiragem que ronda os 70 mil exemplares por semana. O jornal tem por detrás uma equipa de jornalistas experientes que se ocupa em manter esta publicação muito atualizada. Aborda temas que vão do entretenimento à política, desporto e ciências, bem como as notícias mais importantes da atualidade do Reino Unido e do mundo.

Este jornal já foi laureado com inúmeros galardões como o prémio para o Melhor Jornal Semanário do Reino Unido; Melhor Jornal de Nicho de Mercado nos prémios da imprensa britânica em 2012; Jornal do Ano de 2011; Prémio *Save the Children* por Notável Contributo para as Crianças, em 2008.

2.6.2. TIME For Kids (Estados Unidos da América)

*TIME For Kids*³⁰ é uma revista norte-americana de notícias semanal que está direcionada para as crianças até aos 14 anos de idade, que funciona em termos editoriais com a notável revista *TIME*. Esta publicação pretende cobrir um amplo leque de temas do mundo que as crianças gostam de descobrir. Inclui artigos sobre ciências, arte, literatura, tecnologia, política, cultura, história, matemática, religião, desporto e solidariedade social.

É uma publicação que se assume como uma poderosa ferramenta de ensino, pois promove e faculta atividades que podem ser trabalhadas em sala de aula com fichas e atividades direcionadas para as diferentes faixas etárias a que se destina. Com a revista os professores podem desenvolver a prática leitora e a escrita, enquadrando-se

²⁹ Ver anexos, página 100.

³⁰ Ver anexos, página 101.

milimetricamente nos conteúdos programáticos de todas as áreas das escolas dos Estados Unidos.

A *TIME For Kids* vai ainda mais longe ao coordenar o seu trabalho com o dos professores, atendendo aos Parâmetros Curriculares dos Estudos Sociais e dos Estudos Científicos, bem como promovendo a familiarização dos alunos com a leitura de textos informativos, a prática e o domínio das competências de literacia. Este projeto começou em algumas escolas piloto e, hoje está implementado por todo o país.

A nível internacional, esta revista é a única que se divide em quatro edições que respondem às particularidades dos leitores nos diferentes graus de ensino: a *Time For Kids* tem uma versão semanal, que conta com pouco mais de 10 páginas, para crianças do jardim-de-infância até ao 1.º ano de escolaridade; uma feita apenas para as crianças do 2.º ano; ainda outra edição para os alunos de 3.º e 4.º anos; e uma edição para os alunos do 5.º e 6.º anos de escolaridade. Todas estas revistas fazem-se acompanhar de planos de aula, atividades e projetos que podem ser trabalhados de acordo com os objetivos do programa de estudos norte-americano, caso os professores e educadores assim o entendam. A revista pode ainda funcionar com o sistema de assinaturas que pode funcionar tanto para o conjunto duma turma, como individualmente, para os leitores interessados e público em geral.

2.6.3. Astrapi (França)

*Astrapi*³¹ é uma revista francesa quinzenal cujo público-alvo são as crianças dos 7 aos 11 anos. Começou a ser publicada em outubro de 1978, pelo grupo editorial *Bayard Presse*, e destina-se a crianças ainda muito jovens para consumirem a revista *Okapi*. Esta revista trata sobretudo de artigos sobre animais e notícias, receitas, artesanato, jogos e banda desenhada.

Como outras revistas deste grupo editorial, *Astrapi* serviu de rampa de lançamento para vários ilustradores e autores. Atualmente a tiragem encontra-se num valor estável que ronda as 70 mil unidades, já desde o ano 2000.

³¹ Ver anexos, página 102.

A revista *Astrapi* tem-se destacado não só pelas suas bandas desenhadas, mas também por divulgar receitas criativas e acessíveis ao seu público leitor, artesanato, reportagens, anedotas e texto para refletir. E, claro, o *Astrapan*, o suplemento destacável, que trata de grandes temas documentários, podendo assumir diferentes formas como uma maquete de um castelo para montar, cartazes, livros de bolso e jogos de tabuleiro. Os designers por detrás da *Astrapi* apostaram não só na leitura, como também na possibilidade criativa de promover a aprendizagem recorrendo a diferentes suportes iconográficos.

Durante os anos 80, inúmeros designers e autores como Yves Chaland, Grégoire Solotareff, Pef, Floc'h, Yvan Pommaux, Koechlin, Léo, ganharam projeção com as suas colaborações na revista. Em 1984, *Astrapi* é uma das primeiras publicações a apresentar ilustrações inteiramente realizadas em computador, algo inovador e visionário para a época.

Nos anos 90, *Astrapi* adapta-se às novas necessidades do seu público-alvo: com a globalização tornou-se indispensável facilitar a leitura das notícias através duma descodificação do fluxo de informação que ajudaria as crianças a compreender melhor o mundo à sua volta.

Chegada ao novo milénio a *Astrapi* passa por uma renovação gráfica adotando como sua a cor de laranja brilhante. Sempre irreverente, *Astrapi* procurou sempre manter a mesma fantasia e atualidade, continuando a recorrer a jovens ilustradores.

2.6.4. Okapi (França)

*Okapi*³² é uma revista francesa quinzenal orientada para jovens dos 10 aos 15 anos de idade. Começou a ser publicada em 1971 pelo grupo editorial *Bayard Presse*, tal como a revista *Astrapi*. A circulação desta publicação, que ultrapassava as 70 mil unidades por tiragem, conheceu um aumento permanente até 2011, altura em que começou a verificar-se um decréscimo de vendas.

³² Ver anexos, página 103.

Ao longo de 40 anos, a *Okapi* preocupou-se em ouvir os adolescentes e em dar-lhes voz: uma geração injustamente sobrecarregada com todas as dificuldades inerentes ao desenvolvimento, a puberdade (por definição, cheia de pequenos e grandes solavancos): uma «cultura jovem» vedada aos pais. A *Okapi* escolheu estar atenta aos seus leitores mais do que uma revista informativa consegue estar. Continuamente, pretende atender à grande sede de descoberta dos seus jovens leitores para estar em sintonia com seu otimismo e para acompanhá-los, ao seu próprio ritmo, no caminho para a vida adulta.

2.6.5. Reportero DOC

A revista *Reportero DOC*³³ é uma publicação mensal para crianças a partir dos 9 anos, sendo a sua temática central a exploração do mundo natural e o respeito pela vida.

Esta revista, do grupo francês *Bayard Presse*, explora a fundo os segredos da natureza, das ciências, da história e do mundo. Com muitas personagens e um sentido de humor sempre patente ao longo das suas páginas, propõe sempre no final um teste sobre o conteúdo da revista, apresentado como um desafio.

É uma revista com um formato reduzido, contendo porém dossiês sobre biologia, história, passatempos e experiências. Fornece, ainda, uma lista de possíveis atividades de lazer que podem ser realizadas ao longo do mês referente à edição.

2.6.6. El Gancho (Espanha)

O jornal *El Gancho*³⁴, criado em dezembro de 2006, é a única publicação de Espanha para o público infanto-juvenil. Destinado a crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 13 anos, é editado e impresso em Sevilha. O nome do jornal decorre do objetivo central deste suporte: o de ser um «gancho» que puxe as crianças para a leitura. Para além de ser totalmente gratuito, este jornal mensal assegura uma distribuição a 100% para as escolas da Andaluzia, do 1.º ao 6.º ano letivo. Tem como principal linha orientadora o incentivo e a criação de hábitos de leitura nas crianças e jovens em idade escolar.

³³ Ver anexos, página 104.

³⁴ Ver anexos, página 105.

Mais do que uma ferramenta da promoção leitora, *El Gancho* pretende ir mais longe e funcionar como ferramenta escolar para professores e alunos.

A nível gráfico, a revista destaca-se pelas suas páginas coloridas com muitas fotografias. As fontes têm um tamanho médio, o que torna mais agradável e divertida a experiência de leitura, especialmente para o público infantil.

3. Relatório de estágio

O estágio a que me propus para completar a componente não-letiva do mestrado em Jornalismo decorreu num meio de comunicação social do grupo Impresa, em Paço de Arcos, tendo a sua duração integral correspondido a três meses e duas semanas. O presente relatório pretende apresentar as atividades desenvolvidas no âmbito deste programa e no decurso deste período de tempo na publicação mensal que me acolheu – a revista *VISÃO Júnior* – bem como descrever os trabalhos por mim, aí realizados. Para incrementar a experiência jornalística, um dos meses de estágio foi passado a desenvolver atividades e a realizar trabalhos para uma outra publicação – revista *VISÃO* – pertencente ao mesmo grupo editorial.

Tanto o meu percurso académico como o meu projeto profissional têm sido neste âmbito, com um foco especial na literacia e na promoção da leitura em diferentes suportes, especialmente a leitura literária e a leitura jornalística. Por isso, a realização de um estágio na *VISÃO Júnior* seria cativante não só pela experiência, mas também pela perspetiva de alargamento do campo de estudo que pretendo prosseguir a curto-prazo.

O estágio nesta publicação infanto-juvenil, e os diferentes trabalhos por mim realizados nas diferentes secções por onde passei, serviram como base de estudo para o conhecimento de um jornalismo que se tem vindo a especializar num público específico que frequenta o ensino básico e cujos hábitos leitores estão, por isso, a consolidar-se. O âmbito deste relatório pretende incidir especificamente na validade que uma revista como esta pode ter no contexto português atual.

Tendo em consideração que a imprensa, tem sido, durante os últimos séculos, o único meio de comunicação, e um instrumento poderoso e necessário para a circulação da informação, procurou-se encontrar, desde cedo os pontos mais débeis e os mais fortes da revista onde o estágio iria decorrer. Sabendo que se fala cada vez mais de uma crise nesta indústria, perceber o que faz mover um grupo editorial seria determinante para que o estágio fosse cumprido com sucesso.

Uma das principais causas apontadas para este período conturbado no jornalismo impresso e, talvez, a mais importante de todas, é a diminuição dos leitores, que tem sido uma constante, nos últimos anos. Segundo dados disponibilizados pela Associação

Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT)³⁵, numa análise comparativa dos dois primeiros meses de 2013, com os dois primeiros meses de 2014, verificou-se que houve uma quebra na circulação de suportes escritos de cerca de 1 milhão de exemplares, com valores na mesma ordem no que se refere às tiragens de todas as publicações escritas nacionais, havendo um reflexo direto com as vendas. Em termos de público é, de facto, um valor avultado, podendo mostrar as dificuldades sociais que atualmente se vivenciam e que estão diretamente relacionadas com a crise económica. Contudo, a problemática poderá estar bem longe de se restringir apenas à crise, podendo residir, sobretudo, no próprio setor, devido a outras condicionantes.

Hoje em dia, uma notícia chega rapidamente ao público através da televisão ou, ainda de uma forma mais imediata, através da internet na figura das redes sociais – *Twitter, Facebook, Instagram*: os públicos anseiam pelo instantâneo. Os jornais e as revistas ficaram num impasse pois, os leitores interessados, já não aguardam pelas publicações do dia seguinte, nem vão despende dinheiro para ler o que já lhes foi transmitido pela televisão ou por uma ligação de uma dada rede social. A fim de servir as novas necessidades dos consumidores e sobreviver, a imprensa terá de garantir uma mais-valia informativa, que justifique a compra de jornais e revistas. No momento atual em que vivemos, onde os leitores se tornaram mais exigentes, espera-se que a imprensa exija mais de si mesma, especializando-se e procurando oferecer ao seu público-alvo aquilo que o imediato da *internet* por si só não consegue oferecer. Idealmente, um trabalho equilibrado e ajustado às necessidades informativas de todos quantos procuram informação, nas mais distintas especialidades em que ela pode aparecer, e a *VISÃO Júnior* não ficará fora deste contexto.

Outro grande problema enfrentado pelos média é a queda nas receitas publicitárias. A publicidade é o recurso económico mais importante para os jornais e para as revistas. As razões para este declínio, e para esta redução no investimento na imprensa, estão no aumento do investimento noutros formatos, como a publicidade em aplicações e páginas para os serviços móveis e computadores, imperando a aposta na *internet*.

³⁵ Dados atualizados no sítio da *internet* da Associação Portuguesa para o Controlo da Tiragem e Circulação, a 21 de março de 2014.

Todos estes fatores: o menor número de leitores, a falta de um compromisso mais vasto com os públicos jovens e redução de receitas de publicidade têm sido um grande golpe para a indústria.

É neste ponto que nos deparamos com a *VISÃO Júnior*: revista especializada no público infante-juvenil. Depois de, durante várias décadas, se ter investido em suplementos que apelassem ao público que não lê jornais e revistas, e no rescaldo do desaparecimento previsto do *DN Jovem*, aparece uma revista em tudo experimental que procurou estabelecer-se como uma leitura que formará os futuros leitores de jornais e revistas. Contudo, o apelo da televisão e da internet cedo começaram a fraquejar o ímpeto com que arrancou a *VISÃO Júnior* que permanece numa ilha, sem concorrentes nem visitantes suficientes que a mantenham autónoma, à superfície.

Quando olhamos para trás, há 30 anos, na década de 80, a televisão e a imprensa ainda não concorriam, conviviam. Por um lado estimulava-se no público mais jovem a imaginação através de programas televisivos de animação criados especificamente a pensar nas crianças e nos adolescentes, como o “Cinema de Animação” com Vasco Granja, a “Rua Sésamo” e “Meia Hora de Recreio”. Por outro, os suplementos estimulavam a literacia e o prazer pela escrita. A animação que Granja apresentava procurava dar a conhecer o mundo, do oriente ao ocidente, educando para uma cultura que não era apenas vincadamente marcada pela Disney, apresentando como contraponto, filmes de animação que vinham do lado de lá da cortina de ferro. Eram momentos televisivos ponderados, grelhas de televisão verdadeiramente pensadas nas necessidades pedagógicas de crianças e jovens que contavam também com a televisão para diversificar as aprendizagens que faziam do mundo. Hoje, existem dezenas de canais que se especializam em apresentar programas para crianças que transmitem sem parar, apenas intervalados por blocos publicitários. A existência desta enorme quantidade e diversidade de canais televisivos não valida a sua existência já que nenhum deles abre espaço à mediação ou à criação de segmentos genuinamente pedagógicos que não caiam no ridículo da infantilização desmedida ou no facilitismo. São horas e horas de sinal aberto em que às crianças e jovens são dadas a *engolir*, sem *mastigar*, centenas de episódios de animação com fórmulas redundantes e com argumentos vazios de conteúdo que ilustram temáticas que muitas das vezes apenas

pretendem cumprir de uma forma linear o que vem designado na Lei da Televisão e dos Serviços Audiovisuais, descurando a vertente pedagógica e criativa.

Segundo a Lei n.º 27/2007, da Lei da Televisão e dos Serviços Audiovisuais, de 30 de julho, artigo 27.º, em relação aos limites da programação diz-nos que:

(...)

3 - Não é permitida a emissão televisiva de programas suscetíveis de prejudicar manifesta, séria e gravemente a livre formação da personalidade de crianças e adolescentes, designadamente os que contenham pornografia, no serviço de programas de acesso não condicionado ou violência gratuita.

4 - A emissão televisiva de quaisquer outros programas suscetíveis de influírem de modo negativo na formação da personalidade de crianças e adolescentes deve ser acompanhada da difusão permanente de um identificativo visual apropriado e só pode ter lugar entre as 22 horas e 30 minutos e as 6 horas.

(...)

10 - Os programas dos serviços audiovisuais a pedido que sejam suscetíveis de prejudicar manifesta, séria e gravemente a livre formação da personalidade de crianças e adolescentes, tais como os de conteúdo pornográfico, apenas podem ser disponibilizados mediante a adoção de funcionalidades técnicas adequadas a evitar o acesso a esses conteúdos por parte daquele segmento do público.

Em relação às obrigações gerais dos operadores, o artigo 34.º estipula o seguinte:

1 - Todos os operadores de televisão devem garantir, na sua programação, designadamente através de

práticas de auto-regulação, a observância de uma ética de antena, que assegure o respeito pela dignidade da pessoa humana, pelos direitos fundamentais e demais valores constitucionais, em especial o desenvolvimento da personalidade de crianças e adolescentes.

Sem concorrência direta, mas numa corrida contra os diferentes focos de atenção das crianças e jovens, que são cada vez mais dispersos, a *VISÃO Júnior*, a única revista para este segmento, tem vindo a perder terreno para as consolas, para a *internet* e para a televisão. O desinvestimento na divulgação desta publicação é evidente e a mesma, só ganhará notoriedade e validação quando, como o *DN Jovem* e o *Diário de Lisboa Juvenil*, conseguir deixar um legado geracional consistente entre os adultos que, enquanto crianças e jovens, as leram e partilharam.

3.1. VISÃO Júnior

A revista *VISÃO Júnior*, criada em agosto de 2004, é uma publicação mensal de informação generalista dirigida a crianças e jovens entre dos 6 e os 14 anos. Atualmente, apresenta-se no formato de revista em papel com um total de 66 páginas, tem uma versão interativa e multimédia para os formatos *tablet* e *online*. A *VISÃO Júnior* rege-se por um cumprimento rigoroso das normas de ética e deontologia jornalística, bem como pelos princípios de independência e pluralismo da revista *VISÃO*, ao mesmo tempo que respeita os princípios consagrados na Convenção dos Direitos da Criança, mencionados anteriormente.

Com um *design* corrente mas, por vezes, demasiado infantilizado, cobrindo os assuntos mais relevantes da atualidade, para as faixas etárias acima referidas, esta publicação pretende ajudar a fomentar a reflexão e a formar novas gerações de leitores de imprensa, cidadãos ativos, conscientes e interventivos. Ao mesmo tempo, esta é uma revista que investe na tentativa de superação do problema da iliteracia, incentivando o gosto pela leitura e pela escrita.

A redação da *VISÃO Júnior* é composta por três elementos permanentes: a diretora Cláudia Lobo (responsável pelas diferentes secções de notícias e editora final de cada edição), a editora Rita Xarepe (responsável pela organização da revista e

distribuição do trabalho pelos diferentes jornalistas colaboradores) e o paginador Carlos Vieira (responsável pela introdução em página dos textos jornalísticos e imagens, tendo ainda algumas funções de design e edição gráfica). Os restantes elementos que participam na elaboração desta publicação são colaboradores externos ao grupo Impresa e jornalistas, revisores e gráficos da revista *VISÃO*. Não existem, portanto, na redação, jornalistas especializados no campo infanto-juvenil. A equipa permanente da *VISÃO Júnior* refugia-se, por isso, em relações de confiança com os jornalistas colaboradores, num conhecimento empírico do universo infanto-juvenil, bem como no próprio cunho editorial da diretora e da editora. As revisões e as adaptações textuais, que pretendem uniformizar a qualidade literária da revista e torná-la adequada à competência leitora do seu público, provocam quase sempre atrasos na edição, dificuldades e limitações que demonstram que a publicação é ainda considerada como sendo secundária, no contexto editorial em que se insere.

Inicialmente, em 2004, a revista arrancou com uma outra editora com formação em jornalismo que foi, progressivamente dando o seu lugar à editora atual, uma psicóloga educacional. Pretendeu-se, com isso, consolidar a perspetiva pedagógica da *VISÃO Júnior*, sem perder a índole jornalística de fundo, que se mantém há 10 anos sob a orientação da diretora Cláudia Lobo.

Como se trata de uma revista com números mensais, os fechos de edição realizam-se na última semana de cada mês para que possa estar nas bancas na primeira quinta-feira do mês consequente. A *Visão Júnior* tem uma tiragem superior às 23 000 unidades mensais, cujo custo unitário é de 1,60€. A distribuição é feita numa forma uniforme a nível nacional (Portugal continental e insular), havendo alguma discrepância de vendas entre o litoral e o interior. São os distritos de Lisboa, Porto e Coimbra que revelam vendas mais avultadas. Existe ainda a distribuição da revista através de assinaturas semestrais, anuais e bianuais, com um preçário próprio com descontos no preço total de 5%, 10% e 20%, respetivamente.

3.1.1. Estágio *VISÃO Júnior*

O estágio na *VISÃO Júnior* foi orientado pela diretora da publicação, a jornalista Cláudia Lobo, e coorientado pela editora da revista, a psicóloga educacional Rita

Xarepe. O estágio foi iniciado uma semana antes da semana de fecho de edição o que proporcionou a participação imediata nessa mesma edição, então no seu número 110.

Para um melhor conhecimento da estrutura da revista e dos assuntos nela tratados, nos seus nove anos de existência, procedeu-se, no primeiro dia, a um levantamento pormenorizado de todos os artigos subordinados a secções estanques: animais, escritores, cidades, desportos e países.

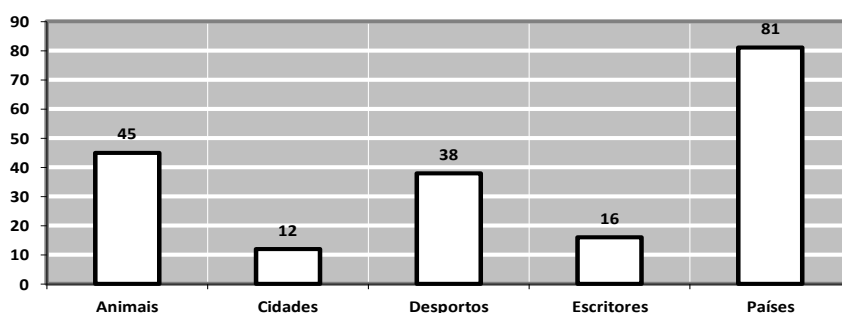


Gráfico I – Levantamento de dados (total de artigos por secção de 08/2004 a 06/2013)

Com esta recolha de informação, rapidamente houve uma tomada de consciência de temas que poderiam vir a ser incluídos em futuras edições da revista, sem que, nas reuniões de planificação, houvesse repetição e sobreposição de temas já tratados em números anteriores. Esta investigação foi também determinante para que se pudesse adquirir uma consciência de conjunto sobre a pluralidade de secções que integram uma publicação deste género.

O estágio na *VISÃO Júnior* ultrapassou a mera investigação e redação de textos. Desde o princípio que houve um envolvimento consciente nos diferentes momentos da planificação e construção da revista, quer na receção e resposta a correio eletrónico dos leitores, quer ainda na edição de texto em página e paginação em *Photoshop*. Este envolvimento só foi possível porque a redação da revista é composto por um grupo muito restrito, que acaba por se tornar mais vasto graças aos colaboradores e jornalistas da revista *VISÃO* que escrevem para esta publicação que é quase tida como secundária no seio daquele grupo.

3.1.1.1. Notícias VISÃO Júnior

A secção de notícias na revista *VISÃO Júnior* é composta por duas partes: um tema que faz notícia de abertura³⁶, em página dupla, e três a quatro páginas com notícias diversas que tratam da atualidade a nível nacional e internacional.

Tratando-se duma revista para um segmento em particular, mensalmente era colocado em questão que notícias tinham um real valor-notícia para a publicação. Tendo em conta os valores de construção apontados por Nelson Traquina³⁷, e em simultâneo, o entendimento que a equipa tem dos focos de interesse do público-alvo da *VISÃO Júnior*, as notícias selecionadas pretendem ser transversais quanto à atualidade obedecendo aos valores mencionados. A *simplificação* que é apresentada como uma obrigação para o jornalista ao ter de apresentar os factos noticiosos da forma clara para os leitores da revista. A *amplificação*, que objetivamente requer que uma notícia seja o mais abrangente possível. A *relevância*, que por sua vez trata de conferir significado e importância aos temas apresentados, para as crianças e jovens que leem aquilo que é noticiado. A *personificação* pretende valorizar as pessoas envolvidas nos factos, aproximando o público àquilo que está a ser em notícia. Existe ainda outro valor capaz de gerar muito interesse, que é a *dramatização*, pois reforça os aspetos emocionais e de conflito. O último valor-notícia é a *consonância* que consiste em inserir um assunto novo num contexto já familiar para não frustrar as expectativas dos leitores usuais da publicação.

A planificação destas páginas é feita, geralmente, na última semana de cada mês, correspondente, portanto, à semana de fecho de edição. Isto deve-se ao facto de a revista ser uma publicação de carácter mensal, sendo por isso, pertinente aguardar pelas informações mais recentes do panorama noticioso, não só do universo infanto-juvenil, como também do interesse do público em geral, assegurando assim a atualidade da revista.

³⁶ Ver anexos, páginas 106 e 107.

³⁷ Traquina, Nelson, *O que é Jornalismo*, Quimera, 2002, Lisboa

Posto isto, ficou assumida a tarefa de reunir mensalmente um conjunto de 12 a 14 notícias relevantes, que deveriam ser cruzadas com as escolhas da diretora da revista, Cláudia Lobo. Em conjunto, era elaborado um plano de página, apontando-se logo à partida, o espaço que cada artigo informativo iria ocupar, bem como algumas sugestões de apresentação e fotografia. Dentre as notícias selecionadas, uma seria escolhida para fazer página dupla como notícia de abertura.

Assim, a função enquanto estagiário era a de escrever a coletânea de notícias selecionadas, realizando para tal toda a investigação necessária, por forma a assegurar uma informação fidedigna e atualizada. A par da escrita e da investigação, também se procedia à pesquisa das fotografias que iriam acompanhar cada notícia. Quando as notícias eram de cariz internacional, havia o recurso frequente a fotografias de agência, disponíveis na base de dados da revista *VISÃO*. Se as notícias eram de foro institucional, contactavam-se as empresas envolvidas a fim de se obter imagens de alta resolução, passíveis de serem utilizadas sem violação dos direitos autorais. Em simultâneo, caso as notícias necessitassem de fotografias históricas, recorria-se à empresa que trata do arquivo documental e fotográfico das publicações do grupo Impresa: a Gestão de Conteúdos e Meios de Comunicação Social, S.A. (GESCO).

Em algumas ocasiões, quando os assuntos que faziam notícia decorriam de eventos ou de atividades promocionais, havia uma deslocação ao locais em questão, na companhia de um fotógrafo, para cobrir os acontecimentos.

3.1.1.2. Calendário VISÃO Júnior

Mensalmente, a secção de notícias apresenta um calendário do mês da edição onde se apontam diferentes aspetos. Durante este estágio houve a responsabilização de organizar o mês em termos informativos. O objetivo deste calendário é o de, acima de tudo, descentralizar a publicação, tornando-a mais próxima dos leitores de todas as áreas do nosso país.

Para a construção deste calendário houve o recurso a diferentes sítios institucionais (Culturgest, Fundação Serralves, Fundação Calouste Gulbenkian, entre outros museus e sítios de câmaras municipais, de norte a sul de Portugal), de forma a pesquisar diferentes atividades diretamente vocacionadas para o público-alvo da *VISÃO*

Júnior. Assim, procurou-se preencher o calendário com formações, visitas e exposições, peças de teatro, estreias televisivas e de cinema, bem como com *workshops* e passeios, sempre numa perspetiva de investimento cultural e enriquecimento pedagógico dos leitores da publicação.

Fez-se ainda questão de incluir, em determinadas datas, feriados nacionais ou internacionais, assim como alguns dias comemorativos com alguma pertinência ou destacando a singularidade do que estava a ser assinalado.

Para muitos destes dias comemorativos ou para os restantes eventos apontados foi necessário encontrar imagens, não maiores do que ícones, que pudessem ilustrar duma forma direta e interessante alguns momentos do mês em questão. Para tal, recorreu-se às diferentes instituições promotoras, bem como aos gabinetes de comunicação dos diferentes canais de televisão (*Nickelodeon*, *Disney Channel*, *Canal Panda*) e distribuidoras de cinema, para conseguir imagens.

A preparação do calendário faz-se de uma forma anual, podendo ser construído consoante as diferentes atividades vão surgindo nas agendas culturais das câmaras municipais e das restantes instituições.

3.1.1.3. Passatempos VISÃO Júnior

Todos os meses a revista *VISÃO Júnior* tem para os seus leitores um lote de prémios que pode ir de consolas e jogos, a livros e viagens. É nestas duas páginas de passatempos que a revista consegue interagir com os seus leitores de uma forma mais direta, apelando à criatividade de todos quantos aceitam participar nos desafios lançados.

Para a preparação desta página dupla estabeleciam-se, com a editora da *VISÃO Júnior*, um conjunto de quatro a seis prémios com interesse pedagógico e cultural, que pudesse interessar ao público-alvo da revista. Apesar de ser uma página dupla, com capacidade para comportar três ou quatro prémios, apontavam-se sempre prémios suplementares como planos recorrentes, caso não fosse possível obter algum deles dentro dos prazos definidos. Com o estabelecimento dos prémios a atribuir começava-se contacto com as empresas detentoras dos artigos a oferecer no número subsequente. Alguns dos prémios ficavam a cargo da equipa de *marketing* do Grupo Impresa, na

medida em que decorriam de contratos de publicidade nas páginas da *VISÃO Júnior*, como é o caso de empresas como a *Fnac*, a *Staples* e a *Nintendo*. Os restantes artigos eram pedidos diretamente às editoras ou às entidades que cujos prémios se pretendiam promover.

Para além da escrita os textos de apresentação dos prémios, desenvolviam-se ainda os desafios para os leitores. Normalmente, estes desafios inscreviam-se em categorias: escrita criativa, expressão plástica, problemas matemáticos e fotografia.

Ao mesmo tempo que se compunham estes textos, também houve o encargo da seleção de finalistas para vencedores que depois eram escolhidos em conjunto com a editora da revista e com a diretora. Definidos os trabalhos vencedores, recorria-se então aos fotógrafos da redação da *VISÃO* para a captura das imagens dos trabalhos selecionados, ou à digitalização, caso se tratassem de desenhos ou de suportes bidimensionais, para posterior inclusão na página de vencedores da *VISÃO Júnior*.

Durante um dos meses do estágio da componente não-letiva deste mestrado ainda houve a responsabilização pela atualização da base de dados dos participantes, inserindo aí os dados pessoais de todas as crianças e jovens que enviavam trabalhos para os passatempos promovidos pela revista.

3.1.1.4. Reportagens *VISÃO Júnior*

Planeadas de uma forma semestral ou trimestral, as reportagens³⁸ da *VISÃO Júnior*, geralmente requerem que os jornalistas se desloquem para fora da área da Grande Lisboa, para ampliar e diversificar as temáticas, incidindo sobre questões que não pertencem em exclusivo à vida citadina. Durante este estágio houve a convocação para duas grandes reportagens, uma das quais já estava agendada mas não planificada.

A organização de uma reportagem para esta revista passa habitualmente por diversas etapas: agendamento, marcação de fotografia e vídeo, recolha de informação de fundo sobre os temas abordados, preparação das entrevistas adequadas aos diferentes intervenientes e organização das viagens e deslocações. Como a *VISÃO Júnior* é uma

³⁸ Ver anexos, páginas 108 a 114.

publicação mensal, a gestão de tempo acaba por ser mais flexível, o que não é necessariamente positivo.

A primeira grande reportagem decorreu em Albufeira, no Algarve, e consistia em registar a participação de uma criança numa experiência de interação com golfinhos em lagoas artificiais. O trabalho dividiu-se em duas partes: uma primeira entrevista com o diretor do parque de golfinhos de Albufeira, o *Zoomarine*, e com a treinadora dos mamíferos marinhos; uma segunda fase em que decorreu a entrevista à criança, antes e depois da experiência de nadar com golfinhos.

Em simultâneo, decorreu a reportagem fotográfica, a cargo de Filipe Farinha. O objetivo deste trabalho foi o de dar a conhecer os mamíferos marinhos (golfinhos) aos leitores da *VISÃO Júnior*, privilegiando o ponto de vista de uma criança pertencente à faixa etária do público-alvo. Para além da secção do artigo dedicada à reportagem no *Zoomarine*, sugeriu-se que se integrasse uma infografia que desse a conhecer mais algumas das particularidades, curiosidades e novidades recentes sobre estes mamíferos marinhos. Em pesquisa documental descobriram-se ilustrações que retratavam um dos antepassados dos golfinhos, há cerca de 50 milhões de anos, como sendo um mamífero quadrúpede, com pelos e cauda, semelhante a um canídeo de estatura média. Rapidamente esta ilustração se tornou imprescindível para o enquadramento da reportagem e, tratando-se de um facto relevante, procurou-se obter a imagem. O ilustrador Nobumichi Tamura, cientista no *Lawrence Berkeley National Laboratory*, em Washington, foi contactado e logo autorizou, de forma generosa, a utilização da imagem na publicação. Este trabalho ficou completo com um total de 6 páginas e fez capa da *VISÃO Júnior* de agosto de 2013.

A segunda grande reportagem³⁹ teve lugar em Vila Real, Caldas da Rainha, Amadora e Lisboa, e tinha como objetivo conhecer quatro crianças que já tinham livros publicados no mercado editorial. De uma forma mais abrangente, o ângulo deste trabalho prendia-se com o prazer de escrever e com a criatividade destas crianças que davam os primeiros passos como escritores. Embora algumas das crianças entrevistadas fossem produto de um ambiente familiar em que ou o pai ou a mãe sentiam a

³⁹ Ver anexos, páginas 115 a 117.

necessidade de validar intelectualmente o rasgo criativo dos filhos, duas delas revelaram uma maturidade discursiva e de escrita que ultrapassava os parâmetros normais para a sua idade.

Este trabalho, que se prolongou por duas semanas, iniciou-se na Amadora, onde a primeira criança, uma rapariga de 15 anos, foi entrevistada e fotografada num contexto que lhe era familiar. A entrevista seguinte teve lugar em Lisboa e por se tratar de uma jovem de 17 anos, cuja obra estava a ter uma enorme receptividade, para além da reportagem fotográfica realizou-se igualmente um registo vídeo, que viria a integrar a versão *online* e para *tablet* da *VISÃO Júnior*. Os restantes escritores, os mais jovens, foram entrevistados nas Caldas da Rainha e em Vila Real. Nestas cidades o próprio jornalista tratou tanto das entrevistas como da fotografia dos pequenos escritores. Depois de paginada, a reportagem final ficou com 3 páginas e foi publicada na revista de setembro de setembro de 2013, dando origem, posteriormente a uma reportagem na SIC sobre miúdos escritores.

3.1.1.5. Animais VISÃO Júnior

O mundo animal é um tema que dificilmente se esgota ou se torna redundante numa revista cujo público-alvo são as crianças e jovens até aos 14 anos. A secção dedicada aos animais⁴⁰, em nove anos de edições, procurou sempre diversificar e encontrar espécies que pertencessem a diferentes classes e ecossistemas. Na colaboração com a *VISÃO Júnior*, pretendeu-se, acima de tudo, dar a conhecer animais que não frequentassem as páginas dos manuais escolares dos leitores desta publicação, ou até, que se tratasse de seres vivos cuja representação nos jardins zoológicos fosse escassa ou nula. Também houve a proposta de investigar animais que estivessem em vias de extinção ou espécies ameaçadas e protegidas, sempre numa perspetiva de diversificar e amplificar o panorama cultural dos leitores *VISÃO Júnior*, chamando a sua atenção para os problemas ambientais e para a diversidade do mundo animal.

Um artigo desta índole requer um enorme investimento na investigação para assegurar que todas as questões, que as crianças e jovens que leem esta publicação possam colocar face aos temas tratados, sejam respondidas de forma satisfatória e

⁴⁰ Ver anexos, páginas 118 a 120.

direta. O universo da zoologia, como todas as ciências, está associado a um vocabulário muito específico, mesmo técnico, com termos em latim que não pertencem ao léxico dos leitores mais jovens. Interessa, neste caso, sobretudo explicar a que classe pertence o indivíduo apresentado (seja réptil, mamífero, ave ou até anfíbio), o tipo de reprodução (ovíparo ou vivíparo), o tipo de revestimento (penas, pelo, escamas, entre outros) e a alimentação, bem como o seu habitat natural.

A acompanhar os artigos sobre animais considerou-se sempre importante a inclusão de uma sumária infografia que indicasse os locais do mundo onde alguns desses espécimes podem ser encontrados no seu ambiente natural. Nestas situações, fazia um esboço daquilo que era pretendido e a equipa de *designers* da *VISÃO* construía o elemento infográfico para ser incluído na paginação do artigo, trabalho que era sempre colaborativo.

3.1.1.6. Música VISÃO Júnior

Muito do correio recebido na redação da *VISÃO Júnior* e no endereço de correio eletrónico, solicita uma maior prevalência de artigos sobre música nas edições da revista. Os pedidos vão ao encontro daquilo que faz parte da cultura *pop*, verificando-se uma insistência recorrente nos mesmos cantores. Artistas como Miley Cyrus, Selena Gomez, One Direction, Justin Bieber são alguns dos mais requisitados pelo público da *VISÃO Júnior*. Juntam-se a estes músicos, atores e atrizes que integram séries musicais como *Violetta*, ou filmes também musicais como *Teen Beach Movie*.

Assim, os artigos sobre música tendem a debruçar-se sobre os artistas que mais interessam ao público-alvo da revista, dando sempre a perspetiva nacional ou internacional que os intérpretes integram. Geralmente não se focam no lançamento de um álbum nem de uma música, mas sim no percurso artístico dos cantores.

Para um destes artigos houve uma deslocação a Madrid, Espanha, para entrevistar o elenco de uma nova série televisiva com a chancela Disney, chamada *Violetta*. Este novo programa, que embora ainda não tivesse estreado em Portugal, já era um sucesso internacional, estava prestes a completar as rodagens da segunda temporada na capital espanhola e, aproveitando um ciclo de apresentações europeias da digressão musical do programa, a Disney Portugal convidou a comunicação social a conhecer os

atores e atrizes da série, numa estratégia claramente publicitária. As entrevistas decorreram em língua castelhana visto o elenco ser maioritariamente composto por adolescentes e jovens argentinos e espanhóis. Como resultado deste ciclo de entrevistas e duma conferência de imprensa, redigiu-se uma notícia de abertura sobre música em página dupla, um perfil e uma entrevista com a personagem principal da série, Martina Stoessel, que interpreta Violetta.

Ainda na secção de música, foi realizado outro artigo com a cantora e atriz Selena Gomez⁴¹, aquando da sua vinda a Portugal para um concerto da sua digressão mundial, *Stars Dance*. Para este trabalho, que considerou-se de grande relevância para o incremento das vendas da revista, fazendo-se todas as diligências possíveis para conseguir uma entrevista, pois inicialmente foi garantido que a cantora não iria conceder tempo à comunicação social, a menos que lhe fosse assegurada a capa da revista. Apesar de não ter feito capa da *VISÃO Júnior* (nem mesmo uma chamada de capa), foi concedida uma entrevista, acabando por ter o exclusivo nacional para a imprensa com Selena Gomez. A entrevista decorreu em inglês e os 10 minutos inicialmente concedidos pela editora discográfica e pela produção do espetáculo, converteram-se em 20 minutos, tendo proporcionado um diálogo que satisfizes todas as questões preparadas, bem como as perguntas que os leitores da *VISÃO Júnior* submeteram via correio eletrónico. Esta conversa deu origem a uma entrevista em página dupla, na edição de outubro de 2013.

3.1.1.7. Cinema VISÃO Júnior

Assumidamente generalista, a *VISÃO Júnior* pretende, em cada número, apresentar uma grande diversidade de conteúdos capazes de promover um ideal cultural que impulse, duma forma ativa, as crianças e os jovens para hábitos de vida mais interventivos e enriquecedores. A secção dedicada ao cinema⁴² pretende, por isso, apresentar o que de mais recente estará patente nas salas de cinema, nomeadamente durante o mês referente à edição da revista.

⁴¹ Ver anexos, páginas 121 e 122.

⁴² Ver anexos, páginas 123 e 124.

Com a proliferação dos centros comerciais, todos eles equipados com salas de cinema, estes artigos interessam inevitavelmente os leitores uma vez que, para muitos, os filmes aí projetados constituem o único foco cultural acessível. Os artigos não passam, neste caso, de *reviews*, em que se apresentam as novidades cinematográficas do mês, secundarizando a opinião e o sentido crítico, embora haja habitualmente margem para alguns esclarecimentos relacionados com as temáticas dos filmes e curiosidades. Houve, no entanto, uma preocupação permanente em também abrir o diálogo sobre filmes que não fizessem necessariamente parte do circuito *mainstream*, sendo apresentadas algumas alternativas cinematográficas de realizadores independentes do cinema europeu.

Para a preparação destes trabalhos sobre cinema a participação nos visionamentos destinados à comunicação social é importante mas nunca houve a oportunidade de comparecer a um.

3.1.1.8. Antes e depois

Existe uma grande abertura por parte da editora da revista para a criação de novas secções que tragam novidade às páginas da *VISÃO Júnior*, que cumprirá em breve 10 anos. A secção «Antes e depois»⁴³ foi criada precisamente com esse objetivo: o de dar a conhecer, através da comparação de fotografias do passado com fotografias contemporâneas, a história do nosso país.

A conceção deste tipo de artigos é bastante simples e assenta na premissa de que as crianças e jovens que leem a revista têm curiosidade pelos lugares apresentados e pela história que neles é representada. Assim, pesquisaram-se as imagens históricas para esta secção numa primeira fase, na GESCO, e, num segundo momento, nos diferentes arquivos fotográficos existentes na internet. O arquivo *online* do fotógrafo Mário Novais, organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, acabou por ser a fonte mais utilizada, não só pelo enorme número de imagens que disponibiliza, como também pela diversidade e pertinência dos momentos e lugares captados.

⁴³ Ver anexos, páginas 125 e 126.

Para além de se apresentarem factos históricos, a secção «Antes e depois», pretende igualmente desafiar os leitores a encontrar outras diferenças entre o Portugal de há 100 anos e o país atual em que atualmente vivemos.

3.1.1.9. Livros preferidos

A secção de «Livros preferidos»⁴⁴ é uma página onde os leitores da revista podem manifestar-se acerca de um livro, ou de uma coleção de livros que lhes seja muito querida: no fundo, trata-se de identificar os favoritos dos preferidos. Aquando do estágio, esta página era bastante irregular e cada vez menos frequente. Contudo, tratando-se da voz dos leitores sobre leitura literária, fez-se questão de repensar esta secção tornando-a menos formatada e mais divertida. Atualmente, esta página, que deixou de ser esporádica, passou a integrar a edição da revista todos os meses.

Cada página integra o testemunho de três leitores, com idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos, que falam das razões das suas escolhas literárias. Os testemunhos são recolhidos de norte a sul de Portugal, envolvendo deslocações, sempre que necessário, aos locais de residência dos entrevistados, havendo o acompanhamento de um fotógrafo da redação para a captura de imagens.

Elaborou-se uma bateria de perguntas tipo para aplicar a cada entrevistado, contudo, consoante a obra literária, e consoante a criança ou jovem entrevistado, a progressão da entrevista sempre assumiu contornos distintos, decorrentes da especificidade da situação. O objetivo primordial destas entrevistas nunca foi o de conhecer as histórias lidas pelos leitores, mas o de perceber as razões pelas quais os livros preferidos eram realmente os favoritos dos entrevistados. O objetivo final dos textos apresentados na *VISÃO Júnior* é o de provocar os leitores para a leitura daqueles livros, que são os preferidos das crianças entrevistadas.

Por razões editoriais, houve a necessidade de proceder a uma triagem inicial que se prende com a repetição de livros apresentados na página de «Livros preferidos». Quando isso se verifica, guardam-se esses testemunhos que ficarão em carteira para serem apresentados de 8 ou 12 meses mais tarde.

⁴⁴ Ver anexos, páginas 127 e 128.

3.1.1.10. Ler é divertido

Incluído na secção de notícias, o artigo «Ler é divertido» pretende apresentar as três novidades mais relevantes do mês ao nível da literatura infanto-juvenil nacional. Neste espaço existe apenas uma prioridade, a de dar a conhecer novos trabalhos de grande qualidade que possam interessar aos leitores *VISÃO Júnior*.

Durante o mês, a redação da *VISÃO Júnior* recebe inúmeros livros e propostas das editoras. De entre todos esses livros, havia uma leitura e seleção dos trabalhos mais interessantes ao nível gráfico e de conteúdos redigidos, elaborando-se para cada um dos três, um breve texto de apresentação.

3.1.1.11. Iniciativa escolar: «Agora o escritor és tu!»

Anualmente, a *VISÃO Júnior* promove um desafio junto de todas as escolas do ensino básico e bibliotecas escolares, com o objetivo de se aproximar dos seus leitores e, ao mesmo tempo, de usar esta iniciativa, para consolidar a colaboração com os professores na promoção da literacia no meio escolar. Para o ano letivo 2013-2014, foi sugerido à diretora da revista que o desafio lançado às escolas e às bibliotecas escolares partisse das obras literárias de leitura obrigatória estipuladas nas novas Metas Curriculares do Ensino Básico de Português, tendo assim surgido o «Agora o escritor és tu!»⁴⁵.

O projeto consistia em escolher uma obra de referência das listas oficiais de metas escolares e desafiar os alunos a continuarem, dentro de um número determinado de caracteres, a história do livro selecionado. Para além da composição de texto, os alunos teriam ainda de criar uma nova capa para a obra selecionada.

Assim que se enquadrou o projeto com as escolas, passou-se à sua estruturação, bem como à definição dos critérios de avaliação dos trabalhos vencedores. Por cada ano letivo, seriam definidas seis menções honrosas e quatro vencedores, que teriam a oportunidade de visitar a redação da *VISÃO Júnior* em Paço de Arcos, Oeiras, e conhecer e entrevistar o escritor da obra trabalhada para o passatempo.

⁴⁵ Ver anexos, página 129.

Das cerca de 180 obras que integram o plano das Metas Curriculares do Ensino Básico de Português, que se distribuem pelos três ciclos do básico – 1.º ciclo (1.º ano, 2.º ano, 3.º ano e 4.º ano de escolaridade), 2.º ciclo (5.º e 6.º ano de escolaridade) e 3.º ciclo (7.º ano, 8.º ano e 9.º ano de escolaridade) –, fez-se uma seleção daquelas cujos autores, vivos, ainda estivessem em atividade. Assim, ficaram apontados os seguintes escritores para os seguintes anos letivos:

- a) 1.º ano – Luísa Ducla Soares com a obra *Destrava Línguas*;
- b) 2.º ano – José Eduardo Agualusa com a obra *Estranhões e Bizarrocos*;
- c) 3.º ano – Álvaro Magalhães com a obra *O Senhor do seu Nariz e outras Histórias*;
- d) 4.º ano – António Torrado com a obra *Teatros às Três Pancadas*;
- e) 5.º ano – João Pedro Mésseder e Isabel Ramalhete com a obra *Contos e Lendas de Portugal e do Mundo*;
- f) 6.º ano – António Mota com a obra *Pedro Alecrim*;
- g) 7.º ano – Alice Vieira com a obra *Leandro, o Rei da Helíria*;
- h) 8.º e 9.º anos – Mário de Carvalho com a obra *A inaudita guerra da Av. Gago Coutinho e outras Histórias*.

Procedeu-se a um primeiro contacto com todos os escritores para se verificar a disponibilidade de cada um deles em termos de agenda, e num segundo momento, foi elaborado um calendário que contemplava a data de inscrição para esta iniciativa, a data de entrega dos trabalhos por ano letivo e a data dos encontros e entrevistas com os autores nas instalações do Grupo Impresa.

A data final para as inscrições ficou marcada para o dia 11 de novembro, e as datas de entrega dos trabalhos e os encontros para os dias que se seguem:

- a) 1.º ano – entrega dos trabalhos até 31 de janeiro e encontro com Luísa Ducla Soares a 14 de março.;
- b) 2.º ano – entrega dos trabalhos até 31 de janeiro e encontro com José Eduardo Agualusa a 27 de março;

- c) 3.º ano – entrega dos trabalhos até 31 de janeiro e encontro com Álvaro Magalhães a 12 de março;
- d) 4.º ano – entrega dos trabalhos até 13 de janeiro e encontro com António Torrado a 13 de fevereiro;
- e) 5.º ano – entrega dos trabalhos até 17 de dezembro e encontro com João Pedro Mésseder a 12 de fevereiro;
- f) 6.º ano – entrega dos trabalhos até 17 de dezembro e encontro com António Mota a 23 de janeiro;
- g) 7.º ano – entrega dos trabalhos até 13 de janeiro e encontro com Alice Vieira a 17 de fevereiro;
- h) 8.º e 9.º anos – entrega dos trabalhos até 3 de março e encontro com Mário de Carvalho a 25 de abril.

Com todo o trabalho calendarizado apontou-se um júri fixo para todo o processo de avaliação da produção textual e das ilustrações para as capas. Assim, assumi como júri a representação dos professores do ensino básico, Patrícia das Neves representou a área da psicologia educacional, Sílvia Souto Cunha a área da literatura, Teresa Sengo a ilustração, Cláudia Lobo a área da produção de texto e a escritora Margarida Fonseca Santos a área da escrita criativa.

Os pontos que se seguem constituíram as linhas orientadoras para este projeto e foram apresentadas no sítio da internet da revista *VISÃO*, bem como no sítio da *VISÃO Júnior*:

1. «Agora o escritor és tu!» é uma iniciativa aberta a todas as escolas do ensino básico. Nela podem participar turmas do 1.º ao 6.º anos; entre o 7.º e o 9.º anos, são também aceites inscrições de alunos individuais ou de grupos de alunos constituídos pelos professores ou pelo professor bibliotecário.
2. Por cada ano de escolaridade, foi escolhida, a partir das listas das Metas Curriculares de Português, uma obra de um autor português (ver quadro no final).

3. Os participantes desta iniciativa têm de ler o livro e escrever uma continuação da história. O tamanho do texto a apresentar varia consoante o nível de escolaridade (ver quadro no final). Além disso, terão também de criar uma nova capa para a obra.
4. As inscrições decorrem até 11 de novembro. Para se inscrever, basta o professor responsável enviar um *email* para vjuniorescolas@impresa.pt com o nome da escola, turma (ou nome do aluno), número de participantes, ano de escolaridade e contactos (telefónico, eletrónico e de correio).
5. Dos trabalhos a concurso, o júri escolherá os quatro melhores. Os vencedores encontrar-se-ão com o autor da história original nas instalações da *VISÃO*, tendo a oportunidade de o entrevistar. A entrevista/conversa será depois publicada na revista *VISÃO Júnior*. Os vencedores terão também a oportunidade de fazer uma visita de estudo à redação da *VISÃO*.
6. Todas as escolas que se inscreverem receberão gratuitamente, se assim o desejarem, exemplares da revista *VISÃO Júnior*, em número suficiente para distribuírem por todos os seus alunos.
7. O prazo de envio dos trabalhos está estipulado no quadro em baixo.
8. Aos alunos do 1.º ao 9.º ano residentes no estrangeiro, é aceite quer a inscrição a título individual, quer em grupo. Estes alunos não competem diretamente com os residentes em Portugal, mas apenas entre si. Os autores dos cinco melhores trabalhos serão premiados com uma assinatura digital da *VISÃO Júnior*.
9. O júri será constituído pela escritora Margarida Fonseca Santos, por elementos da *VISÃO Júnior* e por professores do ensino básico.

O nível de participação das escolas e das bibliotecas escolares foi surpreendente, tendo havido mais de 250 turmas inscritas, o que corresponde a um universo aproximado de 6500 alunos do ensino básico mobilizados para esta iniciativa da *VISÃO Júnior*.

Ano	Livro	Escritor	Data de entrega	N.º carateres trabalho
1.º ano	'Destrava-Línguas'	Luísa Ducla Soares	31.1	Até 700
2.º ano	'Estranhões e Bizarrocos'	José Eduardo Aqualusa	31.1	Até 1 500
3.º ano	'O Senhor do seu Nariz e outras Histórias'	Álvaro Manuel Magalhães	31.1	Até 1 500
4.º ano	'Teatro às Três Pancadas'	António Torrado	13.1	Até 2 500
5.º ano	'Contos e Lendas de Portugal e do Mundo'	João Pedro Méseder e Isabel Ramalhete	17.12	Até 3 000
6.º ano	'Pedro Alecrim'	António Mota	17.12	Até 3 000
7.º ano	'Rei Leandro'	Alice Vieira	13.1	Até 3 500
8.º e 9.º anos	'A Inaudita Guerra da Av. Gago Coutinho'	Mário de Carvalho	3.03	Até 4 000

Tabela I – Quadro síntese «*Agora o escritor és tu!*» (publicado na *VISÃO Júnior* n.º 112 de 09/2013)

3.1.1.12. Outros artigos *VISÃO Júnior*

Os trabalhos realizados para a revista *VISÃO Júnior* não se esgotaram nas secções anteriormente apresentadas. Para além de terem dado a oportunidade de tratar de uma parte mais formal, como a das respostas aos leitores, ou da pré-seleção e seleção dos vencedores dos passatempos, também houve a oportunidade de intervir na apresentação de muitos outros artigos cujo enquadramento escapa a um entendimento mais consensual daquilo que é jornalismo, constituindo, pelo contrário, uma espécie de para-jornalismo, já atrás de mencionado.

De entre esses trabalhos destaca-se um artigo em que se promove o cinema em casa e a preparação de uma sessão de filmes assustadores de Tim Burton⁴⁶. Os filmes foram selecionados de modo a que houvesse pelo menos um que fosse adequado às diferentes faixas etárias dos leitores *VISÃO Júnior*.

Outro destes artigos foi escrito a pensar no regresso às aulas⁴⁷, e foi publicado na edição de setembro de 2013. O trabalho pretendia orientar e fomentar a organização pessoal para que as crianças e os jovens comesçassem o ano letivo autonomamente. A paginação deste artigo fez-se com recurso a legendas e fotografias do quarto de uma criança, para que houvesse uma maior identificação com os procedimentos apresentados.

⁴⁶ Ver anexos, páginas 130 e 131.

⁴⁷ Ver anexos, páginas 132 e 133.

Com um pendor mais lúdico e sem conteúdo jornalístico, elaborou-se um passatempo que se assemelhava a um jogo de tabuleiro⁴⁸, no qual os leitores deveriam seguir as questões para descobrirem qual era a sua atividade extracurricular preferida. Este trabalho foi planificado por forma a ocupar quatro páginas: duas para o jogo, destinando-se as duas restantes a uma vertente jornalística de entrevistas a diversas crianças que frequentavam atividades extracurriculares variadas. Para tal, foram entrevistados dois estudantes de música (uma criança de 8 anos que tocava saxofone e uma jovem de 14 que tocava violino), um jogador de vólei (uma criança de 9 anos), dois praticantes de teatro amador (uma criança de 8 anos e uma jovem de 12), três nadadoras de competição (três jovens de 12, 14 e 17 anos), uma bailarina (uma criança de 10 anos) e um praticante de karaté (uma criança de 7 anos). Todas estas entrevistas e textos derivados das mesmas, foram cortadas na edição da revista, mas integraram na íntegra a edição para *tablet* da *VISÃO Júnior*.

3.1.1.13. VISÃO Júnior Online

Alguns dos artigos preparados para a *VISÃO Júnior* em edição papel tiveram continuidade no sítio da internet da revista. Normalmente, esses artigos pretenderam complementar a informação dada nas reportagens e demais secções.

Para este suporte, houve a oportunidade de realizar passatempos com especificidades muito próprias; isto é, concursos que não podiam integrar as páginas da revista, dada a sua regularidade mensal, ou por se tratar de prémios de incidência imediata, que se prendia com estreias cinematografias semanais.

Neste contexto, e como o trabalho pode ultrapassar o texto, elaboraram-se apresentações em multiplataformas, que incluíam o vídeo, a fotografia, a música e, claro, a composição textual. Para tal, realizaram-se entrevistas vídeo sobre literatura infantil dirigidas a crianças, ficando a montagem e produção a cargo do jornalista da *VISÃO*, José Pinto. Desenharam-se ainda infografias sobre o golfinho e o ai-ai, com a equipa de gráficos da revista *VISÃO*. Construiu-se, finalmente, uma foto galeria sobre o ensino e escolas pelo mundo, recorrendo a fotografias de agência e de fotógrafos da redação da *VISÃO*.

⁴⁸ Ver anexos, páginas 134 e 135.

Foi ainda criada uma secção na página da internet da *VISÃO Júnior* sobre jogos de consolas. Nestas páginas serão escritos trabalhos sobre os últimos lançamentos para as plataformas de entretenimento da *Sony*, da *Nintendo* e da *Microsoft*, recorrendo ao uso de imagens providenciadas pelas três empresas, bem como de vídeos de apresentação dos jogos recém-lançados. Para dar sequência a este trabalho de promoção de novidades, pretende-se ainda que se venha a criar um outro separador dedicado em exclusivo aos lançamentos de literatura infanto-juvenil a nível nacional e internacional. Integrando a vertente internacional pois, atualmente, as crianças e jovens estão expostos às mais variadas tipologias literárias vindas de inúmeras partes do mundo, e esta exposição é determinante para a criação de novos públicos para a leitura. Contudo, não deverá ser esta apenas uma página que pretende dar a conhecer o que se faz de novo, e com qualidade; ambiciona-se que as crianças e jovens que visitem e leiam este sítio, criem a capacidade de formular uma opinião própria face ao que se faz a nível literário, com o objetivo final de formar pessoas interventivas e convictas daquilo que desejam.

3.2. VISÃO

A *VISÃO* é uma revista semanal de informação generalista, criada em março de 1993. Com fecho de edição às terças-feiras e nas bancas à quinta-feira, esta publicação surgiu da fusão da empresa suíça Edipresse à Projornal, sociedade de jornalistas portugueses que até 1992, editou o semanário *O Jornal*. Em 1999, a Edipresse e a Abril Controljornal associaram-se, tendo passado a *VISÃO* a integrar o grupo de publicações desta última.

Atualmente, a revista *VISÃO* é editada pela Impresa Publishing, que pertence ao grupo Impresa. Esta publicação apresenta-se em formato de papel, possuindo contudo, igualmente uma versão interativa e multimédia para *tablet* (a primeira publicação portuguesa a apostar neste suporte em 2010). Existe ainda a página *online* que se rege pelo estatuto editorial da *VISÃO* e que funciona como uma extensão complementar e alternativa à revista impressa. Esta é uma publicação que aposta na divulgação de informação generalista em suporte eletrónico, que pretende oferecer através do texto, da imagem e de outras soluções multimédia, uma cobertura diária de acontecimentos nacionais e internacionais, em todos os domínios de interesse, com uma presença preponderante nas redes sociais.

Os estatutos editoriais desta publicação regem-se pelos elementos que se seguem:

1. A *VISÃO* é uma revista semanal de informação geral que pretende dar, através do texto e da imagem, uma ampla cobertura dos mais importantes e significativos acontecimentos nacionais e internacionais, em todos os domínios de interesse;
2. A *VISÃO* é independente do poder político, do poder económico e de quaisquer grupos de pressão;
3. A *VISÃO* identifica-se com os valores da democracia pluralista e solidária;
4. A *VISÃO* rege-se, no exercício da sua atividade, pelo cumprimento rigoroso das normas éticas e deontológicas do jornalismo;
5. A *VISÃO* defende o pluralismo de opinião, sem prejuízo de poder assumir as suas próprias posições;
6. A *VISÃO* pauta-se pelo princípio de que os factos e as opiniões devem ser claramente separados: os primeiros são intocáveis e as segundas são livres.

3.2.1. Estágio *VISÃO*

Durante um mês, e dada a circunstância da revista *VISÃO Júnior* estar fechada, a orientadora de estágio Cláudia Lobo reconduziu participação como estagiário para a revista *VISÃO*. Sob a orientação da editora da secção de Sociedade, Patrícia Fonseca, houve uma colaboração durante cinco semanas em diferentes secções desta publicação. Enquanto na *VISÃO Júnior* o trabalho se estendia a diferentes planos editoriais, na *VISÃO* as orientações eram diferentes, havendo apenas diretivas para a elaboração de texto, já que a paginação cabia aos editores das diferentes secções. Enquanto estagiário, o trabalho na *VISÃO* revelou-se menos criativo e mais objetivo, com menos margem para contar histórias e fazer artigos no domínio do jornalismo literário. Muito embora este fosse um lugar provisório, fui chamado a participar em áreas que estavam diretamente ligadas com o meu percurso académico: ensino, crianças, manuais escolares e literatura.

Nesta publicação houve a participação em reuniões de planificação da secção de Sociedade nas quais se sugeriam alguns temas a trabalhar e onde também foram atribuídos outros artigos, nos quais se colaborou com um grupo de jornalistas ou foram levados a cabo individualmente. Em simultâneo, passou-se a colaborar nas reuniões de planificação da secção de Cultura, uma vez que um grande número de jornalistas desta área estava em férias. Tal como na secção de Sociedade também se escreveu sobre temas sugeridos e outros que foram encomendados. Nesta área o trabalho foi mais avultado pois toda a secção era redigida e planificada pela jornalista que assumia as funções de editora, Sílvia Souto Cunha.

A par da participação nestas duas secções, colaborou-se ainda com a secção *VISÃO Sete*, com *reviews* de cinema, nomeadamente de filmes infanto-juvenis trabalhados para a *VISÃO Júnior*. O cunho editorial desta secção esteve ao cargo das jornalistas Gabriela Lourenço e Sara Belo Luís.

3.2.1.1. Secção Sociedade VISÃO

Durante cerca de um mês e meio do meu estágio na *VISÃO Júnior*, colaborou-se ativamente nesta secção com artigos que abrangeram uma grande diversidade de temas. Os temas trabalhados decorreram das reuniões de planificação da secção de Sociedade que aconteciam semanalmente.

O primeiro trabalho pedido prendia-se apenas com a verificação de factos. Na rubrica «Janela Indiscreta», falava-se duma polémica popularizada e rebatida nas redes sociais que denunciava e ridicularizava Cristina Espírito Santo Toscano Rico pelo emprego da expressão “é como brincar aos pobrezinhos na Comporta”. A jornalista Rosa Ruela, responsável pelo artigo «E vem-nos à memória uma frase batida...»⁴⁹ escrevia sobre o facto desta frase, dita “meio a brincar” por Cristina Rico, não ter originalmente sido proferida pela própria, mas pela cronista Maria Filomena Mónica, algures em 1995, no suplemento *Caderno 3* do extinto jornal semanário *O Independente*, informações que careceram de uma confirmação rigorosa, sob pena da notícia seria suprimida.

⁴⁹ Ver anexos, página 136.

Para isso, houve uma deslocação à Biblioteca Nacional, onde se levou a cabo uma pesquisa para descobrir a edição em que Maria Filomena Mónica publicara a crónica sobre a Comporta. Inicialmente, verificaram-se todos os suplementos publicados durante o ano de 1995, uma vez que havia alguma incerteza acerca do mês em que teria sido publicado o texto. Contudo, o artigo não apareceu em nenhum dos números desse ano. Alargou-se então a pesquisa aos anos posteriores, já que a irregularidade editorial da autora pareceu manifesta.

A investigação levou a procurar o trabalho patente no *Caderno 3*, desde 1994, data em que as crónicas de Maria Filomena Mónica tiveram início, tendo-se estendido a pesquisa até ao ano de 1997, mais precisamente a uma edição do mês de junho. Ao fim de centenas de suplementos analisados, conseguiu-se confirmar a fonte deste trabalho: a autora não foi Maria Filomena Mónica mas sim, Isabel Jacobetty, que redigira um artigo de seis páginas sobre a recuperação das cabanas da Comporta, onde citava um vendedor de jornais que dizia que ali era “onde os ricos brincavam às casinhas e aos pobrezinhos”.

Ainda nesta mesma secção, na rubrica «Radar», fez-se um trabalho sobre saídas provisórias da prisão, no âmbito da fuga de um presidiário durante um período de saída concedido pela Direção Geral de Serviços Prisionais (DGSP). Para este artigo, que viria a ter por título de «Quatro factos sobre saídas precárias»⁵⁰, entrou-se em contacto com a entidade atrás mencionada que viria a facultar todas as informações e legislação auxiliar para documentar o trabalho. O gabinete de imprensa da DGSP disponibilizou-se ainda para responder a algumas questões sobre o funcionamento das saídas precárias e sobre Américo Piçarreira, o recluso que se tinha evadido e que fazia notícia de abertura nos diferentes serviços noticiosos.

O mediatismo deste tema prendeu-se com o facto de este presidiário estar a usufruir de uma segunda saída precária, oito anos depois de uma primeira em que apunhalou um homem e esteve em parte incerta durante várias semanas.

⁵⁰ Ver anexos, página 137.

Assim, o artigo redigido pretendeu ser sobretudo sintético, sem descartar um tom sarcástico, em que explicava os procedimentos necessários para conseguir uma saída precária sem arranjar problemas de maior.

Na secção de Sociedade os temas são múltiplos e, de vez em quando, conseguem-se exclusivos relevantes, como foi o do Plano Pormenor para as margens do rio Jamor⁵¹. Por indicação de um colaborador da *VISÃO*, elaborou-se uma notícia, que dias mais tarde, após a publicação da revista, despoletou uma série de artigos nos jornais diários. Nesta notícia apresentaram-se uma série de irregularidades patentes num projeto camarário para a foz do rio Jamor, em Algés, Oeiras. Apesar das inúmeras diligências para obter um parecer da Câmara Municipal de Oeiras, nenhum departamento se mostrou disponível para esclarecer as questões levantadas, mencionando apenas que o projeto estava para consulta pública, de uma forma severamente omissa.

Ainda para esta rubrica, escreveu-se sobre os prémios MTV Video Music Awards 2013, que tiveram lugar em Brooklyn. Em «A noite da metamorfose, os VMA»⁵², apresentaram-se os premiados e os momentos mais singulares do espetáculo: em particular a apresentação de *Applause*, o novo *single* de Lady Gaga e a atuação arrojada de Miley Cyrus com Robin Thicke, que causou celeuma junto do público norte-americano. Para a preparação deste artigo, houve uma documentação sobre os artistas que atuaram e sobre os nomeados para as diferentes categorias, e assistiu-se ao direto transmitido na MTV Portugal.

Grandes Perguntas de Gente Miúda com Respostas Simples de Gente Graúda, de Gemma Elwin Harris, foi um lançamento de destaque da Editorial Presença. Escreveu-se sobre esta obra para a *VISÃO Júnior* e, por sugestão da editora de Sociedade, este artigo foi por igualmente apresentado numa página e meia, para revista a *VISÃO*, numa rubrica denominada «Conhecimento»⁵³. Neste texto houve a oportunidade de se expressar a opinião crítica sobre o conteúdo do livro, bem como

⁵¹ Ver anexos, página 138.

⁵² Ver anexos, página 139.

⁵³ Ver anexos, páginas 140 e 141.

sobre as personalidades que para ele contribuíram com respostas interessantes, ou, pelo contrário, com textos pouco inspirados e lacónicos.

Outra das secções para a qual se escreveu foi a rubrica «Manual», onde se orientaram os pais e os encarregados de educação no melhor percurso para escolher atividades extracurriculares dirigidas aos mais novos. «Atividades extracurriculares – Como fazer a melhor escolha para os seus filhos»⁵⁴, foi um texto em que, passo-a-passo, se procurou apresentar soluções práticas para se conseguir escolher uma (ou várias) atividades, de forma criteriosa e simples.

Este trabalho acabou por vir a ser publicado como abertura na página da internet da *VISÃO*, tendo sido um artigo intensamente partilhado nas redes sociais, durante várias semanas.

3.2.1.2. Secção Cultura VISÃO

Na secção de Cultura da *VISÃO*, trabalhou-se diretamente com a jornalista e editora naquela ocasião, Sílvia Souto Cunha, havendo a responsabilidade durante várias semanas da rubrica «Pessoas»⁵⁵. Inseridas na secção cultural da revista, estas páginas pretendem noticiar o que de novo se passa no universo artístico nacional e internacional, centrando sempre a atenção nos intervenientes e protagonistas dos acontecimentos.

Semanalmente, reunia-se um vasto leque de informações e novidades que eram discutidas com a editora desta secção, responsável pela estruturação de página, que depois incluiria os textos que para ela eram redigidos. No que respeita às imagens e fotografias, a grande maioria era obtida através das agências noticiosas. Quando os artigos tinham um carácter institucional, recorria-se às diferentes instituições ou aos gabinetes de comunicação e representantes dos artistas tratados.

Trabalhar nesta secção permitiu aprofundar conhecimentos e escrever sobre diversos artistas como Bob Dylan, Valter Hugo Mãe, Rutger Hauer, Jake Gyllenhal, Lady Gaga e Katy Perry; para além de toda uma grande variedade de manifestações culturais, festivais e concertos que marcam as tendências da contemporaneidade.

⁵⁴ Ver anexos, página 142.

⁵⁵ Ver anexos, páginas 143 a 146.

3.2.1.3. Secção VISÃO Sete

Nesta secção, editada por Sara Belo Luís, e provisoriamente por Gabriela Lourenço, escreveu-se principalmente sobre as estreias⁵⁶ de cinema infanto-juvenil. Os textos eram sempre bastante sumários, resumindo-se a uma apresentação das novidades cinematográficas que marcavam a atualidade das salas de cinema nacionais.

3.2.1.4. VISÃO Online

Já atrás se referiu o artigo que integrou a página *online* da revista *VISÃO*. Este texto manteve-se idêntico, em termos de conteúdo e extensão, ao do formato em papel, apenas com algumas diferenças em termos de apresentação multimédia.

O artigo da secção de Sociedade, da rubrica «Manual», «Atividades extracurriculares – Como fazer a melhor escolha para os seus filhos»⁵⁷ foi partilhado na página das redes sociais da *VISÃO*, tendo conhecido um nível de propagação bastante acentuado, sobretudo por páginas da Associações de País e Encarregados de Educação, dos Centros de Ocupação dos Tempos Livres, das Bibliotecas Escolares e das Associações Desportivas de diversas modalidades.

⁵⁶ Ver anexos, página 147.

⁵⁷ Ver anexos, página 148.

Conclusão

Atualmente, tem-se notado um crescente envolvimento da sociedade em tudo o que é infanto-juvenil, nomeadamente em termos de literatura, ou promoção da leitura. O empenho para que os mais novos cresçam rodeados de estímulos literários é hoje desmedido e os principais beneficiários deste enorme investimento são os grupos editoriais que produzem livros numa forma indiscriminada, tudo numa perspetiva eminentemente económica. As listas publicadas pelo Plano Nacional de Leitura (PNL) – passaram a ser o principal objetivo de carreira de muitos escritores, uma vez que a inclusão dos seus títulos nessa listagem os torna parte da lista de compras obrigatória dos pais e encarregados de educação que querem ver as crianças como leitores. Nunca um autocolante na capa dum livro com o logotipo *LER+*, do PNL, teve tanta relevância como hoje, daí a importância crescente da implementação de políticas de literacia mediática desde a infância.

A revista *VISÃO Júnior*, única publicação jornalística detentora do mesmo logotipo do PNL, tem vindo a desenvolver um trabalho particularmente relevante no panorama nacional, sempre com uma vincada vertente informativa, ao mesmo tempo que procura, numa postura assumidamente pedagógica, dar voz aos seus leitores com inúmeras iniciativas e reportagens. O trabalho que a revista desenvolve aposta na qualidade e, tendo em vista as crianças e os jovens que o leem, as suas opções editoriais têm sabido relegar para segundo plano as solicitações com uma vertente mais comercial e de consumo, sem com isso perder a sua voz cativante e atual. Apesar de pretender ser o mais abrangente possível, inclusiva e representativa de um leque alargado do panorama social português, a *VISÃO Júnior* acaba por ser uma revista dirigida às elites.

Ela é sobretudo uma publicação que ilustra a vida de crianças e jovens com vivências socioeconomicamente muito estáveis e confortáveis, ao mesmo tempo que mostra um mundo apenas acessível a estes grupos sociais. Quase como um artigo de luxo, esta publicação é desconhecida de muitos, e os seus leitores assíduos são os filhos de leitores que fizeram um percurso académico e profissional superior. Verificam-se, naturalmente, as exceções na medida em que nos contextos escolares existem alunos interessados com pais e encarregados de educação atentos que investem na qualidade da formação e em suportes que possam valorizar e incrementar a educação dos mais novos.

As publicações de literatura infanto-juvenil são determinantes para se entender as circunstâncias em que o jornalismo se tornou parte integrante dum grupo de suportes de leitura para os mais jovens. Isto porque, em pouco tempo, começaram a surgir as primeiras publicações infantis, consideradas como o que seria um jornalismo especializado para os mais novos. No entanto, nesta primeira fase, apenas a periodicidade estabelecia pontos de contacto com o jornalismo, uma vez que do ponto de vista dos conteúdos estas publicações se mantinham ainda muito próximas do formato e da tradição do livro: nelas se incluíam, principalmente, seleções de contos e conteúdos didáticos, colagens de bandas desenhadas, e, por vezes, propaganda ideológica do regime. Como tal, não se pode considerar que os primeiros suplementos constituíssem, plenamente, exemplos de jornalismo.

Estas publicações começaram a ter reconhecimento como jornalismo especializado a partir do momento em que passaram a incluir elementos informativos como notícias, reportagens, perfis e até crónicas. As alterações no que toca aos formatos e a adaptação dos conteúdos dos suplementos do século XX respondiam, assim, à necessidade de acompanhar a evolução da sociedade e o processo de modernização.

Sempre houve uma vontade de manter estes tipos de publicação no mercado editorial, dado o interesse manifestado pelo público-alvo, bem como dos escritores e jornalistas que escreviam estas páginas, denotando-se desde a origem uma preocupação com o nível de literacia, preocupantemente baixo, sobretudo quando comparado com outros países da Europa.

Tendo em conta o panorama internacional, é difícil compreender que não exista hoje uma maior variedade de publicações jornalísticas que estimulem o interesse das crianças. Apesar de tudo, é inegável que as revistas e suplementos atualmente disponíveis tendem a promover cada vez mais a criatividade, a imaginação e a diversidade de aprendizagens significativas, necessitando cada vez menos de intermediários para proporcionarem momentos cativantes aos seus leitores.

No entanto, constata-se um problema, que não é exclusivo a Portugal, e que se deve à diminuição do interesse das crianças pela imprensa e pelos suportes em papel, em detrimento de outros meios de leitura e entretenimento, em especial a televisão, a

internet (em computador ou *tablet*). Se há 20, ou 30 anos os suplementos tinham um valor intrínseco, na medida em que constituíam o principal (e muitas vezes o único) instrumento literário de articulação e de diálogo entre o mundo das crianças e o dos adultos; hoje, numa lógica mais concorrencial, esse interesse é muitas vezes forçado e diluído numa imensidão de estímulos que, muitas das vezes, nem fazem parte do universo das crianças e dos jovens.

Contudo, isto não impede que haja um maior investimento na qualidade por parte de uma imprensa que terá, forçosamente, que se especializar, dando continuidade a uma fórmula que funcionou no século passado e que continua a gerar interesse, em especial no que se refere à ilustração, à fotografia e ao *design*, áreas que visualmente estimulam e que podem ser o motor necessário para o incremento das vendas e o aumento significativo de leitores deste tipo de publicações.

Este trabalho apresentou os resultados de um estudo voltado exclusivamente para a compreensão da emergência de um jornalismo especializado de cariz infanto-juvenil. A análise desenvolvida pretendeu, por isso, dar conta da génese deste segmento, empenhando-se em perceber os termos em que o jornalismo procurou alcançar um público mais jovem, e as ferramentas que usou para esse fim. Nesta medida, mostrou-se fulcral aprofundar a leitura sobre o público-alvo em estudo, bem como a presença das crianças e jovens na esfera pública, compreendendo em simultâneo a importância destes indivíduos no espaço mediático e a cobertura jornalística que lhes é conferida.

A *VISÃO Júnior* é a única publicação do seu segmento em circulação e o trabalho que nela é realizado pretende estabelecer esta revista como um referente de modernidade para o século XXI. A sua estrutura nada tem a ver com a forma de apresentação dos suplementos do princípio do século XX, contudo o seu objetivo enquanto veículo de promoção da literacia mediática e, como consequência, da literacia literária, continua a promover aquilo a que se propuseram os seus percursores há mais de 100 anos. Para fazer frente ao decréscimo de interesse pelas versões em papel, a *VISÃO Júnior* começou a ser editada em formato *tablet* conferindo a esta publicação uma versão igualmente apelativa mas com outras potencialidades que só uma ferramenta multimédia pode facilitar, nomeadamente a introdução de vídeos e animações, trilhas sonoras e uma enorme interatividade com o documento. O trabalho

que nela é realizado é de primeira água, contando com a colaboração criativa de todos os designers e gráficos da redação da revista *VISÃO*. Esta participação promove um grande encontro de ideias, que se torna determinante para o desenvolvimento de uma revista digital que, a nível internacional – e dos casos apresentados anteriormente, é dos poucos exemplares em circulação a par da norte-americana *TIME for Kids*.

A partir do momento em que a infância é estabelecida e reconhecida como um período da vida com contornos muito particulares, sujeita a estádios de desenvolvimento significativos, ocorreram modificações sociais relevantes que importa estudar e avaliar. Assim, e porque as crianças e os jovens passaram a representar potenciais consumidores de suplementos, jornais e revistas, passou a ser necessária a produção de material especializado para eles, com o objetivo de suprir as necessidades desta faixa etária consumidora. As questões (e os desafios) que este tipo de jornalismo especializado terá de enfrentar colocam-se, por isso, entre a cedência a uma lógica mercantil e a participação ativa e responsável na formação de uma consciência pública, social, cultural e, como tal, política informada e crítica junto de uma comunidade de leitores mais jovem e, por isso, mais permeável.

Dito de outro modo, trata-se de perceber as contradições e os dilemas que este jornalismo especializado (porventura mais do que qualquer outro) terá de resolver: ser um instrumento fundamental na construção de um futuro sempre ameaçado ou um mero produto de consumo.

Bibliografia

Adão, Áurea (2012). *A Educação nos artigos de jornal durante o Estado Novo (1945-1969)*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Araújo, Manuel (2008). *A emancipação da Literatura Infantil*. Porto: Campo das Letras.

Bastos, Glória (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Blokeel, Francesca (2001). *Literatura juvenil portuguesa contemporânea: Identidade e alteridade*. Lisboa: Editorial Caminho.

Brites, Maria José (2011). *Espaço Público e Acontecimento: Os Jovens e a Cidadania: A relevância do espaço mediático*. Porto: Revista Caleidoscópio, pp. 177-188.

Buckingham, David (2013). *Media education: Literacy, learning and contemporary culture*. Cambridge: Polity Press.

Buckingham, David (2005). *The media literacy of children and young people: A review of the research literature on behalf of Ofcom*. Cambridge: Polity Press.

Candeias, António (2007). *Alfabetização e Escola em Portugal nos Séculos XIX e XX. Os Censos e as Estatísticas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Castrim, Mário (2011). *Viagens em Casa*. Lisboa: Caminho.

Elkin, Judith (2006). *Children as Readers*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.

Enzerberger, Hans Magnus (1986). *Elogio del Analfabetismo*. Berlim: Lettre International, n.º 9.

Esteves, João Pissarra (2004). *Espaço Público e os Média*. Lisboa: Edições Colibri.

Feilitzen, Cecilia Von (1999). *Children and the media: image, education, participation. The UNESCO International Clearinghouse on Children and Violence on Screen*. Göteborg: Göteborg University.

Ferro, João Pedro (1987). *História da banda desenhada infantil portuguesa: das origens até ao ABCzinho*. Lisboa: Editorial Presença.

- Foucault, Michel** (2013). *Vigiar e Punir*, Lisboa: Edições 70.
- Freitas, Helena de Sousa** (2012). *DN Jovem (1983-2007) – Trajecto, dinâmicas e legado de um suplemento juvenil*, VII Congresso Português de Sociologia, Sociedade Crise e Reconfigurações. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras.
- Herdeiro, Bernardette Pereira** (1990). *Literatura para jovens e crianças em Portugal*. Revista Ler, pp. 35-38.
- Lemos, Mário Matos e** (2006). *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora.
- Livingstone, S.** (2004). *Media Literacy and the Challenge of New Information and Communication Technologies*. The Communication Review, pp. 3-14.
- Matos, Álvaro Costa de et al.** (2009). *Jornalismo Gráfico e Censura no Estado Novo*. Revista JJ – Clube dos Jornalistas, pp. 50-65.
- Miaille, Michel** (2000). *Questões de Cidadania e Aprendizagem na Escola*. Oeiras: Celta Editora.
- Nóvoa, António** (1993). *A imprensa de Educação e Ensino: repertório analítico (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Nóvoa, António, et al.** (2009). *Formar Leitores para Ler o Mundo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, Maria José** (1998). *Suplemento “Juvenil” do Diário de Lisboa: Lugar de ensaio para uma nova poesia portuguesa*. Dissertação defendida no âmbito de mestrado na Escola Superior de Jornalismo do Porto.
- Patterson, Thomas** (2003). *Tendências do Jornalismo Contemporâneo*. Revista Media & Jornalismo, n.º 2. Coimbra: Minerva.
- Penman, Robyn** (2000). *Reconstructing Communicating: Looking to a Future*. Oxford: Taylor & Francis.
- Pinto, Manuel** (2003). *A Educação para os Média, uma Aposta com Futuro*, in Actas Congresso “*Luces en el Laberinto Audiovisual*”. Huelva.

Pinto, Manuel, et al. (2011). *Educação para os Média em Portugal: experiências, atores e contextos*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. Lisboa: Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

Pires, Maria Laura Bettencourt (s.d.). *História da literatura infantil portuguesa*. Lisboa: Vega.

Ponte, Cristina (2000). *Quando as Crianças são Notícia: Atas do Congresso Internacional “Os Mundos Sociais e Culturais da Infância”*, volume III, Braga: Universidade do Minho, pp. 330-339.

Ponte, Cristina (2001). *Crianças na Primeira Página: Contributo para a Análise da Noticiabilidade da Infância em Portugal*. CEDIC, Textos de Trabalho, p. 9.

Ponte, Cristina (2002), *Cobertura Jornalística da Infância: “Definindo a Criança Internacional”*. Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 38, pp. 61-77.

Ponte, Cristina (2009). *Crianças e Jovens em Notícia*. Lisboa: Livros Horizonte.

Rocha, Natércia (2001). *Breve história da literatura para crianças*. Lisboa: Editorial Caminho.

Rousseau, Jean-Jacques (1992). *Emílio: Volume I*. Lisboa: Europa-América.

Ruddell, Martha (1995). *Those Influential Literacy Teachers: Meaning negociators and motivation builders*. The Reading Teacher Magazine, pp. 454-463.

Traquina, Nelson (2000). *O poder do Jornalismo – Análise e Textos da Teoria do Agendamento*. Coimbra: Minerva.

Traquina, Nelson (2002). *O que é Jornalismo*. Lisboa: Quimera.

Turnbull, Sue (2006). *What’s the Buffy of it?: Media education, media literacy and the school curriculum*. Harpenden: ATOM Conference.

Veríssimo, Helena Ângelo (2003). *Os Jornalistas nos anos 30/40 elite do Estado Novo*. Coimbra: Minerva.

Yates, Sally (2009). *Reading and Literacy*. Nova Iorque: Routledge.

Anexos

Le Jeudi de la Jeunesse

PUBLICATION HEBDOMADAIRE

ABONNEMENTS : France, 1 an, 6 fr.; 6 mois, 3,50; Étranger, 1 an, 8 fr.; 6 mois, 4,50.

ADMINISTRATION ET BUREAUX DE VENTE :
LIBRAIRIE ILLUSTRÉE : JULES TALLANDIER, Éditeur,
8, RUE SAINT-JOSEPH, PARIS.

Service des Abonnements et des Concours, 116, rue Montmartre.

LE CHEMIN FLEURI — Illustrations de R. THOMEN.

La petite Jeanne et le petit Paul, onse à douze ans, s'aimaient comme frère et sœur. Leurs parents n'habitaient deux appartements situés au cinquième étage et dont les fenêtres se faisaient vis-à-vis.

Et la rue était si étroite que les deux enfants pouvaient se parler, traverser la rue.

Le printemps venu, comme ils aimaient beaucoup les fleurs, ils s'étaient mis à en cultiver dans des pots rangés sur un balcon devant chacune des fenêtres, et les parents, pour augmenter ce parterre, avaient placé en travers de la rue une planche avec d'au res pots.

Pour le voir, Jeanne et Paul étaient obligés de descendre cinq étages et de les remonter, car leurs parents leur avaient défendu de passer d'un balcon à l'autre.

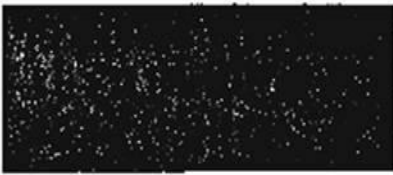
Et jusque-là les enfants n'avaient jamais osé enfreindre cette défense. Mais, un jour que Jeanne était à sa fenêtre, elle vit voler près d'elle un gros bourdon qui faisait grand bruit et l'éclaira.

Elle voulut le repousser, mais le bourdon, s'étant approché, lui parla à l'oreille. — Pourquoi ne vas-tu pas, lui dit-il, trouver ton petit ami qui s'en va-t-il?

La petite Jeanne, très étonnée, regarda l'insécte. — Tu n'as qu'un pas ou deux à faire, ajouta le bourdon. Il suffit de grimper sur la planche. La fillette, se rappelant la défense de ses parents, repoussa le tentateur, mais le vit qui parlait à l'oreille de Paul. Elle voulut prévenir son ami. Il était trop tard. L'enfant avait mis le pied sur la planche et disparu dans le vide. (Voir la suite au verso.)

Anexo 1 - Le Jeudi de la Jeunesse, 1906.

11 5 957



AS FLORES E O TETANO

Uma flor bonita, uma flor de jardim, que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim...



Uma flor bonita, uma flor de jardim, que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim...

UMA HISTÓRIA AFRICANA

Uma história africana, uma história africana, que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim...



Uma história africana, uma história africana, que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim...

Uma história africana, uma história africana, que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim...

Uma história africana, uma história africana, que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim...

Diário de Lisboa



O MELHOR AMIGO DO HOMEM

O melhor amigo do homem, o melhor amigo do homem, que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim...



O melhor amigo do homem, o melhor amigo do homem, que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim...

A colaboração deste número do «Diário de Lisboa Juvenil» é assegurada por Augusto Dias, Mério Castrim e Manuel Salgueiro, para o texto, e António Santos (Tosari) e António Domingues, para as ilustrações.

UMA EM F



Uma em f, uma em f, que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim...

Uma em f, uma em f, que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim...

Que sabes tu de...

Que sabes tu de... que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim...



Que sabes tu de... que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim...

Que sabes tu de... que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim, e que se encontra em todo o jardim...

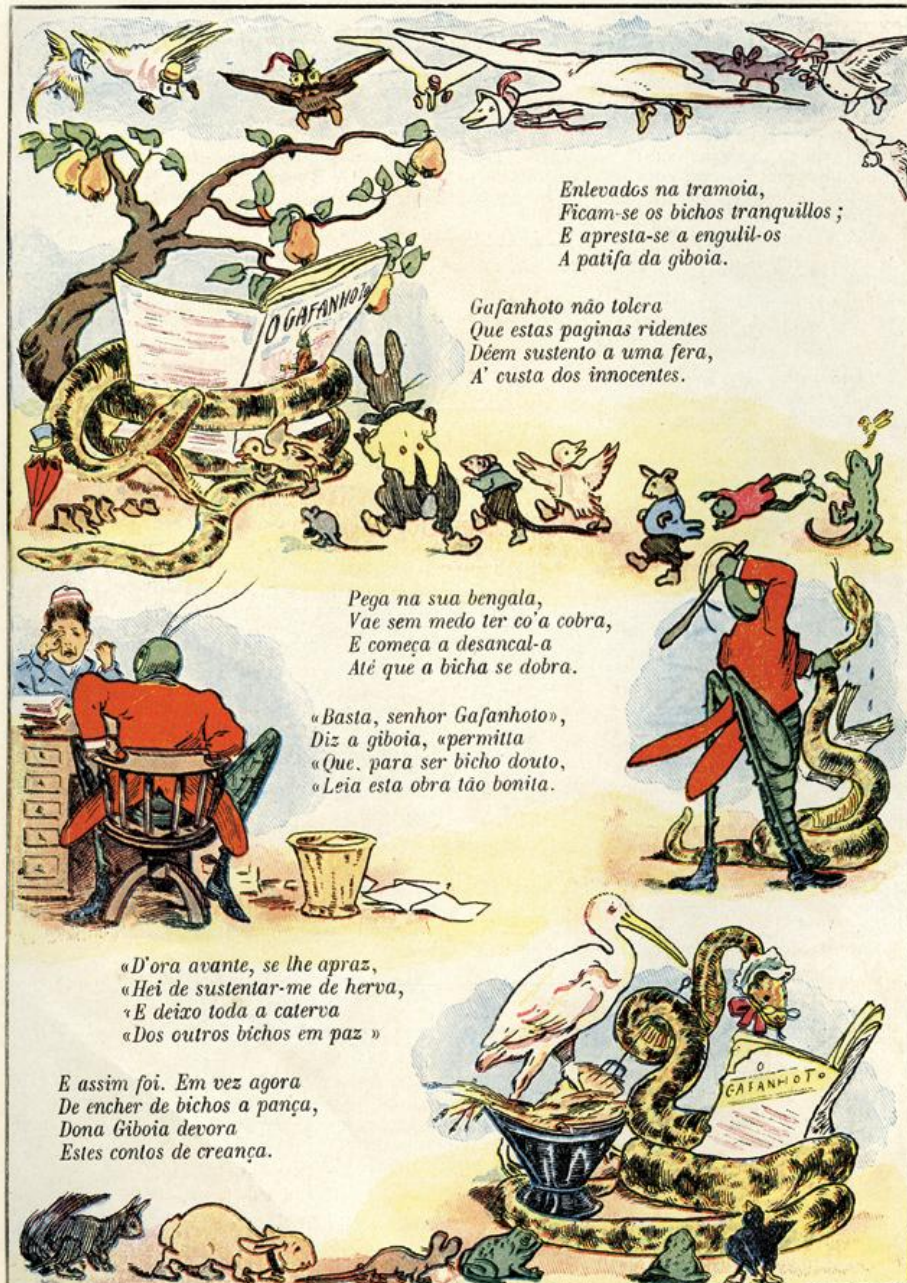




Anexo 3 – DN Jovem, 1983.

O Gafanhoto

13



Anexo 4 - O Gafanhoto, 1910.

ANO I — N.º 1

Preço 30 centavos

DIRECTORES
Manuel de Oliveira Ramos
Cottinelli Telmo (arquitecto)
EDITOR
Carlos Ferrão

abc zinho

Inscrição — Administração
Composição
65, RUA DO ALEGRIM, 65
Casa das Máquinas
60, RUA DA ATALAIÁ, 62
Telef. 2440-C
LISBOA PORTUGAL

histórias · bonecos · construções



O FILHO DO AGULHEIRO

Roberto, o filho do agulheiro, era um rapazito de doze anos, todo bonito e alegre. Não porque tivesse lá muitas razões para andar alegre, visto como apesar dos seus poucos anos, já passava trabalhos que assustariam muitos homens.

O Pai não o mandava à escola e pensava mais

na taberna e no vinho do que na educação do filho.

Quantas vezes, enquanto o agulheiro jogava ou bebia com os companheiros, lá pela noite alta, o pobre Roberto tinha de se levantar da sua cama tão quente e vir cá fora, ao frio, a acenar com a



lanterninha verde ou mudar a agulha, para que o comboio da meia noite pudesse passar!

A's vezes atrevia-se a fazer as suas observações ao Pai e dizia-lhe então que aquilo assim não ia bem. Pois o agulheiro sobre quem pesava uma responsabilidade tam grande e que podia, com uma

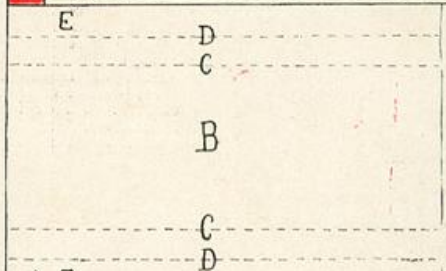
simples distracção, causar a perda de milhares de vidas, andava sempre metido na taberna! Mas o Pai não gostava de ouvir sermão pregado pelo seu rapaz. Quando estava bem dispósto e o vinho não lhe dava para o mal, chegava a rir-se com os remques do petiz. Mas, quando andava com os seus

15 - OUTUBRO - 1921

PERTENCE A ESTE NUMERO UMA FOLHA SOLTA:
A CONSTRUÇÃO DUM

ELEFANTE

PÁGINA INFANTIL



Corte-se o espaço em branco **A**, que é abertura, por onde correrá a fita, e o espaço também em branco **B**, do qual se fará uma passadeira dobrando-o para a frente pelas linhas **CC**, para traz pelas linhas **DD** e colando-o em todo o comprimento das tiras **EE** em cima e em baixo, da parte de traz da abertura que se fez no animatografo. Separem-se as 3 tiras da fita e juntem-se colando o n.º 2 sobre **X** e o n.º 3 sobre **Z**.

Para o animatografo ficar solido e mover-se com facilidade deve, antes que se faça a abertura e se arme a passadeira, colocar-se no fundo de uma caixa de cartão das mesmas dimensões e de rebordos baixos, a qual, depois de tudo pronto, collocado ao lado, se assemelhará muito a um palcosinho.



Anexo 6 - Página Infantil, 1922.

REVISTA EDUCATIVA E RECREATIVA PARA AS CRIANÇAS

N. 2



Preço:
Nos Estados — 300 Réis.

Preço:
No Rio de Janeiro — 200 Réis

HISTORIA DE ROBINSON
CRUSOE'



Aqui chegou Robinson Crusoe,
a 30 de Setembro de 1659.
(Veja a historia na pag. 15).

Anexo 7 - O Carlitos, 1922.

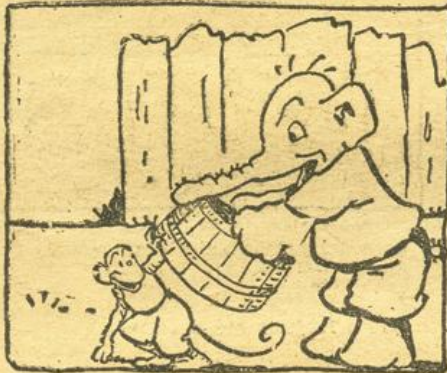
Ano III

24 de Outubro de 1926

n.º 37



A VISITA



«Li-li-fan» espera a visita do «Réco», de quem não gosta, e a uma partida esquisita, que quer ter a casa disposta.



Sob uma cêlha voltada, assento que ha-de oferecer á visita anunciada, o Jacó manda esconder.



Quando amavel está falando o «Réco» com «Li-li-fan», começa a cêlha oscilando e a dançar o Can-Can!

O «Réco» foge aterrado, sem pensar na despedida... «Li-li-fan», todo babado, fica a rir-se da partida!



Anexo 9 - Os Sportsinhos, 1925.



Anexo 10 - A Cigarra: *Jornal Infantil*, 1925.



Anexo 11 - O Pintainho, 1925.

Ano I

Lisboa, 1 de Dezembro de 1925

N.º 1



Director literario:
António de Sousa
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
José de Sá
PAPUSSE

Barraca de Tanteches



*D. Fuas e Francisquinho
Vão a casa de D. Ana,
A quem nasceu um netinho
Ha coisa d'uma semana.*



*Chega o bebé, é o petiz,
Que é levadinho da breca,
Ao ver o pimpólho, diz:
Olha o menino é careca!*



*D. Ana:—Um momento só...
Que eu vou chamar o papá...
D. Fuas, que usa chinó,
Adormeceu no sofá.*



*Então o que ha de lembrar
Ao endiabrado Chiquinho?!
Ao tio o chinó tirar,
É ir pô-lo no bebésinho.*



*Mas a sua imensa bolha,
Não contente, decidiu:
Pintar-lhe com uma rôlha,
Bigodes como os do tio!*



*Acorda o tio entretanto
E exclama ao ver o meudo:
—Ai Jesus! eu dormi tanto,
Que o petiz é já taludo.*

de S. S.

The weekly newspaper for young people

Working with National Literacy Trust

Issue 395 £1.50 10 - 16 January 2014

FirstNews

more than a million readers*

Winner of the national newspaper of the year*

Every page is interactive where you see the logo

Do you want to see the FirstNews+ logo on your page? It costs 99p.

The Voice
It's back! But who are the new Judges? Meet them inside!

Help mum!
This panda cub has made its first public appearance - but where is it?

AND WE THOUGHT OUR WEATHER WAS BAD...



AN Arctic chill has frozen parts of America, with people like the man in our picture trying to cope with record-breaking freezing temperatures.

by editor Nicky Cox

Lee Tuttle, 66, was trying to clear snow from his driveway at his home in the state of Michigan when his beard froze to his face. Lee and other residents have been dealing with the US's harshest winter conditions in 20 years. Temperatures in the north and central US have been falling as low as -51°C (-60°C) with the effect of wind chill from the rare "polar vortex", forecasters say. Millions of people have been affected across much of the northeast of America, with heavy snow causing thousands of cancelled flights, schools to be closed and flooding.

Back in Britain, storms have caused powerful waves up to 8m (27ft) high. In this picture, right, people watched enormous waves breaking on Porthcawl harbour, South Wales, where very strong winds and high seas have been creating dangerous weather conditions. Across the UK, dozens of flood warnings remain in place.



Today's First News weather with Sky News (6 Jan 14)

First News felt it was a good time to launch one of the world's first ever daily weather forecasts for young people. Made for us by Sky News, you can see it now at firstnews.co.uk or watch it with the FirstNews+ app. In these dramatic weather times, it is essential viewing!

*The 2013 Newspaper Awards: Best weekly national newspaper and best niche market newspaper. Also, Plain English Campaign: Best national newspaper. *Source: First News Readership Survey, January 2011, Opinion Matters. First News supports children's charities - see page 14.

Anexo 13 - First News (Reino Unido), 2014.

EDITION 5-6 • MARCH 22, 2013 • VOL. 3 • NO. 20



World The new Pope, Francis, is from Argentina.



World A teen's bright idea protects cattle—and lions.



Space So what exactly is a planet?

TIME FOR KIDS

5-6



THE FUTURE OF TESTING

High-tech standardized tests are coming soon to your school.

Anexo 14 - *TIME for Kids* (Estados Unidos da América), 2013.

The cover of the children's magazine 'Astrapi' is set against a dark blue background with various sea creatures like jellyfish, octopus, and fish. At the top left, the 'bayard' logo is visible. The title 'Astrapi' is written in large, stylized white letters with a red outline. Above it, the text '2 fois par mois' is written. Below the title, the main headline reads '5 000 mètres sous les mers!'. A central illustration shows a yellow submarine with a circular window revealing three children inside. At the bottom left, a yellow toy submarine is shown with the word 'nautille' on its side. A red starburst graphic contains the text 'CADEAU Ton mini sous-marin à fabriquer'. On the left side, there is a vertical strip with the text '7-11 ans' and 'J' ma planète!' next to a small globe illustration. At the very bottom left, the text 'N° 790. BIMENSUEL. 15 MARS 2013' is printed.

bayard

7-11 ans

J' ma planète!

2 fois par mois

Astrapi

5 000 mètres sous les mers!

CADEAU
Ton mini sous-marin à fabriquer

nautille

N° 790. BIMENSUEL. 15 MARS 2013

Anexo 15 - Astrapi (França), 2013.

OKAPI bayard
10-15 ANS
le monde s'agrandit
100% ADO
TOUS LES 15 JOURS
Ils ont osé!
UNE SEMAINE SANS INTERNET

FRANCE: 5,20 € - BELGIQUE: 5,50 € - GRÈCE: 5,90 € - PORTUGAL, LUXEMBOURG, ESPAGNE: 6,20 € - SUISSE: 6,50 € - CANADA: 9,99 \$ - MEXIQUE: 6,50 \$ - ÉTATS-UNIS: 7,99 \$

M 02267 - 989 - F - 5,20 €

ÉVÈNEMENT
Les secrets du Gangnam style

ON SE DIT TOUT
Je veux un animal!

DOSSIER
UN MONDE SOUS LA VILLE

Anexo 16 - Okapi (França), 2013.



Anexo 17 - Reportero DOC (Espanha), 2012.

EL GANCHO

Periódico mensual • ELGANCHO.es • 1,20 euros

Nº 69 • Abril 2014

¡Creatividad al poder!

¡¡Por el Día Mundial de la Creatividad y la Innovación, te traemos las ideas más ingeniosas que triunfan por todo el mundo!!

Págs. 8 y 9



¡La vuelta al mundo SOLA!

Laura Dekker se hizo famosa con solo 14 años cuando zarpó en su barco para dar la vuelta al mundo ¡en solitario! Ahora se estrena en EE. UU. su esperado documental, *Maidentrip*.

Pág. 13





Música, Violetta!

O Disney Channel estreia este mês uma série que já passa nas televisões de mais de 30 países

Violetta é uma adolescente que, depois de viver vários anos na Europa, regressa com o pai à Argentina, país onde nasceu e de onde partiu logo após a morte da mãe. Na capital daquele país, Buenos Aires, e em especial na escola de artes Studio 21, Violetta descobre novos amigos e novos inte-

resses, sobretudo a música e a dança. Com muita animação e com muitas canções, a série é protagonizada por um grupo de atores e atrizes de diferentes países: Argentina, Brasil, Espanha, EUA, Itália, México e Ucrânia. No estrageiro, a série tem sido um sucesso tão grande que já foi criado

TOMÁS

Nasceu para cantar e tocar guitarra. Estuda no Studio 21 graças a uma bolsa de estudo.

FRANCESCA

Não há amiga mais fiel e honesta do que ela. É uma rapariga inteligente e muito esforçada na escola.

VIOLETTA

É a protagonista desta série. É uma adolescente simpática e solitária, com uma voz surpreendente.

LUDMILA

Tem tanto de bonita e sofisticada como de maquiavélica e mentirosa. É a personagem que mais vai rivalizar com Violetta.

LEÓN

É um rapaz presunçoso e vaidoso, mas com bom coração. É um bom amigo de Ludmila.



12



um espetáculo musical com os seus atores e atrizes que irá percorrer a Argentina, Espanha, Brasil, Chile, Paraguai e Venezuela. Martina Stoessel, 16 anos, que interpreta a personagem de Violetta, ainda não se habituou à atenção que lhe é dada: «Tudo o que quero é cantar!»

NATY

É a melhor amiga de Ludmila. Adora moda e é muito arrogante com todos os colegas.

Como é a escola na América?

Um programa da SIC K mostra as diferenças entre o teu dia a dia e o dos estudantes americanos. Vale a pena ver!

'Aprender nos Estados Unidos' passa na SIC K a partir de 30 de setembro, de 2.ª a 6.ª, às 13 horas

Será que as aulas do 5.º ano são iguais em Portugal e nos Estados Unidos da América? Será que as escolas têm o mesmo aspeto? E será que os professores ensinam da mesma maneira? Estas são algumas das perguntas às quais o programa 'Aprender nos Estados Unidos/ Learning in the United States', feito pela SIC K, tenta responder. Uma equipa de jornalistas esteve em várias cidades norte-americanas para realizar estes cinco documentários. Visitou escolas e entrevistou muitos alunos entre os 6 e os 18 anos, que explicam tudo sobre a sua vida na escola. Acompanhou aulas de Química, de História, de Matemática, A SIC K conseguiu fazer esta série porque ganhou um concurso internacional no qual participaram canais de televisão de 50 países do mundo. Vais descobrir que nem tudo o que vês nas séries de ficção de televisão é verdade...



Anexo 19 - Notícia de abertura, VISÃO Júnior n.º 112, 2013.

GRÁTIS LIVRO DE JOGOS
PARA AS FÉRIAS

LeR+
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

VISÃO
JÚNIOR

N.º 111
AGOSTO | 2013
MENSAL
PORTUGAL (CONT.) €1,60

**NADAR COM
GOLFINHOS**

Sabias que os golfinhos se tratam pelo nome?
E que são descendentes de um animal
parecido com o cão?

**NÚMERO
DE ANIVERSÁRIO
PASSEM POS
ESPECIAIS**

**FAZ UM
JANTAR
GOURMET**

**PARA OS
TEUS PAIS**

QUIZ4you
+ €2,40
CONT.
**QUIZ
CIÊNCIA**

yeah!
**CAMPOS DE FÉRIAS
O DIA A DIA LOUCO**

Anexo 20 - Reportagem, *VISÃO Júnior*, n.º 111, 2013.



Apanhámos boleia com Ema Tomé, uma das vencedoras do passatempo que oferecia uma experiência com golfinhos no Zoomarine

Queres entrevistar alguém ou fazer uma reportagem? Escreve-nos para vjuniorreporter@impresa.pt, ou pelo correio, e faremos os possíveis para tornar o teu desejo realidade... Não te esqueças de mandar o teu nome e telefone



24

Queres ser o próximo repórter Júnior?



Ema Tomé na piscina a dançar com um dos golfinhos

Na água com

Os primeiros segundos dentro de água com os golfinhos deixam-nos o coração aos pulos. Estes mamíferos que nadam mesmo ao nosso lado são enormes, muito maiores do que uma pessoa. São muito mais fortes do que tu e eu. E têm a boca com mais de 80 dentes todos eles parecidos aos nossos caninos.

O nosso planeta está repleto de animais selvagens de inúmeras espécies. Chegar perto deles é um risco porque alguns são mesmo muito perigosos e podem até fazer-nos mal. No meio de todas estas espécies selvagens existem animais que convivem há séculos com os homens, e até agora essas relações têm corrido muito bem: entrámos na água para conhecer o *Tursiops truncatus*, que é o nome científico que se dá ao golfinho-roaz.



os golfinhos

Há em Portugal um sítio onde podes interagir com golfinhos, nadar com eles e até andar à boleia no seu dorso. Esse lugar fica em Albufeira e chama-se Zoomarine. Em setembro de 2012 oferecemos cinco dessas experiências, e no Algarve conhecemos uma das vencedoras do passatempo, Ema Tomé, 14 anos, para assistirmos à sua oportunidade de conviver com estes mamíferos marinhos. «Nunca estive na água ao pé de um golfinho, estou muito ansiosa», garante Ema.

À hora marcada, os monitores do Zoomarine organizaram o grupo de participantes inscritos na experiência, ao qual se juntou Ema, e partiram para a zona onde acontecem as atividades de contacto com os golfinhos. O programa de interação decorre numa piscina enorme, em forma de lagoa, muito parecida com uma praia, onde os golfinhos nadam livremente como se estivessem no mar. Marco Jesus, monitor educacional, fez as apresentações e distribuiu

coletes que todos tiveram de vestir para se sentirem cómodos durante os 30 minutos da parte aquática do convívio com os golfinhos.

Ainda antes de entrarem na água, os participantes e a Ema assistiram a uma apresentação interativa sobre o golfinho-roaz.

«**A experiência de interação** com golfinhos é um programa que está preparado para decorrer com muita segurança, principalmente se os ►



Golfinhos no seu habitat natural

Em Portugal ainda existem golfinhos a viver em liberdade, na costa. Um dos maiores grupos pode ser avistado nas águas do estuário do rio Sado, em Setúbal.



Zoomarine



Onde é?

Estrada Nacional 125 - km 65
Guia

Quanto custa a experiência com golfinhos?

Cada pessoa: €169

Queres saber mais?

www.zoomarine.pt
Telefone: 289 560 306

26



Os golfinhos adoram festinhas!



E têm uma barbatana flexível

▶ participantes respeitarem todas as regras», assegura Márcia Neto, treinadora-chefe de mamíferos marinhos do Zoomarine.

Já na água da lagoa, os 12 participantes foram divididos em dois grupos, e foi aí que todos começaram a conhecer de perto os golfinhos. Os tratadores acompanharam, um por um, todos os participantes na interação com os roazes e deram mais algumas dicas e informações sobre os animais marinhos para que a experiência corresse muito bem. «Não ponham o dedo no espiráculo do golfinho, é como se estivessem a meter o dedo num nariz», adverte Marco Jesus.

Todos foram contactando de diferentes maneiras com os golfinhos. «Deitei-me numa prancha e os golfinhos empurraram-me os pés com

o focinho», conta Ema. Segundo Marco Jesus, os golfinhos são animais velozes e a nadar conseguem atingir uma velocidade superior aos 30 quilómetros por hora. «Eles nadaram com grande rapidez, senti a força deles nos meus pés, pensei que ia voar», continua Ema eufórica. Mas as habilidades não se esgotaram por ali. Os treinadores ensinaram aos participantes alguns comandos gestuais que faziam os golfinhos mergulhar, dizer adeus e saltar muito, mas mesmo muito alto.

Houve ainda danças, rodopios e trocas de beijinhos com os golfinhos, que estiveram sempre muito bem-dispostos e divertidos com a companhia dos meninos e meninas. «Vou lembrar-me desta experiência para sempre», remata Ema à saída da piscina.



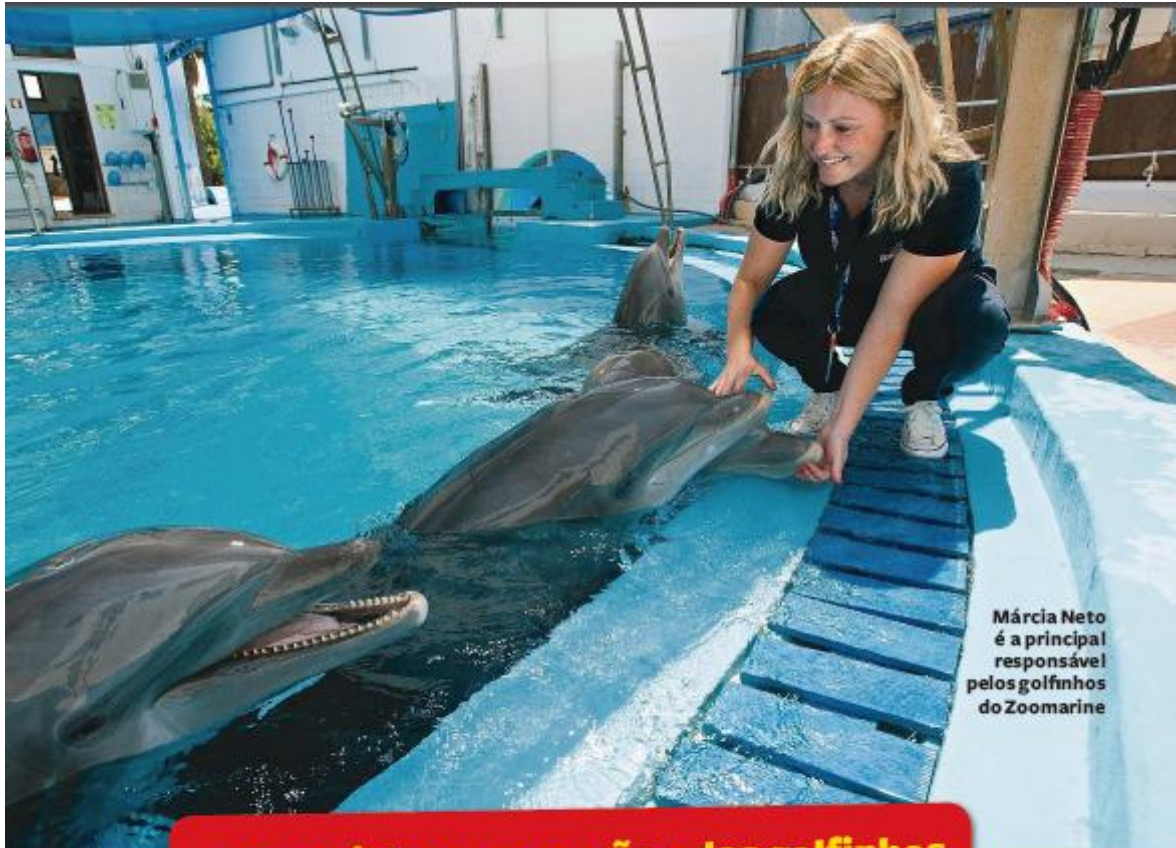
Ema é empurrada pelos pés...



...é puxada agarrando as barbatanas peitorais

Vai a www.visaojunior.sapo.pt

saber mais sobre estas experiências



Márcia Neto é a principal responsável pelos golfinhos do Zoomarine

Entrevista com a «mãe» dos golfinhos

Falámos com Márcia Neto, treinadora de mamíferos marinhos do Zoomarine, em Albufeira

Neste momento quantos golfinhos há no Zoomarine?

Há cerca de dez golfinhos na área de apresentações e espetáculos e mais dez na área dos programas de interação com o público. A nossa família de golfinhos já está cá há mais de 20 anos. São crias de crias nascidas cá. Temos uma grande variedade de idades: o golfinho mais novo vai fazer 1 ano e o mais velho já tem 43.

Como cuidam da saúde destes mamíferos marinhos?

O Zoomarine tem uma equipa

veterinária que trabalha todos os dias. Eles estão connosco ao longo de todo o ano. Todos os animais estão treinados para deixarem fazer recolhas de sangue através da barbatana caudal. São pesados semanalmente, ou quinzenalmente com indicação veterinária.

Qual é a esperança média de vida de um golfinho?

Aqui já houve um macho que viveu mais de 50 anos. Na natureza, os golfinhos vivem entre os 25 e os 30 anos. É uma grande diferença porque cá os golfinhos têm cuidados veterinários,

estão protegidos das pessoas e dos predadores.

O que come um golfinho do Zoomarine?

Trabalhamos com peixe congelado para garantir a qualidade do alimento. Quando o peixe chega às nossas instalações é enviado para análise e se estiver capaz para consumo humano nós podemos dá-lo aos animais. Se fosse peixe fresco nós não podíamos garantir a qualidade. Para compensar o facto de o peixe ter sido congelado damos vitaminas aos nossos golfinhos.



Conversas de golfinhos

Os golfinhos têm vocalizações e estalidos para cada tipo de situação. Os biólogos marinhos que os estudam já conseguem perceber se os animais estão contentes, assustados ou se querem atenção. Os sons que os golfinhos fazem são apenas produzidos pelo espiráculo. A boca mexe mas de lá não sai qualquer som, é apenas um movimento reflexo como aquele que as pessoas têm quando falam e mexem as mãos.

Os cientistas acreditam que os golfinhos usam um assobio diferente para identificar e comunicar com outro golfinho. Quando os animais ouvem esse estalido reagem como se os estivessem a chamar pelo nome.

Golfinho-roaz

Esta espécie de golfinhos também é apelidada de roazes porque são conhecidos por roerem as redes dos pescadores para comerem os peixes e os moluscos que ficam presos na malha.

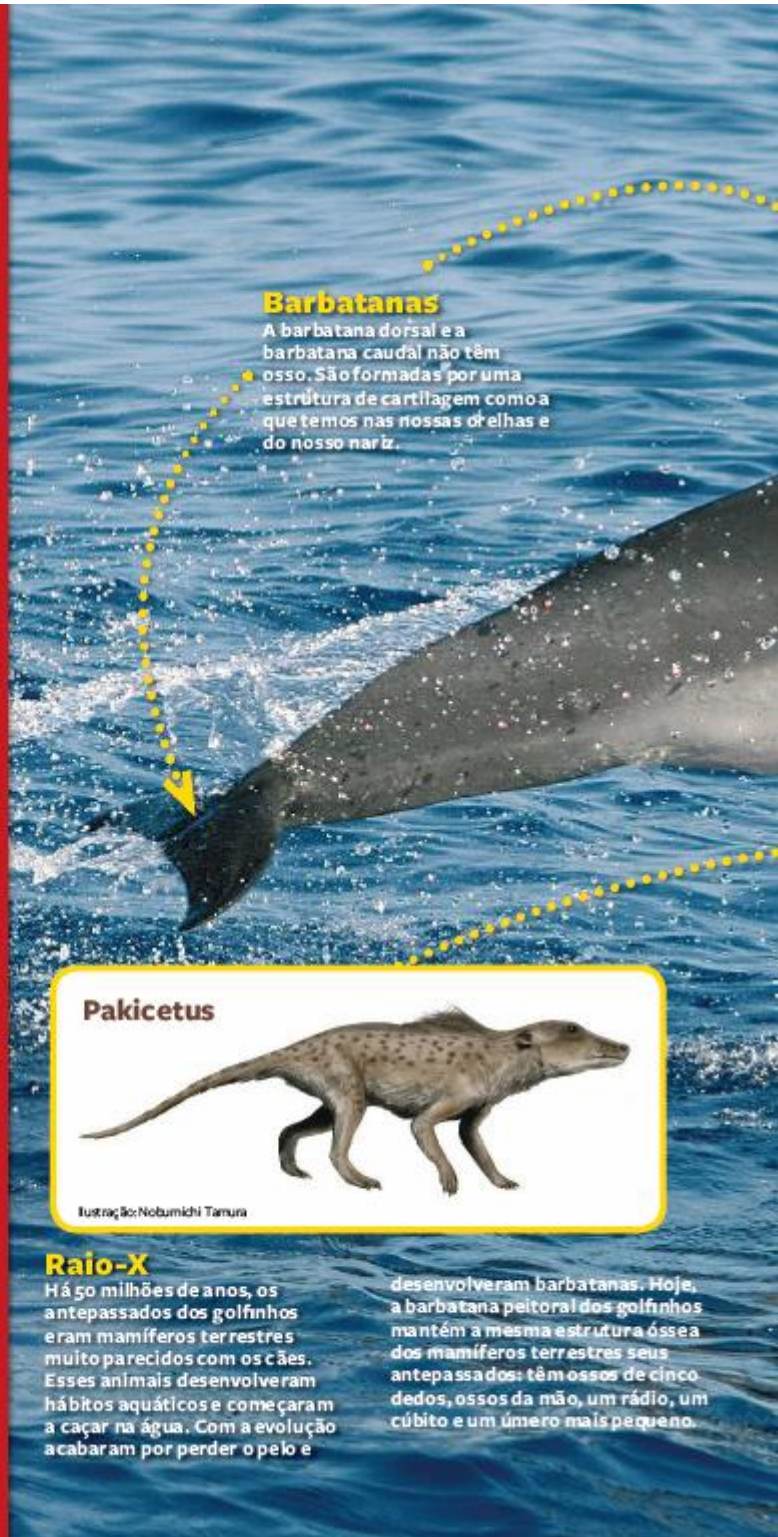
Cetáceos

Os golfinhos são cetáceos. Isto quer dizer que são animais que respiram por pulmões e que têm sangue quente. Há outros animais na natureza com estas características: os cachalotes, as baleias, as toninhas, os botos e as orcas.

Tens mais curiosidades sobre golfinhos?

Visita a nossa página da Internet em <http://visao.sapo.pt/junior> e descobre o mundo secreto dos golfinhos do Zoomarine.

28



Barbatanas

A barbatana dorsal e a barbatana caudal não têm osso. São formadas por uma estrutura de cartilagem como a que temos nas nossas orelhas e do nosso nariz.

Pakicetus



Ilustração: Nobumichi Tamura

Raio-X

Há 50 milhões de anos, os antepassados dos golfinhos eram mamíferos terrestres muito parecidos com os cães. Esses animais desenvolveram hábitos aquáticos e começaram a caçar na água. Com a evolução acabaram por perder o pelo e

desenvolveram barbatanas. Hoje, a barbatana peitoral dos golfinhos mantém a mesma estrutura óssea dos mamíferos terrestres seus antepassados: têm ossos de cinco dedos, ossos da mão, um rádio, um cúbito e um úmero mais pequeno.



Anexo 21 - Reportagem, *VISÃO Júnior*, n.º 111, 2013.



Eles são escri

Pegaram na caneta e nunca mais pararam de escrever. Fomos conhecer quatro miúdos que publicaram livros recentemente



Rebeca Amorim Csalog, 17 anos

Estuda no 12.º ano

Vive em Lisboa

Aniversário: 14 janeiro

Primeiro livro: 'Glyrman dia'

Leituras favoritas: filosofia, romance, policial

Passatempos: equitação, desenhar, escrever, correr e sair com os amigos



Sempre que pensamos em escritores vêm-nos à memória senhoras já crescidas, que contam histórias aos netos e que bebem chá na pontinha da cadeira. Ou, então, senhores com barbas cinzentas e com os óculos seguros no nariz. Mas sabes uma coisa? Não podíamos estar mais errados! Os escritores da tua idade estão aí e com eles muitas histórias cheias de mundos novos para descobrires.

Desde que aprendeu a ler no primeiro ano, Rebeca Amorim Csalog,

hoje 17 anos, nunca mais largou os livros. «O meu gosto pela leitura foi forte e repentino, sou completamente viciada em livros», assume. O prazer pela escrita acompanhou o interesse pela leitura e no 6.º ano, por causa de uma professora, começou a escrever as primeiras linhas daquilo que viria a ser o seu primeiro livro, *Glyrman dia*. A escrita desta aventura demorou três anos e quase ficou por terminar. «Mas a minha mãe incentivou-me a acabar.»

Depois, veio a parte mais difícil: encontrar uma editora que publicasse

o livro. A editora Planeta agarrou o desafio. E a aventura de Daniel, que vai parar a um mundo paralelo depois do comboio onde ele viaja ter um acidente na selva indiana.

O percurso de Sofia A.D. Monteiro, 15 anos, é diferente. «Comecei a ler mais tarde por causa de um problema de visão, mas sempre gostei de inventar e contar histórias», diz. Um dia decidiu escrever tudo aquilo que estava gravado na memória e nasceu *O Mistério do Sótão*, o primeiro livro de uma trilogia que conta as avenu-

tores!



Bernardo Thó Monteiro, 10 anos

Aniversário: 13 de janeiro
Estuda no 5.º ano
Vive nas Caldas da Rainha
Primeiro livro: 'As Histórias de Outro Mundo'
Leituras favoritas: Aventura e fantasia
Passatempos: ginástica, pintar, modelagem, natação



Mafalda Matos Dias, 12 anos

Aniversário: 5 de outubro
Estuda no 8.º ano
Vive em Vila Real
Primeiro livro: 'A Grande Máquina do Tempo e outros contos'
Leituras favoritas: Poesia e aventura
Passatempos: dança, representação, fotografia



ras de uma rapariga que desaparece na sua própria casa. Os primeiros livros de Mafalda Matos Dias e de Bernardo Thó Monteiro são coletâneas de contos. «Um dia, cheguei da escola, sentei-me e escrevi. Estava cheio de ideias e ao fim de uns dias já tinha uma história completa», assegura Bernardo, 10 anos. A imaginação era tanta que a vontade de escrever não acabou, as histórias apareciam umas atrás das outras. E depois de falar com várias editoras conseguiu publicar o seu primeiro

livro, *As Histórias de Outro Mundo*. A veterana da escrita Mafalda Dias, 12 anos, vive em Trás-os-Montes. Veterana porque começou a escrever quando tinha 7 anos, já lá vão cinco anos. «Fui guardando todos os textos que inventei para a escola», conta Mafalda. Aos 9 anos, termina o primeiro livro, *A Grande Máquina do Tempo*, e, pouco tempo depois, seguiu-se um de poesia.

Rebeca, Sofia, Bernardo e Mafalda escrevem, mas também ado-

ram música. «O meu melhor amigo é o meu iPod», revela Sofia, no meio de muitas risadas. «Adoro Ross Lynch e ciço Coldplay e Maroon 5», diz Mafalda, que, além de acompanhar a carreira musical de algumas estrelas pop, também estuda violino. Já Bernardo toca piano desde os 6 anos. «Era para aprender guitarra este ano, mas não deu», revela, com alguma tristeza. No meio dos seus inúmeros interesses, Rebeca frequenta o Conservatório Nacional de Lisboa, onde está a fazer o curso de harpa. O seu percurso musical



não começou por este instrumento tão mágico. «A minha mãe encontrou um violino numa feira e aos 3 anos comecei a aprender a tocá-lo», conta. Aos 6 deixou o violino e encantou-se pela harpa: «Fiquei fascinada, é um instrumento tão idílico, associado à mitologia.» Neste momento, Rebeca está no 5.º ano do curso básico de Harpa, no 6.º ano de Formação Musical, no 5.º ano de Coro e no 5.º ano de Orquestra.

Escrever, escrever e escrever é algo que está nos planos de vida de todos os miúdos escritores. Sofia e Mafalda já têm novos livros prestes a serem lançados. Rebeca imagina-se numa universidade estrangeira a estudar música e a regressar a Portugal um dia mais tarde, para estudar filosofia e jornalismo: «Enquanto puder, quero fazer tudo o que gosto.» Os planos de Sofia passam por continuar a escrever e já tem ideias para imensas histórias novas, em géneros literários sempre ligados à fantasia e aos mundos mágicos.

Bernardo passou agora para o 5.º ano mas já sabe que vai ser médico quando crescer. Mafalda, no 8.º ano, pensa em continuar a explorar a dança e a representação. «Quero alguma coisa que tenha a ver com as artes performativas, é disso que eu gosto mesmo», acrescenta.

TEXTO: FERNANDO CARVALHO
FOTOS: LUÍS BARRA E MARGIS BORGIA



**Sofia A.D. Monteiro,
15 anos**

Estuda no 10.º ano
Vive em Queluz
Aniversário: 11 de agosto
Primeiro livro: 'O Mistério do Sótão'
Leituras favoritas: fantasia e aventura
Passatempo: ouvir música



Passatempo

Ganha um livro autografado

Se tens entre 7 e 14 anos, podes ganhar um livro autografado dos nossos miúdos escritores. Para isso só tens de escolher um dos quatro autores e escrever a razão pela qual gostarias de ler o seu livro (até 10 linhas). Envia-nos o trabalho até 25 de setembro. Saberás se ganhaste na edição de novembro.

ANIMAIS

Aiai, que animal é este?

Se um dia uma gata a casasse com um morcego-vampiro,
as crias deles seriam assim? Conhece o aiai!



Perigo!

Os aiaais estão em risco de extinção principalmente devido à destruição das florestas tropicais, que são o seu habitat natural.

Atualmente existem, segundo os dados da União Internacional para a Conservação da Natureza, cerca de 2500 aiaais a viver na natureza, o que é muito pouco.

Lembraste do Maurice do filme *Madagáscar*, o brilhante arauto (mensageiro) do Rei Julian? Ele é um aiai, um mamífero da ilha de

Madagáscar, parente próximo dos lémures.

Tem cerca de 40 centímetros de altura e a sua cauda farfalhada chega

a ser mais longa do que o seu próprio corpo. Esta criatura é atualmente o maior animal noturno do mundo. É nas árvores, acima dos 15 metros



ÁFRICA

MADAGÁSCAR

Longe, longe daqui

Ao largo de África fica uma das ilhas mais fascinantes do mundo: Madagáscar. É lá, e só lá, que vive o aiaí. Assim como o aiaí, muitas são as espécies de animais que vivem unicamente nas florestas deste ilha, como por exemplo a fossa, o tenrec e o gorguiho girafa.

de altitude, que constroem os seus ninhos e é lá que passam grande parte do seu tempo. Como estes mamíferos adoram fruta, muitos deles

também podem ser encontrados em algumas áreas de cultivo, o que enerva muito os agricultores locais. Está na hora de o conheceres!



ANIMAIS

Sorte ou azar?

Para muitos habitantes de Madagáscar, o aiai é um animal associado ao azar e à morte. Conta a lenda que se uma pessoa passar a noite na floresta, os aiais vão fazer-lhe uma almofada de folhas. Se no dia seguinte a almofada estiver ao pé da cabeça, isso é sinal de sorte e de grande fortuna. Mas se a almofada de folhas estiver aos pés é símbolo de azar e morte.



Com a boca cheia de bichos

Este mamífero é onívoro, ou seja, come de tudo. Tem um apetite especial por larvas e vermes que vivem nos troncos das árvores, e adora besouros crocantes e gafanhotos estaladiços. Também gosta de fruta fresca como cocos, mangas e lichias. Mas adapta-se facilmente ao que a natureza lhe oferece.



Dedo malandrecos!

A característica mais peculiar do aiai é um dedo médio fininho e muito comprido em cada uma das patas da frente. Este dedo tem um movimento independente e pode fazer uma rotação de quase 360°. Usa-o para bater nos troncos e, através do eco, retirar os insetos dentro das cavidades da madeira.



TEXTO: FERNANDO CARVALHO



Encontrámo-nos
no camarim com
a cantora e atriz,
que respondeu
às perguntas dos
nossos leitores

Selena esteve em Portugal e
deu um concerto no Campo
Pequeno, em Lisboa, no dia
11 de setembro

À conversa com Selena Gomez

Nunca tinha estado em Portugal mas adorou a paisagem e a luz do pôr do Sol lisboeta. Selena Gomez, 21 anos, recebeu a VISÃO Júnior no seu camarim, pouco antes do início do seu espetáculo. Contou-nos que gosta da música do Justin Timberlake, tem saudades dos tempos da Disney e, um dia, adorava gravar um dueto com a Katy Perry. Com uma carreira dividida entre o cinema

e a música, que já dura há mais de 10 anos, Selena ficou famosa com a personagem da feiticeira Alex Russo. Nasceu no Texas a 22 de julho, adora basquetebol e vê muitos filmes de terror. Que mais queres saber?

Alguma vez pensaste ter uma profissão diferente?

Alice Courela, 13 anos, Amadora

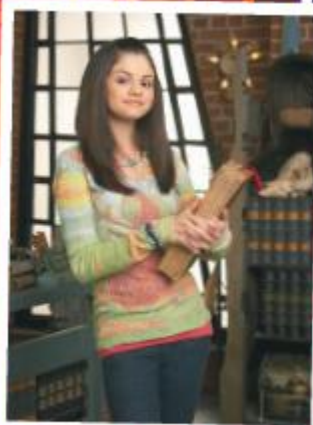
Não. Sempre desde pequena que o

meu sonho é cantar e representar. Mas se não resultar vou ser *chef*.

Qual foi a inspiração para este álbum?

Marta Santos, 13 anos, Amadora

Quis ter a certeza de que assim que uma música do álbum começasse, as pessoas fossem capazes de sentir o ritmo. Quando começo a cantar a música *Slow Down* ao vivo, quero



Selena na série *Os Feiticeiros de Waverly Place*



O quarto e último álbum de Selena Gomez

mez



Em palco, enquanto canta a música *Come and get it*

realmente deixar as pessoas exaustas com a dança.

Estavas à espera de ter um enorme sucesso?

Inês Gordo, 13 anos, Amadora

É espantoso porque me sinto como se estivesse a começar. Alegra-me perceber que estou a tomar decisões acertadas em relação ao meu trabalho. Tenho muito para partilhar com

o público e isso deixa-me feliz. Não é tanto o sucesso que importa, é saber que tenho imensas pessoas que gostam do meu trabalho.

Começaste muito nova. Quais são as memórias desse tempo?

Nunca me vou esquecer de quando recebemos o nosso primeiro Emmy pela série *Os Feiticeiros de Waverly Place*. Estava tão nervosa... Foi uma sensação ótima. O ator David DeLuise, que fazia de meu pai, partiu o braço, pois saltou do palco e fez uma pirueta que correu muito mal.

A tua época na Disney acabou?

Não, adoro a Disney. Fizemos um filme de reencontro com o elenco de *Os Feiticeiros de Waverly Place*, chamado *O Regresso dos Feiticeiros: Alex vs. Alex*, que foi tão divertido! Tinha saudades de todos eles. Foi ideia minha. Liguei para a Disney e disse: «Quero fazer um reencontro.»

Está a correr bem a digressão?

Tem sido excelente. Apesar de estar longe da minha família, tenho três amigas sempre comigo.

De que forma é que te preparas para um espetáculo?

Normalmente faço alongamentos durante 30 minutos, bebo muita água, porque depois do concerto fico sempre superdesidratada. A seguir, digo uma oração e salto para o palco!

Como foi criar este novo álbum?

Parte do processo foi pensar que tipo de música queria. No meu próximo álbum vou querer escrever todas as canções. Mas para este só consegui escrever três. Tenho vivido muitas coisas novas nos últimos tempos e liberto esses sentimentos através da música. Ainda tenho surpresas para dar!

TEXTO: FERNANDO CARVALHO



Grandes aventuras

Prepara-te para conhecer ursos e ratos franceses, cavaleiros destemidos e cães astronautas da Rússia. O filme *Ernest e Célestine* estreia-se no dia 19

Um urso brutamonte e um ratinho minúsculo nunca serão amigos, certo? Afinal, os ratos são um petisco saborosíssimo para os ursos! A pequena Célestine vivia atormentada com histórias assustadoras sobre ursos até ao dia em que, desafiada pela sua curiosidade, e longe do seu mundo subterrâneo, conhece Ernest,

o urso. E é aqui que algo surpreendente acontece. Entre os dois nasce uma grande amizade. O que deixa os outros animais muito confusos e indignados. Os dois vão meter-se em grandes sarilhos. Ratos e ursos que não se dão nada bem, e que não aceitam que estes dois sejam amigos, vão metê-los em tribunal. Será que a amizade vai vencer?

Aquarelas e prémios

Este filme foi inspirado nos livros e nas ilustrações a aquarela de Gabrielle Vincent, uma autora belga de livros infantis. A adaptação para o cinema foi feita com muito sucesso pelo escritor francês Daniel Pennac. A nível internacional, este é um dos mais premiados filmes de animação do último ano. É muito especial.




Outras estreias do mês...

Justin e a Espada da Coragem
estrela dia 19

Um grande herói
O jovem Justin não quer ser advogado. Quer ser cavaleiro e seguir os passos do avô, Sir Roland. Contra a vontade do pai, Justin parte em busca do seu sonho e da espada do avô, numa viagem cheia de desafios. Vai treinar e aprender a ser um cavaleiro valente para assim enfrentar o malvado Sir Heradio, que ameaça destruir o reino de Justin. Esta história de amizade e coragem vai pôr à prova um rapaz e transformá-lo num herói.

Space Dogs
estrela dia 26

Cães no espaço
Space Dogs leva-te a viajar no tempo até ao ano de 1960, data em que a Rússia enviou duas cadelas numa viagem interestelar. Parece impossível, mas este filme é baseado em factos que realmente aconteceram. Conta a história de uma cadelinha de circo, Belka, e de Strelka, uma cadela vadia com mau feitio. Belka e Strelka existiram e foram os primeiros seres vivos da Terra a viajar ao espaço e a voltarem à terra sãs e salvas. A acompanhá-las foram ratos, pássaros, um coelho e diversas plantas e fungos.

Os maiores amigos

Célestine
É uma ratinha rebelde que cedo perdeu os pais. Muito destemida e brincalhona, prepara-se para ser dentista, mas gosta mesmo é de pintar e de desenhar.

Ernest
Um urso matulão e mal disposto que sonha tornar-se num poeta ou num músico, muito contra a vontade dos seus pais. Vive com a sua poesia na rua, na esperança de concretizar o sonho.

TEXTO: FERNANDO CARVALHO

23



Todos para a praia

Que bom que é mergulhar no mar e brincar na areia. E é assim há muitos anos. No tempo em que os teus bisavós nasceram, as roupas e as brincadeiras eram diferentes. Como era um dia na praia do Monte Estoril em 1927, há 86 anos

1 O chapéu

Brincar ao sol sem proteção pode ser perigoso e naquela altura já se sabia isso e ninguém arriscava. Aliás, os chapéus eram até mais usados do que atualmente e ninguém ia à rua de cabeça descoberta.

2 Brincadeiras

Faziam-se construções na areia, jogava-se ao ringue e ao prego e assistia-se a espetáculos de fantoches. Claro que este baloiço, hoje em dia, não seria permitido por ser perigoso...

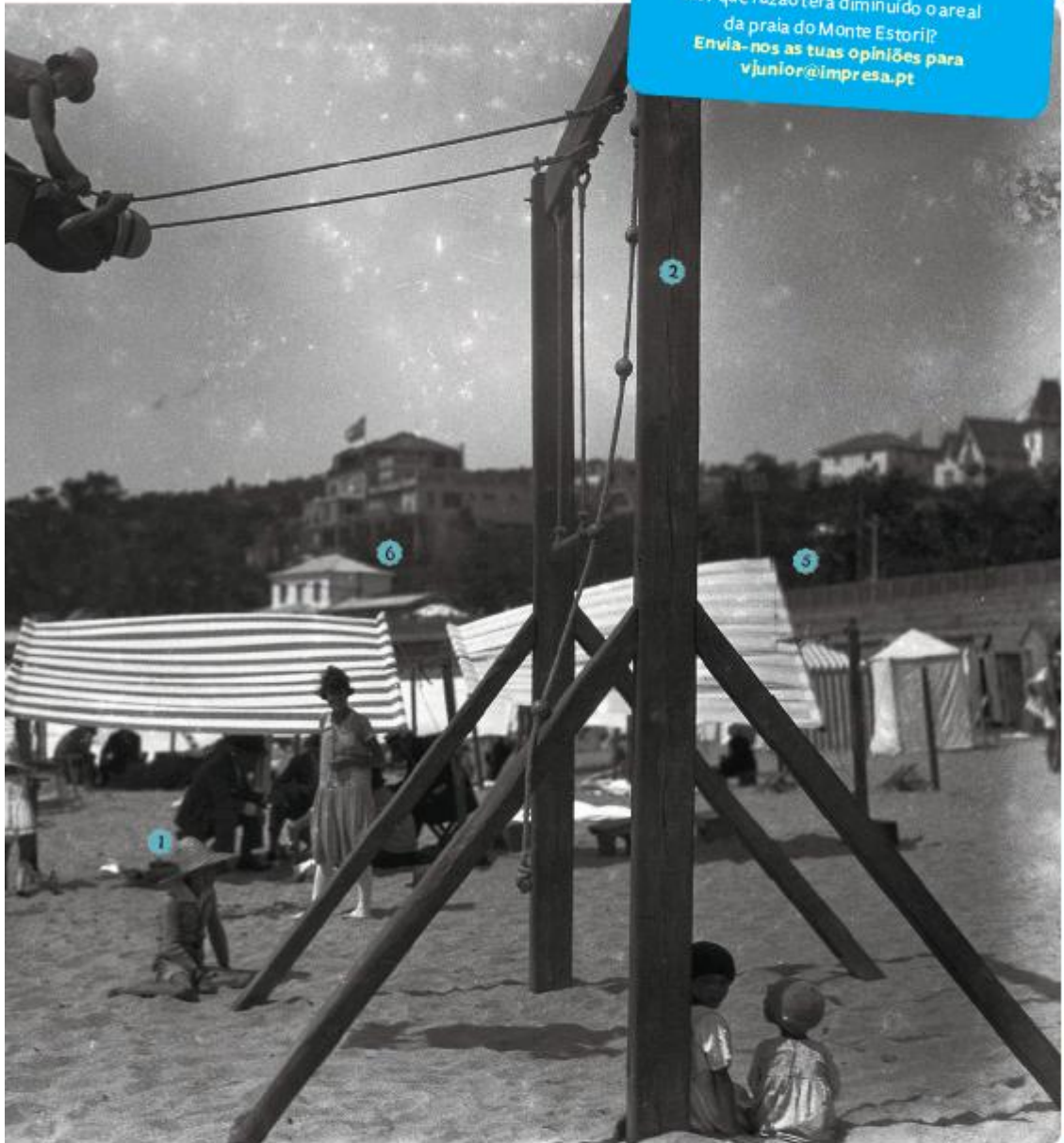


3 A areia

Este areal, hoje, está bem mais reduzido.

4 A roupa de praia

As pessoas eram obrigadas, por lei, a usarem fatos de banho que cobriam bem o corpo. E não podiam pôr o pé fora da praia sem estarem vestidos.



Por que razão terá diminuído o areal da praia do Monte Estoril? Envia-nos as tuas opiniões para vjunior@impresa.pt

5 Barracas e toldos
Não existiam sombrinhas individuais. Por isso, era necessário alugar uma barraca ou um toldo. As barracas eram mais caras e ficavam na zona da praia mais afastada do mar.

6 Estação
Ainda hoje são muitas as pessoas que continuam a usar o comboio e esta estação para irem até às praias do Estoril. Durante alguns anos, antes da Segunda Guerra Mundial, o Sud-Expresso, que se dirigia a Paris, partia do Estoril.

TEXTO: FERNANDO CARVALHO FOTO ATUAL: MARCOS BORGA

51

FOTO: MÁRIO NOVAS

Anexo 26 - Antes e depois, *VISÃO Júnior* n.º 110, 2013.



Livros preferidos

Que bom estar de férias e ter bons livros para ler!

«Este vai ser um livro que vou querer ler para sempre porque explica de uma forma muito engraçada o significado de expressões populares que todos nós ouvimos da boca dos mais crescidos. Ajudou-me a perceber melhor essas expressões e quando começaram a ser utilizadas. Agora já sei que não quero ser uma «Maria vai com as outras». O livro também me diverte porque os desenhos são criativos e as personagens são muito simpáticas.»

**Adorei ler
Expressões com
História**
de Alice Vieira



Margarida Oliveira,
8 anos, Carnaxide

**A Matilda de Roald
Dahl é fenomenal!**

Gonçalo Coelho,
7 anos,
Linda-a-Velha



«Tenho 7 anos, quase 8. Este é um dos meus livros favoritos porque apesar de ser sobre uma menina normal, nele nada é normal. É realmente uma história que nos mostra que é possível superar os nossos problemas com os outros. A Matilda é uma menina especial, com poderes e talentos fantásticos. Não ia gostar de ter uns pais como os dela: só a obrigavam a ver televisão em vez de a deixarem ler. Gosto muito do Roald Dahl e dos livros que ele escreveu durante a sua vida.»

«Escolhi este livro como o meu preferido porque estive muito ansioso para o ler. Li a coleção toda e estava bastante curioso para saber como continuava a história do Greg. Ele é um rapaz normal mas está sempre metido em sarilhos e eu gosto de histórias com comédia e confusões. Desta vez, o problema é com as raparigas. Gosta de uma que não lhe liga muito. Será que vai conseguir levá-la ao baile de finalistas? Divirto-me muito com os livros que me fazem rir e que têm desenhos engraçados como os destes diários.»

**Adorei ler
O Diário de
um Banana 7:
Emplastro**
de Jeff Kinney

Rodrigo
Ribeiro,
10 anos,
Cascais



DEPOIMENTOS RECOLHIDOS POR FERNANDO CARVALHO

QUERES SER O PRÓXIMO A CONTAR QUAL O TEU LIVRO PREFERIDO E PORQUÊ?

Manda-nos a tua resposta para vjunior@impresa.pt, ou pelo correio, e entraremos em contacto contigo. Ficamos à espera!



Livros preferidos

Aproveita o início do tempo fresquinho para ler

«Este livro conta a história de uma fada que se esqueceu da sua função. Deixou de se importar com as pessoas, com os animais e com as plantas. Passou a pensar só em si e no seu aspeto. Acho que devemos pensar em nós, mas também é muito importante pensar nos outros. As pessoas não vivem felizes umas sem as outras. A fada Oriana vai perceber isso mesmo e consegue refazer a sua vida depois de estar metida em apuros.»

Gostei muito do livro «**A Fada Oriana**», de Sophia de Mello Breyner Andresen

Rafaela Azevedo, 11 anos, Paço de Arcos



«O meu livro preferido na coleção Astrossauros é o *Mundo de Pesadelos* porque tem uma personagem muito estranha e divertida que é uma banana com dentes de vampiro! Nunca pensei que isso pudesse existir, por isso é que achei tanta piada. Nesta história o Teggs, que é a personagem principal, e os outros dinossauros herbívoros vão parar a outro mundo de onde têm de escapar. Na época dos dinossauros não havia tecnologia, por isso é divertido ler histórias como esta. Gostava que ainda existissem dinossauros – mas dos herbívoros, para que eles não me quisessem comer.»

Acho fascinantes as aventuras dos «**Astrossauros**», de Steve Cole!

Rafael Madeira, 8 anos, Estoril



«Os livros da coleção Henderson's Boys têm aventuras sempre muito emocionantes que me fazem ler sem parar. *A Evasão* é o meu favorito e conta a história de um rapaz que vive num orfanato. Um dia, foge de lá com um amigo. O livro passa-se nos anos 40, mesmo durante a

Fico quase sem respirar com o livro de Robert Muchamore, «**A Evasão**».

Benedito Pinto, 11 anos, Loução

II Guerra Mundial e as personagens são fantásticas: há espões, homens dos serviços secretos e até pessoas do exército de Adolf Hitler. Tem alguns palavrões e bastantes cenas de guerra mas acho que na altura, as coisas eram mesmo assim.»

DEPOIMENTOS RECOLHIDOS POR FERNANDO CARVALHO



QUERES SER O PRÓXIMO A CONTAR QUAL O TEU LIVRO PREFERIDO E PORQUÊ?

Manda-nos a tua resposta para vjunior@impres.a.pt, ou pelo correio, e entraremos em contacto contigo. Ficamos à espera!

José Eduardo
Aqualusa



Mário de
Carvalho

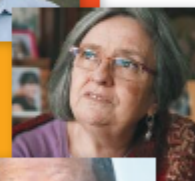


Luísa Ducla
Soares



António
Mota

Alice
Vieira



António Torrado

Agora o escritor és tu!

E se pedissemos que continuasses a história de um livro que já existe? É esse o desafio que a VISÃO Júnior lança este ano letivo às escolas do ensino básico. Participa!

Única revista inserida no Plano Nacional de Leitura, a VISÃO Júnior lança todos os anos um desafio de leitura e de escrita às escolas, seguindo assim aquilo a que se comprometeu no seu estado editorial: combater a iliteracia e incentivar o gosto pelos livros. Inspirando-nos nos princípios da es-

crita criativa, e partindo das obras das Metas Curriculares, os objetivos de *Agora o Escritor és Tu!* são que os alunos leiam o livro, escrevam a continuação da história e, depois, criem uma nova capa. Todos os trabalhos participantes serão publicados no site da VISÃO Júnior. As quatro turmas vencedoras terão a oportuni-

dade de se encontrar com o autor da história «original», nas instalações da VISÃO Júnior, mostrar-lhe o novo final (lendo-o ou fazendo até uma pequena recriação) e entrevistá-lo. A entrevista será depois publicada numa edição da VISÃO Júnior. Entre o 7.º e o 9.º anos, a iniciativa é aberta a estudantes em nome individual (ou a grupos), e não apenas a turmas. O professor bibliotecário poderá também constituir um grupo de alunos que participe nesta iniciativa.

Ano	Livro	Escritor	Data de entrega	N.º caracteres trabalho
1.º ano	'Destrava-Línguas'	Luísa Ducla Soares	31.1	Até 700
2.º ano	'Estranhões e Bizarrocos'	José Eduardo Aqualusa	31.1	Até 1 500
3.º ano	'O Senhor do seu Nariz e outras Histórias'	Álvaro Manuel Magalhães	31.1	Até 1 500
4.º ano	'Teatro às Três Pancadas'	António Torrado	13.1	Até 2 500
5.º ano	'Contos e Lendas de Portugal e do Mundo'	João Pedro Méseder e Isabel Ramalhete	17.12	Até 3 000
6.º ano	'Pedro Alecrim'	António Mota	17.12	Até 3 000
7.º ano	'Rei Leandro'	Alice Vieira	13.1	Até 3 500
8.º e 9.º anos	'A Inaudita Guerra da Av. Gago Coutinho'	Mário de Carvalho	3.03	Até 4 000

5

Anexo 28 - Iniciativa Escolar, Agora o escritor és tu!, VISÃO Júnior n.º 113, 2013.



CINEMA

Prepara uma sessão de cinema assustadora. Damos-te ideias de filmes e de comida nojenta que podes preparar

Escolhe um filme

Sugerimos-te três histórias de Tim Burton. São muito bonitas e estranhas. Convida alguns amigos e divirtam-se!

+ 12 anos

'Os Fantasmas Divertem-se' (1988)
Nunca digas *BEETLEJUICE* três vezes seguidas senão vais-te meter em sarilhos com um fantasma muito malvado!

Pipocas sangrentas
Assusta os teus convidados com uma tigela de pipocas cobertas com um molho sangrento! Não somos vampiros mas gostamos de uma boa partida. Para isso só tens de deitar umas gotinhas de corante alimentar vermelho na panela onde forem feitas as pipocas. Elas vão ficar assustadoras. Torna-as ainda mais arrepiantes regando-as com molho de morango! Vão ficar encarnadas e pegajosas.

42

eado!

+ 12 anos

'A Noiva Cadáver' (2005)
Não vais querer perder as aventuras tenebrosas duma morta-viva que não se quis despedir de vez do mundo dos vivos.

Ranho com olhos
Faz uma gelatina tutti-fruti seguindo as instruções da embalagem. Quando ela solidificar revolve-a com um garfo. Junta uvas inteiras e sem pele. Os teus amigos vão pensar que lhes estás a dar ranho viscoso com olhos para o lanche!

Sangue fresquinho
Enche um jarro ou uma taça com água e concentrado de groselha. Para cada litro de água, mistura 2 decilitros de xarope de groselha. A água vai transformar-se num líquido vermelho profundo. Podes fazer uma quantidade suplementar desta bebida, colocá-la em cuvetes de gelo e colocar no congelador para depois de solidificar juntares os cubinhos de gelo ao preparado final.

+ 6 anos

'O Estranho Mundo de Jack' (1993)
Jack é um esqueleto e está farto da cidade do Halloween. No dia em que descobre um novo mundo começam os seus problemas...

TEXTO: FERNANDO CARVALHO
FOTOS: FERNANDO NEGREIRA

43

Transforma o teu quarto

Agora é o momento certo para te preparares para o novo ano letivo. Nós ajudamos-te!

Decora as paredes
Fixa nas paredes do teu quarto pósteres sobre a matéria que aprendeste no ano anterior e aquela que vais aprender. A tua memória visual vai fixar informações com maior facilidade e o teu quarto vai gostar da decoração.

Salva as cores
Experimenta os lápis de cor e os marcadores do ano passado. Os que estiverem bons coloca-os num estojo, os que estiverem gastos ou partidos, podes reciclar. Cria alguma coisa com eles.

Sincroniza as vestimentas
Prepara as várias combinações de roupa que vais querer usar na primeira semana de aulas. Assim não perdes tempo de manhã a escolher e não te vais atrasar.

Caça coisas
Vê por baixo da cama. Tira tudo o que lá está: os brinquedos, os sapatos, as meias sujas e os monstros. Vais dormir melhor e terás um novo sítio para te esconderes.

Varre a secretária
Retira tudo o que estiver em cima da tua mesa de trabalho e deixa apenas o essencial. Precisas de espaço para trabalhar e criar.

30



Anexo 30 - Escolas, *VISÃO Júnior* n.º 112, 2013.



O grande jogo das atividades extracurriculares

1. E que tal uma atividade ao ar livre? Se achas isso fascinante, salta para a casa número 7. Não é bem essa a tua ideia, continua para a casa seguinte.

2. Gostas de atividades aquáticas? Se és um peixe fora d'água, mergulha já na casa número 9. Se não estás para aí virado, segue em frente.

3. A música é importante para ti? Vai para a casa número 27. Não te sentes musical, então continua para a casa número 4.

4. Sentes necessidade de criar coisas? Se é disso que gostas vai à casa 33. Caso contrário segue em frente.

5. Precisas de movimento? Se não gostas de estar parado, corre até à casa 8. Se ainda não é bem isto segue em frente.

6. Gostavas de falar línguas novas? Vai até à casa 18.

7. Os aventureiros seguem para a casa 12. Para atividades com água continua para a casa 9.

8. Se preferes os exercícios desportivos vai até à casa 11. Se for um exercício mais interpretativo vai até à casa 14.

9. Gostas de te molhar? Vai até à casa número 10. Senão é para a 12 que tens de ir.

10. Os destemidos continuam para a casa número 22, os menos atrevidos vão para a casa 28.

11. Estás à procura duma atividade desportiva com animais? Vai até à casa 41. Senão segue em frente até à casa 44.

12. Se aprecias passeios na Natureza e o trabalho em equipa, a casa 35 é para ti.

13. Para uma dança mais clássica vai até à casa 17. Para um tipo de dança mais contemporâneo, casa 25.

O novo ano letivo aproxima-se a uma velocidade alucinante. Chegou a altura de descobrires qual é a atividade certa para ti

Regras

O desafio é muito simples e a regra principal é que te divirtas a descobrir qual será a atividade extracurricular que tem mais a ver contigo. Começa na casa número 1 e parte para as seguintes, seguindo as pistas que te vamos deixando. No final vais ficar a saber se este ano vais aprender tudo sobre como ser um aventureiro, um dinâmico bailarino.



Ich spreche deutsch

57. A atividade extracurricular que escolheste é o basquetebol, o andebol ou o voleibol.

56. Na casa 59 podes jogar ao ar livre, num campo. Na casa 60 é num pavilhão, numa mesa.

58. Então a ginástica é a atividade para ti.

59. A atividade extracurricular que procuras é o ténis.

60. Estás pronto para o pinguepongue



45. Há muitos desportos sem bola: se gostas de correrias segue para a casa 48. Caso prefiras outro tipo de atividade vai para o número 49.

46. Estás em sintonia! A tua atividade vai ser a natação sincronizada.

47. Podes jogar à bola com os pés, casa 54. Podes jogar à bola com as mãos, casa 50.

44. Gostas de desporto com bola? Segue para a casa número 47. Senão vai para a casa seguinte.

43. A atividade que pretendes é o polo aquático.

42. Se preferes uma atividade performativa dentro de água, casa 46. Se a tua atividade tem de ser competitiva, casa 43.

41. A atividade vai ser a equitação.

55. Prepara-te para aprender patinagem.	54. A atividade de que andas à procura é o futebol.	53. Vais encontrar várias raquetas na casa 56.	31. Descobriste que o que te dará prazer é a dança, mas de que tipo? Vai à casa 13 e descobre mais sobre dança.	30. Descobriste que queres aprender a tocar um instrumento musical vai até à casa 15.	29. Queres usar a tua voz melodiosa? Vai para a casa 32. Se preferes usar instrumentos musicais segue para a casa seguinte.
			32. Bravo, só falta mais um pouco: se queres uma atividade musical em grupo ou individual segue para a casa 38.		
<p>52. A tua atividade extracurricular é o karaté ou o judo.</p> <p>51. Vai de patins para a casa 55. Se preferes usar o teu corpo todo, casa 58.</p> <p>50. Para escolheres entre as várias opções segue para a casa 57.</p>			33. Queres aprender e melhorar os teus desenhos? Desliza até à casa 39. Se preferes modelar e esculpir, casa 36.	<p>28. A adoras velocidade aquática? Nada até ao número 37.</p> <p>27. Se queres criar sons vai até à casa 29. Para a 31 vai que m gosta de mexer-se ao som da música?</p> <p>26. A tua atividade é o remo.</p> <p>25. A tua atividade extracurricular vai ser o hip-hop.</p> <p>24. A tua atividade é o surf.</p> <p>23. Tens a opção de escolher entre inglês, francês, espanhol e alemão como atividades para este ano.</p>	
<p>Podés ainda jogar com instrumentos que servem para bater na bola, casa 53.</p> <p>48. A toda a velocidade, a tua atividade é o atletismo.</p> <p>49. Para uma atividade musicada, casa 51. Se preferes artes marciais, a tua casa é a 52.</p>			34. O instrumento musical que queres aprender a tocar é o de percussão como a bateria, o xilofone ou a pandeireta.	<p>22. Se gostas de mar, casa 24. Se gostas de rio, casa 26.</p> <p>21. A tua atividade é aprender mandarim.</p> <p>20. Revelação bombástica! A tua atividade deste ano vai ser aprender a tocar um instrumento de cordas como a guitarra elétrica, o violino ou o piano.</p>	
<p>40. Está decidido, a tua atividade é a natação.</p> <p>39. Parabéns: este ano gostavas de frequentar uma oficina de desenho e pintura.</p> <p>38. Este ano a tua atividade extracurricular vai ser o canto ou o canto coral.</p>			35. A tua atividade extracurricular é o escotismo.		
<p>14. Se gostas de fazer de conta vai até à casa 19.</p> <p>15. Gostas de instrumentos de sopro? Casa 16. Os instrumentos de cordas estão na casa 20. Mas se preferes bater num instrumento e fazer sons, vai para a casa 34.</p> <p>16. Tens muito por onde escolher: a tua atividade extracurricular vai ser aprender a tocar um instrumento musical de sopro como a flauta, o clarinete ou o saxofone.</p> <p>17. Descobriste a tua vocação para este ano: a tua atividade vai ser o balé.</p> <p>18. Se preferes aprender uma língua asiática segue para a casa 21. Se preferes uma das línguas europeias vai até à casa 23.</p> <p>19. A tua atividade para este ano é a expressão dramática ou a participação num grupo de teatro.</p>			36. O teu génio criador vai querer experimentar uma oficina de escultura e modelagem.		
<p>37. Se preferes uma atividade aquática coletiva vai até à casa 42. Se queres algo mais individual, na casa 40 encontrarás o que procuras.</p>					

radar janela indiscreta

Pistas e histórias para janelaindiscreta@visao.imprta.pt



**E vem-nos à memória
uma frase batida...**

Aqui na *Janela Indiscreta* temos memória de elefante. Por isso, não de morámos muito a lembrarmo-nos onde é que já tínhamos lido a frase «É como brincar aos pobrezinhos», dita «meio a brincar» por Cristina Espírito Santo Toscano Rico sobre a sua cabana na Comporta (e citada no *Expresso*). Na penúltima edição da revista *L'Officiel Voyage*, lá estava ela num extenso artigo dedicado à Comporta: «*J'ci, le riches jouent aux pauvres*». A expressão é atribuída à decoradora Vera La Chía, prima de Cristina. Foi ela a primeira dos Espírito Santo a remodelar cabanas de arrozeiros e a grande responsável pela descoberta da região por parte do *jet set* francês. Re-cuando dois anos, escreveu-se na *VISÃO* que descrever aquele «como o local 'onde os ricos brincam aos pobres' é uma frase batida e datada» mas será necessário recuar a junho de 1997 para encontrar a grande culpada: a jornalista Luísa Jacobetty, que citava um vendedor de jornais descrevendo a Comporta como «o sítio onde os ricos brincam às casinhas e os pobrezinhos», na revista *d'O Independente*.

12 **VISÃO** 8 DE AGOSTO DE 2013

DISCO DURO

O PERGUNTADOR

radar em foco

Segurança

Quatro factos sobre saídas precárias

O triplo homicida Américo Piqueira foi detido no sábado, 3, passeando calmamente em Vila de Rei, perto da terra dos seus avós. Já deveria ter regressado há mais de uma semana à prisão de Vale de Judeus mas, a dois anos do final da pena, resolveu fugir. Já o tinha feito antes (esfaqueando, de caminho, outra pessoa) e agora voltou a abusar da liberdade da saída precária. Todos os anos há dezenas de prisioneiros em fuga nas mesmas condições. Em 2012 foram autorizadas pelos Juizes do Tribunal de Penas 10162 saídas jurisdicionais, não tendo regressado no dia e hora fixados, 65 reclusos – destes, há ainda hoje oito que se mantêm em parte incerta.

1. A lei em vigor aprova as saídas de qualquer recluso desde que este já tenha cumprido, pelo menos, um sexto da sua condenação, para penas até cinco anos, ou um quarto da condenação, para penas superiores.
2. Todos os reclusos têm direito a esta «janela de liberdade», quer sejam triplos homicidas, incendiários ou condutores altamente embriagados.
3. Ao prisioneiro basta que nos 12 meses que antecedem o pedido não existam ocorrências de evasão, ausência ilegítima ou revogação da liberdade condicional.
4. As licenças de saída podem ir dos cinco aos sete dias seguidos, gozados de quatro em quatro meses, sem qualquer supervisão.

Banca

Calendário

MAIS E MENOS

Números

Urbanismo

Que futuro para o Jamor?

■ A CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS, após um longo e conturbado período de negociações, tornou disponível para consulta pública (até 16 de agosto) a proposta que pretende reabilitar a margem direita da foz do Jamor, afluente do Tejo. Este projeto pretende recuperar paisagisticamente a área que compreende terrenos atualmente ocupados pelos antigos complexos fabris da Lusalte e da Gis Brocardes e outros terrenos e edifícios desocupados na Cruz Quebrada. Os planos da autarquia preveem mudar por completo a face deste lugar, convertendo-o numa área com um grande hotel, espaços residenciais e de comércio. Ainda associados a este plano está a criação de uma marina (engolindo a praia), uma zona destinada a serviços públicos e a requalificação da estação de comboios da Cruz Quebrada.



PROJETO Como pode mudar a praia da Cruz Quebrada

O relatório de impacto ambiental, a cargo do Departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, permite viabilizar os planos da autarquia de Oeiras. A Liga dos Amigos do Jamor, uma associação de conservação sem fins lucrativos, tem vindo a opor-se a este projeto. Também a EPAL, a Autoridade Nacional de Proteção Civil e a Agência Portuguesa do Ambiente deram pareceres desfavoráveis a esta proposta, defendendo que esta «carece de ser revista e melhorada». Sobretudo porque a zona litoral em causa é afetada por cheias sazonais, o que deveria inviabilizar a edificação de grande parte deste projeto.

O mundo é melhor quando estamos todos juntos

Hello Tomorrow

Viaje num grupo até 4 pessoas e poupe até 25% nas tarifas em Classe Executiva. Reserve já.

DESTINO	A PARTIR DE*
Índia	2.000 €
África	2.221 €
Oceano Índico	2.315 €
Dubai	2.350 €
Extremo Oriente	2.552 €
Austrália	4.287 €

emirates.pt

Service gratuito de motorista privado • Lounge para Classe Executiva • Cozinha gourmet

*Tarifa de ida e volta por pessoa, calculada com base numa viagem para 4 pessoas, válida para partidas de Lisboa. Suplementos para partidas desde Porto, Faro e Funchal. Os passageiros devem viajar juntos, todo o itinerário na mesma reserva. Vencido até 30 de agosto de 2013. Viagens até 14 de dezembro de 2013. Mínimo de estadia: 2 dias, máximo de estadia: 4 meses. Taxas incluídas. Reservar através do seu Agente de Viagens, em emirates.pt ou contactar o Departamento de Reservas da Emirates através do número 213 060 533.

radar em foco

1. LADY GAGA

Está de volta e, em Nova Iorque, tocou pela primeira vez ao vivo o tema Applause, do novo disco ArtPop, com lançamento marcado para 11 de novembro.



2. MILEY CYRUS

Não ganhou nada, mas no fim da cerimónia dos Prémios MTV era da sua atuação que se falava...

Música

A noite da metamorfose

O que fica da noite de 25 de agosto, no Barclays Center, em Nova Iorque, na cerimónia de entrega dos Prémios MTV para os Melhores Vídeos, é o fim definitivo da personagem da Disney Hannah Montana. Se o objetivo de Miley Cyrus – a atriz que, entre 2006 e 2010, deu corpo à protagonista dessa série que entusiasmou adolescentes pelo mundo fora – era fazer esquecer, de vez, esse passado e mostrar que já é uma jovem adulta de 20 anos, então a prova foi superada. Miley vai lançar um novo disco, Bangerz, a 7 de outubro, e, surpreendendo muita gente, aproveitou o palco global da MTV para mostrar o seu lado sexy e provocador. A lista dos premiados inclui nomes como Justin Timberlake, Taylor Swift, Selena Gomez ou Bruno Mars, mas as reações finais, entusiasmadas ou indignadas, eram todas sobre Miley Cyrus. Hannah Montana, *rest in peace*.



3. JUSTIN TIMBERLAKE

Com quatro prémios, incluindo um especial de carreira com o nome de Michael Jackson, seria o vencedor oficial da noite.

16 **VISÃO** 29 DE AGOSTO DE 2013

Trabalho

Saúde

Turismo

MAIS E MENOS

SOCIEDADE CONHECIMENTO

Porque é que
são os adultos
a mandar
em tudo?



O novo livro dos porquês

É um clássico renovado: nestas páginas, alguns dos melhores especialistas do mundo descobrem grandes mistérios, com um toque de humor

POR FERNANDO GARVALHO

Porque é que a água é molhada? Como é que o fogo pega fogo? E as abelhas podem picar outras abelhas? As crianças são peritas a fazer perguntas que... bom, nos deixam sem resposta. Por isso, nalguma fase das suas vidas, haverá sempre pais em busca de livros que os ajudem a sobreviver à maravilhosa (mas, por vezes, desesperante) fase dos «porquês».

Este *Grandes Perguntas de Gente Miúda com Respostas Simples de Gente Graúda*, agora publicado em Portugal, tem o mérito de não elencar apenas as perguntas que os adultos acham que as crianças querem ver respondidas. A sua autora, a jornalista Gemma Elwin Harris, desafiou centenas de miúdos, dos 4 aos 12 anos, de dez escolas britânicas, a redigirem algumas das questões que realmente os intrigam. Depois, convenceu os maiores especialistas mundiais de diferentes áreas a escreverem as melhores respostas.

Deliciosa é a intervenção da apresentadora de programas de vida selvagem

Michaela Strachan sobre «Porque é que os elefantes têm tromba», bem como a de Bear Grylls sobre a comestibilidade dos vermes. Não tão apetitosa é a contribuição do *chef* Gordon Ramsey sobre como surgem as ideias para criar receitas culinárias... Vá lá saber-se porquê.



**GRANDES PERGUNTAS
DE GENTE MIÚDA
COM RESPOSTAS
SIMPLES DE GENTE
GRAÚDA**

Ed. Presença
312 págs. €14,90

Existem
animais ainda
por descobrir?



**DAVID
ATTENBOROUGH**
Naturalista

Sim. Centenas. Talvez milhares. Ninguém sabe dizer exatamente quantos – pela simples razão de que ainda não foram descobertos. Se passasses um dia numa floresta tropical e usasses uma rede de apanhar borboletas no meio da vegetação rasteira ou das folhas, é certo que acabarias por recolher centenas de insetos. Muitos deles seriam escaravelhos (...) e é provável que descobrisse uma nova espécie. Aliás, desconfio até de que seria mais difícil encontrar um cientista dos escaravelhos do que encontrar um escaravelho desconhecido.

Somos todos
família?



**RICHARD
DAWKINS**
Biólogo evolucionista

Sim. És primo (provavelmente muito, muito afastado) da rainha de Inglaterra, do Presidente dos Estados Unidos e também meu. Toda a gente tem dois progenitores. Isso quer dizer, uma vez que cada um dos nossos pais teve dois progenitores, que todos temos quatro avós. Então, uma vez que cada um dos avós teve de ter dois progenitores, toda a gente tem oito bisavós, dezasseis trisavós e trinta e dois tetravós. Por este raciocínio, somos primos afastados não só de todos os seres humanos mas também de todos os animais e plantas.

Como é
que nos
apaixonamos?



**JEANNETTE
WINTERSON**
Romancista

Apaixona-mo-nos não é como cair num buraco. É como cair através do espaço. É como saltar do nosso planeta privado para ir visitar o planeta de outra pessoa. E quando se chega lá, tu do parece diferente:

80 **VISÃO** 26 DE SETEMBRO DE 2013

as flores, os animais, as cores que as pessoas usam. Apaixonarmo-nos é uma surpresa enorme: pensávamos que, no nosso planeta, estava tudo no seu lugar, tudo em ordem – o que, até certo ponto, era verdade –, mas, depois, alguém nos faz um sinal do outro lado do espaço e a única forma de lá irmos é dar um salto de gigante. E lá vamos nós e caímos na órbita do outro e, passado um tempo, somos capazes de decidir juntar os dois planetas e chamá-los um lar.

PS: Temos de ter muita coragem.



Como são feitos os sonhos?

ALAIN DE BOTTON
Filósofo

Durante a maior parte do tempo, sentes que controlas a tua própria mente. Mas, à noite, acontecem coisas estranhas. Enquanto estás a dormir, a tua mente cria espetáculos bizarros e espantosos. Os sonhos são empolgantes e mais assustadores do que a vida do dia a dia. Trata-se de um sinal de que os nossos cérebros são máquinas maravilhosas. Os sonhos mostram-nos que não somos bem donos de nós mesmos.

E ainda...algumas respostas, de credibilidade duvidosa, de humoristas que também deram a sua opinião sobre questões muito importantes.

STEPHEN FRY

Porque é que os elefantes têm tromba?
Os elefantes são muito irritadiços e quando alguém os chateia ficam de trombas.

SARAH MILLICAN

Para que serve a internet?
Antes da internet, tinhas de conversar com as pessoas e resolver os problemas sozinho.

JACK WHITEHALL

Quem foi a primeira pessoa a ter um animal de estimação?
Foi Noé. Tinha uma arca cheia deles e viveu até aos 900 anos, trabalhando todos os dias para ganhar dinheiro suficiente para pagar as contas do veterinário.

CLIVE ANDERSON

Porque é que vamos à casa de banho?
Para não sujar o resto da casa. ☑

v manual

Atividades extracurriculares Como fazer a melhor escolha para os seus filhos

Guia de ajuda para tomar as **opções mais adequadas**

POR FERNANDO CARVALHO

Com o início do ano letivo à porta, começam a aparecer numerosas propostas para as atividades extracurriculares dos mais novos. Perante uma oferta tão vasta e que compreende tantas áreas, a decisão deve ser consciente e calculada. A ideia principal é a de as crianças e os jovens encontrarem um lugar onde possam aprender algo de significativo e que perdure, com um horário bom para todos.

1. Ponto de partida

Para começar, há que promover uma reunião em família, franca e direta. Não tente manipular os gostos dos seus filhos nem os obrigue a viver aquilo que quis fazer quando tinha a idade deles. Se sempre desejou aprender a tocar violino ou ser bailarina, não os force a fazê-lo por si, pois isso poderá dar mau resultado. Gastará dinheiro em instrumentos e equipamento em vão. As crianças vivem níveis de ansiedade elevados, não lhes arranje mais um. Dê-lhes a conhecer os benefícios das diferentes atividades, ilustrando-as com situações concretas da vida real. Eles não de chegar a uma decisão – eventualmente.

2. Iniciar a pesquisa

Crie uma lista restrita de atividades extracurriculares e comece a desdobrá-la à medida que for descartando aquilo que eles querem. A volatilidade dos interesses dos mais novos é uma constante e, por isso, interessa ter um plano de ataque. Existem quatro grandes grupos, pelos quais se pode guiar:

- desportos: da natação ao futebol, passando pela equitação e artes marciais.
- artes: dança, teatro, pintura e música.
- línguas: escolas e cursos de inglês, alemão, espanhol e mandarim.
- aventura: escalada, esqui, snow e surf.

3. Atenção à oferta

Depois do trabalho de casa feito, e de identificadas as preferências individuais dos seus filhos, procure saber se essas atividades existem no seu meio envolvente. Muitas escolas e colégios já têm uma oferta bastante viável para os seus alunos, no âmbito das atividades extracurriculares: isso envolve menos perda de tempo com deslocações e, por tabela, poupança no consumo de combustível do seu automóvel. A gestão de tempo, durante a semana, é fundamental para a boa organização das rotinas domésticas. No caso de optar por escolas externas ao estabelecimento de ensino dos seus filhos, identifique aquelas que ficam na sua área de residência, preferindo uma que tenha uma oferta diversificada. Boas apostas são as escolas de música e dança com ensino estruturado, pois estreitam a ligação às atividades escolares. As federações e associações desportivas também constituem uma opção muito viável, pelo compromisso e dedicação, a nível de competição, que promovem entre os seus alunos.

4. Vida além da escola

É imprescindível não sobrecarregar o horário dos seus filhos. Eles precisam de tempo para se dedicarem ao trabalho escolar e às brincadeiras próprias da idade. Durante a semana, passe com eles o tempo livre, e aproveite para conversar e explorar a natureza das suas personalidades, em vez de os deixar entregues aos computadores e às consolas.

A PETER
As despesas feitas com cursos, música, desporto ou teatro podem ser deduzidas no IRS, mesmo se efetuadas fora do âmbito do programa do Sistema Nacional de Ensino.



5. Despesas com educação dedutíveis

Podem deduzir à coleta 30% das despesas feitas com educação, até um limite de 760 euros. Para as famílias numerosas, com três dependentes ou mais, há um bônus de 142,50 euros por cada um. Aqui entram, por exemplo, as despesas com explicações e apoios (dedutíveis desde 2006), se tiver um recibo que as comprove, bem como com atividades extracurriculares, como os cursos de línguas, as aulas de música e a prática desportiva.

Podem ainda ser deduzidas as despesas com:

- livros e material necessário para a realização da atividade.
- valores gastos com computadores, enciclopédias e instrumentos musicais, para uso extracurricular.

6. E se tudo falhar...

A vida nasceu na água e é de lá que viemos todos quantos habitamos a Terra. Afinal, filho de peixe sabe nadar! Portanto, se nenhuma

das opções de atividades extracurriculares funcionar, opte pela natação. Nadar faz bem ao corpo e à mente, e, apesar do nível de esforço que requer, traz benefícios que perduram.



v pessoas

Jake Gyllenhaal Dose dupla

O ator norte-americano é o protagonista na adaptação cinematográfica de *O Homem Duplicado*

MAIS CONHECIDO PELAS SUAS PARTICIPAÇÕES em *O Segredo de Brokeback Mountain* ou *Jarhead/Máquina Zero* (ambos de 2005), Jake Gyllenhaal não é o primeiro nome que nos viria à cabeça para protagonizar a adaptação cinematográfica de um livro de José Saramago – ainda que outra estrela glamourosa de Hollywood, Julianne Moore, o tenha feito em Ensaio sobre a Cegueira. Mas é este rapaz atraente, californiano de olhos azuis, ar de eterno jovem, que veste a pele do personagem imaginado pelo Nobel português no romance *O Homem Duplicado* (Caminho, 2002). Ainda que Tertuliano Máximo Afonso, o professor do secundário solitário e entediado, tenha sido agora transformado em Adam, docente de história que vive com uma namorada (interpretada pela atriz Melanie Laurent), e que, um dia, descobre uma réplica de si mesmo.

«É um dos filmes mais complexos e estranhos que fiz na vida, incluindo *Donnie Darko*. É uma viagem fascinante pela História, um mundo que só Saramago podia criar. Será uma experiência cinematográfica alucinante», declarou o ator à agência espanhola Efe. Com estreia marcada para o Festival Internacional de Cinema de Toronto, que decorrerá de 5 a 15 de setembro, *O Homem Duplicado*, realizado por Denis Villeneuve e com argumento de Javier Gullón, foi selecionado para o Festival de San Sebastian (20 a 28 de setembro).



INDIE OU ESTRELA?
Jake Gyllenhaal tem evitado ser apanhado no estereótipo do menino bonito de Hollywood, mas chegou a ser pensado para o papel de Spider-Man 2, no lugar de Tobey Maguire.

cinema

CAMPO/CONTRACAMPO

OS DOIS PROJETOS NOVOS DE MARCO MARTINS



AS ATENÇÕES DO REALIZADOR DIVIDEM-SE, por estes dias, entre Paris e Lisboa. Em França, mostra (numa versão com dez minutos de duração) o filme *Vinte e Um. O Dia em que o Mundo não Acabou*, feito em coautoria com o artista Michelangelo Pistoletto, no âmbito da exposição deste, *Année 1 – Le Paradis sur Terre*. Para esta obra, que estará em

exibição no Museu do Louvre até dia 2 de setembro, o português filmou 12 pessoas durante o dia de 21 de dezembro de 2012, a anunciada data do fim do mundo; entre elas, estava Gonçalo M. Tavares. O reencontro entre ambos faz-se na capital portuguesa: a peça *Two Maybe More*, cocriação de Marco Martins com Sofia Dias & Vítor Roriz, que parte do encontro entre a dupla de coreógrafos e o coro Gulbenkian, com estreia marcada para 6 de setembro no Teatro Maria Matos, inclui textos do autor de *Uma Viagem à Índia*.

92 VISÃO 15 DE AGOSTO DE 2013



VÊM AI OS CLÁSSICOS

A data está já marcada no calendário de outono. Terminam as férias e chega um novo álbum de **Tony Bennett: The Classics** (Sony Music) reúne 20 canções, escolhidas pelo crooner, que marcam a sua carreira, iniciada em 1951. Este álbum inclui, para além de éxitos como *Because of you* ou *I Left my Heart in San Francisco*, os duetos com Frank Sinatra, Michael Bublé, John Mayer e Amy Winehouse.

sms

O novo disco dos MGMT, MGMT, chega a 16 de setembro. O single de avanço *Your life is a lie*, tem uma sonoridade psicadélica e um refrão contagioso.

Rhonda Byrne, autora do bestseller *O Segredo*, lança um novo livro, *Hero* (Simon & Schuster's Atria Publishing Group), a 19 de novembro.

O compositor e trompetista Sei Miguel vai dar um concerto na Culturgest Porto, com a participação especial do músico japonês Aki Onda, a 19 de setembro.

O norte-americano Rutger Hauer, mais conhecido pelo seu papel de andróide em *Blade Runner*, é o protagonista de *RPG*, filme realizado por David Rebordão e Tino Navarro, com estreia marcada para 21 de agosto, que conta também com os atores portugueses Soraia Chaves, Victoria Guerra, Pedro Granger e Débora Monteiro, no elenco. A música original é de Aurea, o guarda-roupa é assinado pela dupla Os Burgueses.



TERTÚLIAS COMIDA, CONFORTO CONFRONTO

A TRIENAL DE ARQUITETURA SERVE POLÍTICA À MESA

Três jantares por semana e um «marquês», convidado pelo editor e jornalista Carlos Vaz Marques, que também se sentará à mesa, com o objetivo de debater ideias e degustar ementas originais num edifício seiscentista. Eis a proposta *The Planetary Sculpture Supper Club*, integrada no programa de *Close, Closer*, a 3.ª edição da Trienal de Arquitetura de Lisboa. Entre 15 de setembro e 14 de dezembro, as noites de sábado do Palácio Marquês de Pombal ganham sentidos originais. As inscrições estão abertas (há limite de lugares) e cada jantar tem um custo de €35. Os menus, desenvolvidos pelo Center for Genomic Gastronomy, são temáticos: *Voltar a ter tempo*, *Caviar para todos* e *Recetas para o desastre*. É só escolher.



MENU 1_Voltar a ter tempo

<p>21 setembro GONÇALO M. TAVARES</p> 	<p>28 setembro CATARINA PORTAS</p> 	<p>5 outubro DELFIN SARDO</p> 	<p>12 outubro RUI HORTA</p> 
<p>19 outubro ANTÓNIO BARRETO</p> 			

MENU 2_Caviar para todos

<p>26 outubro JOANA AMARAL DIAS</p> 	<p>2 novembro MARIA FILOMENA MÓNICA</p> 	<p>9 novembro CLARA FERR EIRA ALVES</p> 	
<p>16 novembro RUI TAVARES</p>			

MENU 3_Receitas para o desastre

<p>23 novembro INÉS MEDEIROS</p> 	<p>30 novembro HELENA ROSETA</p> 	<p>7 dezembro JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA</p> 	<p>14 Dezembro CONVIDADO SURPRESA</p> 
--	--	---	---

música

LADY GAGA VS. KATY PERRY

Uma, queima a peruca azul-bebé de *California Grl*. A outra, despe-se e rende-se às técnicas pouco ortodoxas da artista performativa Marina Abramovic. Ambas lançam agora singles originais, e continuam a disputar a coroa da cantora pop mais polémica. Nas imagens de *Roar*, incluído no álbum *Prism* que chegará só a 22 de outubro, Katy Perry rompe com a máscara da parafernália pop: a cantora incinera o seu *alter ego* e enterra-o num funeral simbólico onde o público chora. Lady Gaga também abandonou as perucas e apresenta-se de «caralavada». *Applause* é o primeiro single a antecipar *ARTPOP*, novo disco com lançamento marcado para 11 de novembro.



artes

O PODER DO_VÍDEO

HÁ VIDANOS JARDINS



Regressou à capital o Fuso 2013, o Festival Anual de Vídeo Arte Internacional. Nas noites de 20 e 25 de agosto, são exibidas instalações de vídeo em terraços e jardins no Museu da Electricidade (21 agosto), de História Natural e da Ciência (22), de Arte Contemporânea - Museu do Chiado (23), nas Ruínas do Museu Arqueológico do Carmo (24), e no Museu de Arte Antiga (25). A 21 de agosto, há uma *open call* aos artistas portugueses. E há ainda a exposição *O mar: muitas marés, uma só vaga de descontentamento*, no BES Arte & Finança, que conta, entre outros artistas, com Ana Vidigal, Paiva e Gusmão, Pedro Barateiro, Gabriel Abrantes...

15 DE AGOSTO DE 2013 VISÃO 93

v pessoas

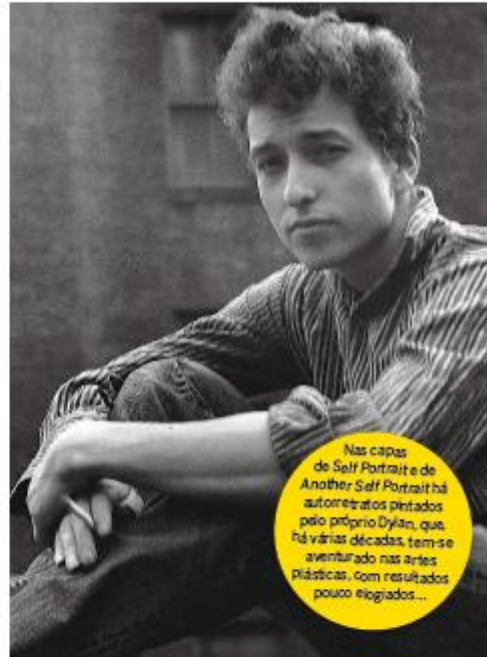
Bob Dylan Autorretrato sonoro

O álbum que explora os seus arquivos musicais, de 1969 a 1971, já tem data de saída: 26 de agosto



ANOTHER SELF PORTRAIT (1969-1971) THE BOOTLEG SERIES VOL. 10 (Sony Music), o novo álbum de Bob Dylan, é um autorretrato musical do norte-americano de 72 anos. Poderíamos até chamar-lhe obra *vintage*, já que explora arquivos musicais com mais de 40 anos e revela aspetos (ainda?) inexplorados do seu repertório vocal. Mais do que uma compilação de temas, este último volume da série *Bootleg* revitaliza o seu período menos aplaudido. É uma viagem no tempo: dá a conhecer o Dylan de 30 anos, à procura de uma identidade musical, algures entre o folk e o country. A sua anterior autobiografia, *Self Portrait* (disco editado em 1971), foi cunhada com a implacável interrogação «*What is this shit?* [o que é esta merda?]» do crítico Greil Marcus, na revista *Rolling Stone*. Mas isto foi antes de existirem blogues, Twitter, Facebook...

A acompanhar este lançamento, a National Portrait Gallery, em Londres, inaugura, no dia 24, a exposição *Bob Dylan: Face Value* (que ali ficará até 5 de janeiro). São 12 retratos em pastel, pintados pelo músico, e que representam pessoas reais e criações ficcionadas. «Desenhei durante quase toda a minha vida... Praticamente sempre que há algo para onde olhar, portanto isto não é algo novo», refere Bob, no livro-catálogo *Face Value*.



Nas capas de *Self Portrait* e de *Another Self Portrait* há autorretratos pintados pelo próprio Dylan, que há várias décadas, tem-se aventurado nas artes plásticas. Com resultados pouco elogiados...

música

DAMON VS. NOEL

GRANDES AMIGOS OU TALVEZ AINDA NÃO...

NINGUÉM SABE BEM que dose de encenação havia na mais famosa rivalidade da música pop, nos anos 90 do século passado: os Blur, de Damon Albarn, e os Oasis, dos sempre desavindos irmãos Noel e Liam Gallagher, pareciam incompatíveis, e alimentavam discussões infinitas (tão infinitas que ainda hoje há quem discuta qual era a melhor banda...). Mas o tempo faz milagres e causou surpresa, na passada semana, saber (através de uma entrevista de Alex James, baixista dos Blur) que Damon Albarn e Noel Gallagher (que, no início deste ano, tocaram juntos num concerto de solidariedade, em Londres) «são agora os melhores amigos e até estão a trabalhar juntos numa série de coisas». Uns dias depois, a reação de Noel fez lembrar os velhos tempos: «Li o que o Alex disse, mas para mim foi uma novidade...», escreveu. A luta continua? Estaremos atentos ao anunciado novo disco dos Blur e da banda de Noel, *High Flying Birds*.



sms

O romance *A Boneca de Kokoschka*, de Afonso Cruz vai ser editado, em 2014, na Polónia e na Hungria

Off The Beaten Track, com realização de João Pedro Moreira, é o nome do documentário sobre o universo e as muitas viagens dos *Buraka Som Sistema* (na foto) que se estreará em outubro, em várias cidades europeias



O presidente da Câmara do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, disse que paga «o que for preciso» para convencer Woody Allen a fazer um filme rodado na Cidade Maravilhosa

Noite tv (David Santos) vai ter disco novo, nesta *entré*: *Almost Visible Orchestra* chega a 7 de outubro e conta com colaborações de, entre outros músicos, Rita Redshoes, Minta e Luísa Sobral

FESTIVAIS OS ÚLTIMOS CARTUCHOS

NA RETA FINAL DO VERÃO, OS FESTIVALEIROS AINDA TÊM OPÇÕES

NUMA ALTURA EM QUE AS ESTATÍSTICAS, OS NÚMEROS, AS EQUAÇÕES E AS CONTAS ocupam tanto espaço nas nossas vidas, é de esperar que, um dia destes, alguém se dedique a um tipo de cálculo mais feliz: o de saber quantos festivais por quilómetro quadrado é que Portugal contabiliza. Para o público ávido que não se cansa de andar com a tenda às costas, ainda há algumas sugestões:

FESTIVAL MARÉ DE AGOSTO

A 29.ª edição tem um cartaz internacional variado: do Mali vem a vencedora de um Grammy, Oumou Sangaré; da Irlanda, chega o guitarrista Simon McBride; e do eixo Angola-Portugal, atua Aline Frazão.

IMPERDÍVEL Marta Ren (22), Anneke van Giersbergen, ex-vocalista dos The Gathering (24) e David Phillips (25)

ONDE Santa Maria, Açores

QUANDO? De 21 a 25 de agosto



FESTIVAL DO CRATO

Vai na 29.ª edição, aposta na música nacional: Diabo na Cruz, GNR acompanhados por Camané, Mitó e Márcia.

IMPERDÍVEL Os Azeitonas (28), Aurea (30) e os britânicos Skunk Anansie (31)

ONDE Crato, em Portalegre

QUANDO? De 28 a 31 de agosto



ERP REMEMBER CASCAIS

Vivam os anos 80.

A 2.ª edição deste festival revivalista decorre no Hipódromo Municipal Manuel Possolo, onde vão atuar as bandas Opus, Level 42, GNR...

IMPERDÍVEL Jos é Cid (6), Roger Hodgson, vocalista dos Supertramp (6) e The Waterboys (7)

ONDE Cascais

QUANDO? De 6 e 7 de setembro



letras

A OUTRA ESCRITA DE VALTER HUGO MÃE

O AUTOR DE 'O FILHO DE MIL HOMENS' já tem uma aura de artista pop para muitos dos seus leitores. Valter Hugo Mãe esteve ligado a vários projetos musicais, nomeadamente a banda Governo, de que era cofundador, vocalista e letrista. Desta vez, **assume a letra** do tema *Anos de Bailado e Nascimento, dos Mundo Cão*. O resultado? Estrofes provocadoras, tom confessional, melancolias e mulheres de má nota. Uma amostra? «O bandido solitário/tem a fúria de um cão/e anda às voltas pelas ruas/com a alma p'la mão./E a mulher que o quiser/ Tem de ouvir esta canção/E a mulher que o quiser/Farto peito, grande língua, anos de bailado e nascimento.» O vídeo do tema é realizado por Edgar Keats.



cinema

5 COISAS QUE NÃO SABE SOBRE RUTGER HAUER

O ATOR, DE 69 ANOS, ganhou fama com o papel do replicante Roy Batty, em *Blade Runner: Perigo Iminente* (1982), realizado por Ridley Scott. A estranha circularidade das coisas faz com que Rutger Hauer tenha vindo a Portugal por causa de outro filme de ficção científica: RPG estreou-se ontem, dia 21, nas salas nacionais, e mostra-o como um milionário disposto a tudo para ganhar um corpo jovem, através de um «role-playing game» mortal.

- Já o apelidaram de «Paul Newman holandês»
- A escritora Anne Rice disse ter-se inspirado em Hauer para compor o personagem Lestat no livro *Entrevista com um vampiro*
- Estreou-se em Hollywood no papel de um terrorista, e ao lado de Sylvester Stallone, no filme *Nighthawks* (1981). Trabalhou com Sam Peckinpah, em *The Osterman Weekend* (1983), George Clooney, em *Confissões de uma mente perigosa* (2002), e Christopher Nolan, em *Batman: O início* (2005)
- Está a revitalizar a carreira numa série de televisão. Na sexta temporada de *Sangue Fresco* (em transmissão no canal MOV), é o rei das fadas, Niall
- Em 2006, criou a The Rutger Hauer Film Factory, uma fundação onde dá aulas sobre cinema digital. Afinal, para quem observou mundos a extinguirem-se, não é difícil falar sobre representação...

22 DE AGOSTO DE 2013 VISÃO 93



ESTREIA

O céu é o limite?

Já todos conhecemos a predileção da Disney por transportes animados. Depois de viajarmos pelo alcatrão fumegante com os móbiles falantes em *Carros* e *Carros 2*, parece agora uma aventura lá bem do alto onde voam os aviões. O novo filme de animação, que estreia esta quinta-feira, 15 de agosto, conta a história de Dusty, um motor agrícola que sonha competir na mais emocionante corrida aérea de volta ao mundo. O único senão é o medo das aburças que o pequeno avião parece não conseguir controlar. Felizmente, contará com a ajuda de Skipper e de outros amigos – e, claro, terá que derrotar Ripstinger, o mauzão desta fita. **FC**

AVIZES

De Klay Hall. *Flares*, com (VO) Brad Garrett, Cedric the Entertainer, John Cleese, Julia Louis-Dreyfus, Teri Hatcher, Val Kilmer, (VF) Diogo Morgado, Eduardo Madeira, Manuel Marques, Rita Guerra. Animação, 92 min, EUA, 2013, MB



Atividades extracurriculares: Como fazer a melhor escolha para os seus filhos

Guia de ajuda para tomar as opções mais adequadas

Última atualização há 18 minutos

Comente

- Regresso às aulas vai custar, em média, 525 ...
- Manuais escolares: Como reduzir a conta?

A festa da uva



No Alentejo, a apanha da uva já começou. Se participar na vindima da Casa de Santa Vitória, em ...

Comente

O rock invadiu a cidade no segundo dia de festival



Os Muse mostraram porque é que são considerados uma das melhores bandas ao vivo da ...

Comente

Última atualização há 3 minutos

- Uma visita guiada ao Rock in Rio com Roberta ...
- A noite da "diva" Beyoncé e da celebração do ...
- 'ROCK IN RIO': De volta a casa

EUA e Rússia chegam a acordo para a eliminação das armas químicas na Síria



Os EUA e a Rússia chegaram a acordo sobre um plano de eliminação das armas químicas sírias que ...

Comente

- Armas norte-americanas entregues aos rebeldes ...
- Rússia já entregou aos EUA plano de controlo ...
- Obama adiou ameaça de ataque à Síria

Uma visita guiada ao Rock in Rio com Roberta Medina

TAMBÉM DISPONÍVEL NO SEU TABLET

App Store Google play

Google Play is a trademark of Google Inc.

+ Visitados + Comentados Top Utilizadores

1. Escola em Gaia proibe decotes "excessivos" e ...
2. Quinze causas menos comuns dos ataques cardíacos
3. Miley Cyrus: Como ela cresceu
4. Ver Almada em Lisboa

www.citroen.pt

NOVO CITROËN C4 PICASSO
295€/MÊS

CREATIVETECHNOLOGIE

CITROËN

REVISTA

GRÁTIS SEM REGISTO-QUEBRO DE PORTUGAL Edição 1071